



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AQUEOLOGIA**

**A MATERIALIDADE DA MORTE NO PERÍODO FORD (1927-1958):  
Memória e Patrimônio nos Cemitérios de Fordlândia e Belterra,  
Pará, Brasil.**

**Ádrea Gizelle Morais Costa Besen**

**São Cristóvão**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**A MATERIALIDADE DA MORTE NO PERÍODO FORD (1927-1958):  
Memória e Patrimônio nos Cemitérios de Fordlândia e Belterra,  
Pará, Brasil.**

**Ádrea Gizelle Morais Costa Besen**

Tese de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
ARQUEOLOGIA como requisito para a  
obtenção de título de Doutor em  
Arqueologia

Orientadora: Dra. Olivia Alexandre de Carvalho

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível  
Superior (CAPES).

**São Cristóvão**

**2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

B554m Besen, Ádrea Gizelle Morais Costa  
A materialidade da morte no período Ford (1927-1958): memória e patrimônio nos cemitérios de Fordlândia e Belterra, Pará, Brasil / Ádrea Gizelle Morais Costa Besen; orientadora Olívia Alexandre de Carvalho. - Laranjeiras, 2023.  
208 f., il.

Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Arqueologia e história. 2. Cultura material. 3. Cemitérios - Fordlândia (Itaituba, PA) - Belterra (PA). 4. Sepultamento. 5. Túmulos. I. Carvalho, Olívia Alexandre, orient. II. Título.

CDU 902(811.5)

**MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DE TESE DE DOUTORADO**

**ÁDREA GIZELLE MORAIS COSTA BESEN**

---

**APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE EM 30 DE JANEIRO  
DE 2023.**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Orientadora/ Presidente: Olivia Alexandre de Carvalho  
Universidade Federal de Sergipe**

**1º Examinador: Albérico Nogueira de Queiroz  
Universidade Federal de Sergipe**

**2º Examinador: Jaciara Andrade Silva  
Universidade Federal do Vale do São Francisco**

**3º Examinador: Verônica Maria Meneses Nunes  
Universidade Federal de Sergipe**

**4º Examinador: Flávio Augusto de Aguiar Moraes  
Universidade Federal de Alagoas**

***Em Memória, de Junio Clesio Moraes  
Costa, querido e amado irmão.***

## AGRADECIMENTOS

O percurso dos estudos de Doutorado tem sido em muitos aspectos percalços e autoconhecimento. E esta caminhada teve a contribuição de muitas pessoas que contribuíram de forma direta e indiretamente, e eu agradeço a todo, não deixando de agradecer primeiramente da minha família, por seu incentivo e compreensão durante esta jornada e em todos os momentos da minha vida acadêmica.

Ao meu esposo e amigo Sidinei Besen, por sua paciência, compreensão, amor e carinho durante esta etapa de minha vida. E as minhas queridas filhas, Adda e Sophie por seu amor e carinho incondicional.

Um agradecimento especial a minha orientadora, professora Olivia de Carvalho, por seus conselhos e sua paciência durante o percurso deste longo caminho.

Ao professor Albérico, professora Olivia, e a profa. Suely por acolherem tão bem minha família durante a nossa estada em Aracaju.

Um grande agradecimento ao meu amigo prof. Waldely Munduruku e sua esposa Rozellia dos Santos, por sua colaboração elucidativa durante esta pesquisa.

Ao professor Magno de Fordlândia, por sua grande colaboração durante as atividades de campo para a construção desta tese.

Agradeço à Daniela Ferreira por sempre está disposta a troca de ideias e intercâmbio de conhecimento, pois, a nossa busca em comum pela história das cidades americanas na Amazônia proporcionou momentos de discussões sobre este aspecto da história do Vale do Tapajós.

Tenho um grande agradecimento ao Antônio Castro do Centro de Memória de Belterra que auxiliou minhas pesquisas no acervo bibliográfico disponível sobre a companhia Ford em Belterra.

Quero enfatizar um agradecimento especial a Dra. Suzana Dias, professora da Universidade de Lisboa, e documentarista, por me ceder as imagens feitas durante

seu documentário em Fordlândia, que foi de grande importância para a contextualização ilustrativa desta tese.

Um agradecimento especial à minha amiga Ana Perez por seu incentivo e encorajamento para prosseguir no longo percurso desta construção de tese.

A todos os professores do PROARQ, por suas considerações e orientações sobre o pensamento arqueológico.

Tenho um agradecimento especial ao Padre José Ronaldo Brito (*in memória*), que mostrou uma luz e uma direção a seguir quando eu estava sem esperanças.

A todos os meus amigos que mesmo não tendo contribuído de forma direta nesta etapa da minha vida, me deram apoio e compreensão.

A prefeitura Municipal de Belterra, e Prefeitura Municipal de Aveiro, por disponibilizar o acesso aos cemitérios estudados nesta pesquisa.

À agência financiadora CAPES que nos possibilita seguir com este sonho dando apoio financeiro e contribuindo para a continuidade de nossas pesquisas científicas.

*“Ha momentos na vida em que sentimos  
tanto a falta de alguém,  
que o que mais queremos e tirar  
soa de nossos sonhos e abraça-la.  
Sonhe com aquilo que voce quiser.*

*va para onde voce queira ir.  
Seja o que voce quer ser,  
porque voce possui apenas uma vida  
e nela so temos uma chance  
de fazer aquilo que queremos.*

*Tenha felicidade bastante para fazê-la doce,  
dificultad fazê-la forte,  
tristeza para fazê-la humana.  
E esperance suficiente para fazê-la feliz.  
As pessoas mais felizes  
nao tem as melhores coisas,*

*Elas sabem fazer o melhor das oportunidades  
que aparecem em seus caminhos.  
A felicidade aparece para aqueles que choram,  
Para aqueles que se machucam,  
Para aqueles que buscam e tentam sempre.  
E para aqueles que reconhecem a importancia*

*das pessoas que passam por suas vidas.  
O futuro mais brilhante e baseado  
num passado intensamente vivido.  
Voce so tera sucesso na vida  
quando perdoar os erros*

*e as decepcoes do passado  
A vida e curta, mas as emocoos  
que podemos deixar, duram uma eternidade.  
A vida nao e de se brincar,  
porque em pleno dia se morre”.*

*(Clarice Lispector)*

## RESUMO

O presente estudo encontrou na cultura material funerária dos cemitérios de Fordlândia e Belterra fundados durante o Administração Ford na Amazônia, um universo de contextos históricos que preencheriam algumas lacunas sobre o viver e o morrer durante o período Ford no Vale do Tapajós. O projeto Ford na Amazônia foi implantado no final da década de 1920, pelo industrial Henry Ford, a partir da concessão de terras pelo Estado do Pará em prol da Companhia Ford Industrial do Brasil. As estavam localizadas a margem direita do Rio Tapajós e compreendia uma área conhecida como povoado Boa vista, no município de Aveiro posteriormente denominado de Fordlândia. Os estudos consistiram na identificação, e análise da cultura material funerária presente nos cemitérios históricos de Fordlândia e Belterra, precisamente nos vestígios presentes nos sepultamentos realizados entre 1928 e 1958. Foi observado também como a memória cultural e simbólica presente nas lápides das sepulturas, são representadas e sua localização espacial no cemitério. A pesquisa foi realizada a partir do estudo bibliográfico de fontes históricas, e relatórios técnicos que compreende o período Ford na Amazônia, a partir de estudos de Arqueologia Histórica e Arqueologia Funerária. Os dados sobre o contexto cemiterial foram obtidos através de observação *in loco* e inventário das sepulturas e catalogação de suas principais características. Com a sistematização dos dados foi possível identificar um ápice nos sepultamentos entre os anos de 1929 e 1934 no cemitério de Fordlândia principalmente de indivíduos adultos, e elevado número de sepultamentos de indivíduos não adultos durante as décadas de 1940 e 1950 no cemitério de Belterra. Os dados também apontam que as mortes destes indivíduos ocorreram no período em que a propagação de doenças infectocontagiosas teve maior incidência na região do Tapajós.

**Palavras-chave:** Arqueologia Histórica, Arqueologia Funerária, Período Ford, Cemitério de Fordlândia, Cemitério de Belterra.

## ABSTRACT

The present study found in the funerary material culture of the cemeteries of Fordlândia and Belterra founded during the Ford Administration in the Amazon, a universe of historical contexts that would fill some gaps about living and dying during the Ford period in the Tapajós Valley. The Ford project in the Amazon was implemented in the late 1920s, by the industrialist Henry Ford, from the concession of land by the State of Pará in favor of the Ford Industrial Company of Brazil. They were located on the right bank of the Tapajós River and comprised an area known as Boa Vista village, in the municipality of Aveiro later called Fordlândia. The studies consisted of the identification and analysis of the funerary material culture present in the historical cemeteries of Fordlândia and Belterra, precisely in the remains present in the burials carried out between 1928 and 1958. It was also observed how the cultural and symbolic memory present in the tombstones of the graves are represented and their spatial location in the cemetery. The research was carried out from the bibliographic study of historical sources, and technical reports that comprises the Ford period in the Amazon, from studies of Historical Archaeology and Funerary Archaeology. Data on the cemeterial context were obtained through *on-site* observation and inventory of the graves and cataloguing of their main characteristics. With the systematization of the data, it was possible to identify an apex in the burials between the years 1929 and 1934 in the cemetery of Fordlândia mainly of adult individuals, and a high number of burials of non-adult individuals during the 1940s and 1950s in the cemetery of Belterra. The data also indicate that the deaths of these individuals occurred in the period in which the spread of infectious diseases had a higher incidence in the Tapajós region.

**Keywords:** Historical Archaeology, Funeral Archaeology, Ford Period, Fordland cemetery, Belterra Cemetery.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cemitério da Soledade em Belém, Pará (1870).....	45
Figura 2 - Concessão de terras – Fordlândia e Belterra. Fonte: American Geographical Societ. ....	52
Figura 3 - Moradores locais que atuaram na limpeza da área de implantação do projeto Ford. Fonte (Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company).....	55
Figura 4 - Queima de floresta nativa durante a limpeza da futura Fordlândia em 1929, povoado de Boa Vista, Aveiro, Pará. (Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company. ....	56
Figura 5 - Queima de 1000 acres no povoado de Boa Vista, Aveiro, Pará em 1933. Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company. ....	57
Figura 6 - Desembarque de estruturas no porto de Fordlândia pelo navio Lake Ormac em 1929. Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company. ....	59
Figura 7 - Planta de Fordlândia demarcando áreas do complexo Ford. Fonte: American Geographical Societ (1934).....	61
Figura 8 - Vista da Vila Operária e Escola, com Rio Tapajós ao fundo. Fotografia realizada em 1931 (Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company).....	62
Figura 9 - Serraria, Casa de Força, e caixa d'água em Fordlândia, fotografia realizada em 1932 (Fonte: Collections of The Henry Ford, Gift of Ford Motor Company). ....	63
Figura 10 - Vista aérea de Fordlândia, fotografia realizada em 1934 (Fonte: Collections of The Henry Ford, Gift of Ford Motor Company).....	64
Figura 11 - Moradora de Fordlândia, residente em habitação do período Ford, localizada na Rua Boa Vista (Fotografia retirada pela autora em outubro de 2021). 66	
Figura 12 - Cemitério de Fordlândia em 1931 Fonte (Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company. ....	67
Figura 13 - Cemitério de Fordlândia atualmente, Out/2021 (Acervo da autora).....	67

Figura 14 - Casa no estilo americana, Vila Mensalista, Belterra - Pará .....	72
Figura 15 - Casa estilo americano com jardim, Belterra - Pará .....	73
Figura 16 - Fachada da Igreja Santo Antônio construída em 1943, Belterra – Pará .	74
Figura 17 - Grupo Escola Edsel Ford, Fundado em 1938, estrada oito, Belterra - Pará (Fonte: Centro de Memória de Belterra).....	75
Figura 18 - Trabalhadores limpando local para moradias em 1928 (Fonte: The Henry Ford Collection).....	92
Figura 19 - Moradia de trabalhadores de Fordlândia em 1929 .....	92
Figura 20 - Hospital de Fordlândia, 1931 (Fonte: The Henry Ford Collections). .....	95
Figura 21 -Enfermaria Hospital de Fordlândia, 1931 (Fonte: The Henry Ford Collections).....	96
Figura 22 - Cirurgia sendo realizada no hospital de Belterra em 1934.....	97
Figura 23 - Localização do cemitério na planta de Fordlândia .....	99
<i>Figura 24 - Localização do cemitério na planta de Belterra .....</i>	<i>99</i>
Figura 25 - Vista da entrada do Cemitério de Fordlândia (Foto: Acervo autora) .....	104
Figura 26 - Vista da entrada do cemitério de Belterra. (Foto: A autora). .....	104
Figura 27 – Polígono com localização do Cemitério de Fordlândia. (Adaptado do IBGE) .....	107
Figura 28 - Vista Panorâmica do cemitério de Fordlândia a partir do cruzeiro .....	108
Figura 29 - Sepultamentos realizados em 1929. (Fonte: Acervo a autora). .....	109
Figura 30 - Sepultamentos da década de 1950 com Gradis (Fonte: Acervo da autora). .....	109
Figura 31- Localização Espacial e delimitação de setores do cemitério de Fordlândia (Elaborado pela autora).....	111
Figura 32 – Lápides/ Cruz tombadas que inicialmente marcavam sepulturas do período Ford.....	114

Figura 33 - Mapa com localização do Cemitério de Belterra, e espacialidade dos sepultamentos.....	115
Figura 34 - Jazigo com sepultamentos em diferentes períodos. ....	116
Figura 35 - Sepultura infantil de 1957 (Fonte: A autora). ....	117
Figura 36 – Cruz em sepultura do cemitério de Fordlândia, com marcas de escurecimento natural, e Eflorescência (Fonte: A autora).....	119
Figura 37 – Cruz de madeira incompleta no cemitério de Belterra.....	120
Figura 38 – Cruzes de sepulturas do cemitério de Fordlândia fora de sua posição original e parcialmente cobertas por sedimento (Fonte: A autora). ....	122
Figura 39 - Sepultura com Gradis, Cemitério de Fordlândia .....	123
Figura 40 - Sepultura com Gradis, Cemitério de Belterra.....	124
Figura 41 - Sepultura Infantil com data de nascimento e falecimento, .....	126
Figura 42 - Sepultura de indivíduo adulto, Cemitério de Belterra (Acervo a autora). .....	127
Figura 43 - Cruz com tamanhos diferentes no cemitério de Fordlândia .....	137
Figura 44 - Tumulo com Cruz de Madeira, cemitério de Belterra.....	137
Figura 45 - Sepultamentos do período Ford apresentando espaços vazios, Belterra, década de 1940 (Acervo: a autora). ....	138
Figura 46 - Planta com dispersão de lápides soltas no Cemitério de Fordlândia (Elaborado pela Autora). ....	141
Figura 47 - Lápides Aglomeradas e Soltas, no cemitério de Fordlândia (Acervo: A autora). ....	142
Figura 48 - Lápide de sepultamento infantil (1934), com descrição "Filho de José Ferreira". (Acervo: a autora). ....	143
Figura 49 - Planta do Cemitério de Belterra com localização dos espaços de Sepultamento do Período Ford (1934 - 1958).....	145
Figura 50 - Sepulturas indivíduos não adultos, Cemitério de Belterra.....	147

Figura 51 - Sepultamentos da década de 1940 evidenciados com círculo vermelho; e sepultamentos da década de 1950 evidenciados por setas amarelas (Acervo: a autora).....	147
Figura 52 – Sepulturas com enterramentos de 1932, Cemitério de Fordlândia .....	154
Figura 53 – Lápide com epitáfio de dedicatória de conjugue do indivíduo sepultado, .....	157
Figura 54 - Jazigo com sepultamento Coletivo, anos de 1942 e 2003 .....	162
Figura 55 - Jazigo com sepultamento coletivo realizado em 1945, Cemitério de Belterra.....	162
Figura 56 – Sepultura de indivíduo não adulto com flores recentes,.....	164
Figura 57 - Detalhe de Epitáfio em Jazigo de 1957, cemitério de Belterra.....	167
Figura 58 - Jazigo com símbolo de Crucifixo e Epitáfio em sepultura com data de 1941 no Cemitério de Fordlândia (Acervo: a autora).....	168
Figura 59 - Cruz de concreto em Sepultura de 1958.....	170
Figura 60 - Sepultura com Crosta negra e Eflorescência, cemitério de Fordlândia.	171
Figura 61 - Lápide fragmentada, cemitério de Fordlândia.....	172
Figura 62 - Cruz com fragmentação total e parcial, cemitério de Belterra.....	173
Figura 63 - Lápides de sepulturas deslocadas, Cemitério de Fordlândia .....	174
Figura 64 -Cruz coberta parcialmente com sedimento, Cemitério de Fordlândia ....	174

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Principais Aspectos dos Sepultamentos realizados durante o período Ford .....	131
Tabela 2 - Características dos Sepultamentos nos Cemitério Fordianos. ....	139
Tabela 3 - Perfil Sociodemográfico Cemitérios Fordianos. ....	149
Tabela 4 - Aspectos dos Sepultamentos do período 1928-1958, Cemitério de Fordlândia. ....	152
Tabela 5 - Características Sociodemográficas dos sepultamentos no Cemitério de Fordlândia. ....	155
Tabela 6 - Características Sociodemográficas dos sepultamentos no Cemitério de Belterra.....	158
Tabela 7 - Aspectos dos Sepultamentos do período de 1934-1958, Cemitério de Belterra.....	160

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Aspectos observados nos sepultamentos do período Ford, presentes nos cemitérios de Fordlândia e Belterra.....	105
Quadro 2 – Ficha utilizada para coleta de dados dos sepultamentos em campo...	113

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aspectos da Arquitetura Tumular dos Cemitérios de Fordlândia e Belterra. .....	166
Gráfico 2 – Principais Símbolos Tumulares presentes nos Cemitérios Fordianos. .	169
Gráfico 3 – Estado de Preservação das Sepulturas nos cemitérios Fordianos.....	175
Gráfico 4 – Principais Agentes de Deterioração das Sepulturas .....	176

# SUMÁRIO

<b><u>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</u></b>	<b><u>XI</u></b>
<b><u>LISTA DE TABELAS</u></b>	<b><u>XV</u></b>
<b><u>LISTA DE GRÁFICOS</u></b>	<b><u>XVI</u></b>
<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b><u>17</u></b>
1. ESTUDOS CEMITERIAIS NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA	21
1.1 . <i>O FENÔMENO DA MORTE NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO</i>	21
1.2. <i>Os CEMITÉRIOS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E FONTES DE MEMÓRIA.</i>	27
1.2.1 A PATRIMONIALIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS HISTÓRICOS BRASILEIROS	36
1.3. <i>O QUE OS MORTOS FALAM: A CULTURA CEMITERIAL SOB O PRISMA DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA.</i>	39
2. O ALVORECER E O ENTARDECER DO PERÍODO FORD NO VALE DO TAPAJÓS (1927-1945).	48
2.1 FORDLÂNDIA: PALIMPSESTO E MEMÓRIA NA AMAZÔNIA PARAENSE.	52
2.1.1 MEMÓRIAS, REMEMORAÇÃO E PATRIMÔNIO DE FORDLÂNDIA.	64
2.2 BELA TERRA: A CIDADE AMERICANA DO TAPAJÓS.	68
3. VIDA E MORTE NOS SERINGAIS DE HENRY FORD.	77
3.1. AS EPIDEMIAS NO ESTADO DO PARÁ NOS SÉCULOS (1700-1930).	79
3.2. MALES DO PROJETO FORD: OS SURTOS EPIDEMIOLÓGICOS, HIGIENE E SALUBRIDADE ENTRE OS ANOS DE 1928 E 1945.	90
4. A MORTE E O MORRER NOS CEMITÉRIOS DE FORDLÂNDIA E BELTERRA: ASPECTOS METODOLÓGICOS.	101
4.1 <i>PAISAGEM, ESPACIALIDADE E ARQUITETURA DA MORTE NOS CEMITÉRIOS FORDIANOS.</i>	102
4.2 - PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS TÚMULOS	118
4.3 - OS ASPECTOS DEMOGRÁFICOS NOS CEMITÉRIOS FORDIANOS.	124
5. QUEM É TU? AQUELES QUE JAZEM NAS TERRAS DO TAPAJÓS: RESULTADOS E DISCUSSÕES.	129
5.1 - ANÁLISE ESPACIAL DOS CEMITÉRIOS FORDIANOS.	138
5.1.1- ESPACIALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DE FORDLÂNDIA, AVEIRO, PARÁ.	140
5.1.2 - A ESPACIALIDADE NO CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA EM BELTERRA.	144
5.2 – CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS SEPULTAMENTOS REALIZADOS NO PERÍODO FORD (1928-1958).	148
5.2.1- PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DO CEMITÉRIO DE FORDLÂNDIA	152

5.2.2 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DO CEMITÉRIO DE BELTERRA.	157
<b>5.3 - VARIABILIDADE TUMULAR NOS CEMITÉRIOS DE FORDLÂNDIA E BELTERRA DURANTE O PERÍODO FORD.</b>	<b>164</b>
5.3.1 - CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS SEPULTURAS	170
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>178</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>191</b>

## INTRODUÇÃO

A região Amazônica possui características ambientais e socioculturais diversas, que desde o primeiro contato dos exploradores desperta o imaginário e atrai a atenção do colonizador europeu, especialmente portugueses e espanhóis com o propósito, de identificar e explorar as riquezas minerais da região. No entanto, durante essas viagens exploratórias, também se depararam com grande diversidade do seu patrimônio natural. Sendo um desses recursos naturais a *Hevea brasiliensis*, conhecida como a árvore da seringueira presente nas várzeas altas da margem direita do Rio Amazonas. Também são conhecidas outras espécies de seringueira de terra firme conhecida como *Hevea benthamiana*, cujo látex é inferior (LA CONDAMINE, 1743).

A partir do século XVIII, a árvore torna-se mais conhecida na academia científica através do cientista francês Charles-Marie de La Condamine, que em 1743 segue o curso do Rio Amazonas, onde descobre a árvore da borracha, e descreve todo o processo de extração da seiva e de fabricação da goma, segundo o cientista “os índios fabricam garrafas, botas e bolas ocas, que se achatam quando apertadas, mas que tornam a sua primitiva forma desde que livres”<sup>1</sup>. Mas, é somente a partir de meados do século XIX que o látex da borracha começa a ser explorado comercialmente.

Os tempos áureos da borracha na região Amazônica ocorrem entre o período de 1880 e 1910 com comercialização da borracha principalmente em Belém e Manaus, Warren Dean, em seu livro sobre a luta da borracha na Amazônia relata:

*“Essa Hevea brasiliensis é uma árvore de floresta tropical, que cresce até a cúpula da floresta, a uma altura entre trinta e cinquenta metros. A princípio era mais comumente explorada ao longo dos cursos d’água, onde há maior facilidade de encontrá-la, já que suas sementes boiam. Mas, em geral, os maiores espécimes localizam-se em terras mais altas, em solos*

---

<sup>1</sup> LA CONDAMINE, Charles-Marie de. Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas / Ch. -M. de La Condamine. – Brasília: Senado Federal, 2000. 204 p.

*razoavelmente bem drenados. A árvore não se encontrava em arvoredos uniformes; ao contrário, 30 podia não haver mais de dois ou três espécimes exploráveis num hectare. Na medida em que a demanda de borracha crescia e a busca da Hevea se ampliava, descobriu-se que a Hevea brasiliensis, com exceção de algumas pequenas incursões, crescia somente na margem direita do Amazonas, num vasto semicírculo com centro a oeste de Manaus, alcançando ao sul o Mato Grosso, o Acre, o norte da Bolívia e o leste do Peru, até uma latitude de cerca de oitocentos metros, dentro daquela porção da bacia que recebia pelo menos 1800 milímetros de bem distribuída precipitação pluvial anual” (DEAN, 1989 p. 33)<sup>2</sup>.*

Com expansão da borracha a nível mundial, e controle europeu do mercado com utilização das plantações na Ásia, que Henry Ford busca uma alternativa para subsistir ao monopólio pelo mercado europeu. É nesse momento que a Ford Motor Company passa a se interessar seriamente pela Amazônia brasileira. O marco desse interesse é o encontro provocado por Henry Ford, em meados de 1925, com W. L. Schurz, o chefe da missão americana que estudou, entre 1923 e 1924, as possibilidades de plantio da borracha na Amazônia. Após a escolha da área e finalizada as negociações com o governo do estado do Pará, inicia-se no ano de 1927 a implantação da futura Fordlândia a margem direita do Rio Tapajós (GRANDIN, 2010). Com implantação do projeto, milhares de imigrantes chegam à região entre os anos de 1927 e 1932, em busca de trabalho.

Com o aumento da população, e falta de saneamento básico nos primeiros anos da implantação, surgem também problemas de saúde e surtos epidêmicos que acometem parte da população. Com isso, em 1931 já havia centenas de trabalhadores e familiares sepultados no cemitério da empresa fundado no final de 1928 (GRANDIN, 2010)<sup>3</sup>.

Os estudos cemiteriais no contexto arqueológico, aborda o fenômeno da morte a partir de uma análise comportamental, envolvendo as reações humanas sobre o

---

<sup>2</sup> DEAN W. A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.

<sup>3</sup> GRANDIN, Greg. Montingelli, Nivaldo. Júnior. Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. 2010. Rio de Janeiro: Rocco, 397p

fenômeno bem como as implicações sociais e psicológicas que ela desperta. Onde o cemitério passa a materializar as representações e simbolismo sociais de como a sociedade dos vivos percebem o mundo dos mortos, sendo um lugar de memória que reconhece o fator social dos rituais funerários.

Para Ariès (2014), cemitério desde os seus primórdios são o local onde os vivos evocam o morto e cultivam sua lembrança, sendo que este tipo de rememoração da pessoa morta, expressam o contexto histórico associado a região ao qual o indivíduo possui uma ligação social.

Neste sentido, esta Tese teve como objetivo principal, a análise e compreensão dos processos de formação da cultura material funerária presente nos cemitérios de Fordlândia e Belterra, bem como a identificação do perfil sociodemográfico dos indivíduos ali sepultados, a partir dos pressupostos da Arqueologia Histórica, da Arqueologia Funerária e dos estudos cemiteriais.

O primeiro capítulo da tese, aborda o cemitério como sítio arqueológico e fonte de pesquisa histórica, utilizando principalmente os estudos realizados por autores como Lima (1994), para análise espacial e social dos cemitérios e da sociedade que os cerca, Veit (2009), na abordagem do mapeamento cemiterial e seus contextos, Dertz (1977), para a compreensão das alterações sociais associadas ao uso de símbolos e iconografia nas sepulturas. E para uma contextualização sobre o fenômeno da morte utilizamos Ariès (2000, 2014), Godelier (2015), Reis (1991), Morin (1997).

No segundo Capítulo é apresentado o aparato histórico sobre o início da instalação e implantação do projeto Ford na Amazônia, bem como o contexto das negociações com o governo paraense. Neste capítulo, também é abordado o aspecto de Fordlândia como patrimônio cultural e dos processos formativos da cidade de Belterra até a chegada de Ford na região (GRANDIN, 2010). O início da utopia Ford também trouxe novas expectativas para a população da região Norte, e da região Nordeste, proporcionando um novo período de imigração para o Baixo Tapajós. Com a vinda destes imigrantes para Fordlândia, ocorre um aumento demográfico da população, o que incide no aumento da taxa de mortalidade, e elevado número de sepultamentos durante os primeiros anos de instalação do projeto Ford. A indústria

Ford Motor Company que necessitava de borracha para fabricação de pneus. A cidade americana na Amazônia foi construída seguindo os moldes da arquitetura norte-americana (GRANDIN, 2010; DEAN, 1989).

No terceiro Capítulo, abordamos o contexto histórico das principais epidemias que atingiram o estado do Pará desde o século XVIII, a partir de estudos realizados por Emilio Goeldi (1905), Vianna (1906), e Benchimol (1977). Também são discutidos neste capítulo os surtos epidêmicos que ocorreram durante o período de atuação do projeto Ford no Vale do Tapajós.

O quarto Capítulo apresenta os pressupostos metodológicos utilizados no âmbito desta pesquisa, com utilização de Lima (1994), Deetz (1977, 2010), e Dethlefsen (1981). Abordamos no estudo o estudo da espacialidade cemiterial, da arquitetura e arte tumular, e das características demográficas cemiterial. Estes aspectos abordados colaboram para a compreensão do contexto funerário e cemiterial através da interpretação da cultura material funerária.

O Capítulo quinto apresenta os resultados da pesquisa, a partir da análise da cultura material, que possibilitou a reconstituição dos padrões cemiteriais dos sepultamentos e seus principais aspectos. Esta pesquisa utilizou os preceitos da arqueologia e da história, que possibilitou a interpretação do cemitério como artefato, e como se deu o processo de materialização da morte nos cemitérios Fordianos.

Ainda neste contexto, foi utilizado o espaço temporal de dois períodos do projeto Ford, que compreende a administração do projeto pela Companhia Ford (1928-1945), e o período em que as plantações Ford foram administradas pelo IAN (1946-1958).

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, da pesquisa de campo aos cemitérios localizados no distrito de Fordlândia, no município de Belterra. Onde analisamos as sepulturas de acordo com suas características e contextos espaciais para delimitação temporal, onde utilizamos a transcrição de epitáfios, catalogação de fotos, análise das simbologias contidas nas obras funerárias.

## 1. ESTUDOS CEMITERIAIS NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA

*“Os cemitérios são sítios arqueológicos históricos, e são fontes importantes de informação sobre as práticas funerárias e mudanças sociais e culturais de uma sociedade”<sup>4</sup>.*

Os estudos arqueológicos em contextos cemiteriais, possuem ênfase em trabalhos desenvolvidos inicialmente nos Estados Unidos, como as pesquisas realizadas por Pearson (1982) e Deertz (2010) em cemitérios históricos do século XVII e XVIII, com o objetivo de responder questões diversas sobre as práticas funerárias em cemitérios com perspectivas e abordagens de cunho arqueológico. Esses estudos, atuam no contexto cemiterial como fonte sobre a saúde, doenças e demografia de populações que viveram em períodos mais recentes da história.

### 1.1. O Fenômeno da Morte no Contexto Arqueológico

Na Arqueologia o aspecto da morte é visto nas representações e respostas humanas perante o fenômeno da morte seguindo perspectivas sincrônicas. Dessa forma, a historiadora e arqueóloga Aparecida Oliveira<sup>5</sup>, estabelece quatro hipóteses para o fenômeno da morte, sendo a primeira hipótese da presença, de natureza ou origem cultural, construído a partir de respostas imateriais e materiais humanas diante do fenômeno da morte. A segunda hipótese trata da ausência, de natureza cultural, mas que não demanda a existência primeira do ciclo funerário como local de enterramento. Na terceira hipótese, a autora descreve a presença e ausência, como deposição dos corpos humanos simultaneamente em locais de enterramento em momentos de epidemia sendo funerário e não funerário. Por fim a quarta hipótese,

---

<sup>4</sup> LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social). Anais do Museu Paulista, São Paulo, n. 2, p. 87-150, 1994

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Maria Aparecida da Silva. Práticas Funerárias na Arqueologia: Pluralidades e Patrimônio. Clio Arqueológica, 2018, V33 N.2, p.1- 43. 2018.

trata do ciclo funerário, que ocorre simultaneamente com a higienização do morto e ao descarte do corpo, eventos de violência e agressão humanas (OLIVEIRA, 2018).

Essa relação de ritual funerário e materialidade da morte, discutidas no âmbito dos estudos cemiteriais, a partir de pressupostos teóricos metodológicos da Arqueologia são realizados nos últimos anos principalmente em cemitérios urbanos e de ordens religiosas presentes no território norte americano e brasileiro (ROEDEL, 2017)<sup>6</sup>. O antropólogo Richard Veit<sup>7</sup>, discuti esses estudos realizados em cemitérios históricos norte-americanos, e aponta que as pesquisas foram realizadas principalmente em ordens religiosas fundadas a partir do século XVI e XVIII, principalmente, Batistas, Mórmons, Anglicanas, Luteranas, Metodistas, Quakers e Presbiteranas (VEIT et. al, 2009). As pesquisas nestas ordens religiosas eram realizadas, principalmente com escavações no interior das igrejas e cemitérios anexos as mesmas. E durante os estudos, os pesquisadores procuravam compreender a filiação religiosa das pessoas sepultadas no interior da igreja e no cemitério, e identificar “*as características do sepultamento para determinar se refletiam as crenças nativas americanas, práticas católicas, ou uma combinação de símbolos católicos e nativos*”<sup>8</sup>.

Seguindo o pressuposto de pesquisas anteriores, Veit (2009), juntamente com outros estudiosos, realizou o mapeamento de cinco cemitérios fundados entre 1680-1830 vinculados as ordens religiosas, presbiteriana, anglicana e batista. Durante o mapeamento foram observados a presença de símbolos antropomorfos, imagens religiosas e outros objetos, principalmente ligados a idade e sexo.

A partir do exposto, os autores citam como exemplo de similaridades culturais e sociais:

*“(...) the shell motif was found on the tombstones of children, aged two to five years old, the tulip marker was found on the gravestones of unmarried women*

<sup>6</sup> ROEDEL, Luísa de Assis. Theoretical Perspectives to Archaeology of Mortuary practices: a brief overview. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 241-256, dez. 2017. ISSN 1983-7798. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/5339/3348>>. Acesso em: 06 fev. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/hab.v15i2.5339>.

<sup>7</sup> VEIT, Richard. Sherene B. Baugher and Gerard P. Scharfenberger Historical Archaeology of Religious Sites and Cemeteries. Historical Archaeology, v. 43, n. 1, p. 1-11, 2009

<sup>8</sup> VEIT, 2009. Op. Cit.p. 6

*and girls, and occasionally swords and Masonic symbols were found on men's gravestones" (VEIT, et.al, 2009; p. 7)<sup>9</sup>.*

Neste sentido, os autores argumentam as diferenças presentes em alguns marcadores associados ao período colonial da região estudada. Veit (2009), ainda atribui estas alterações ao processo crescente de consumismo durante o século XVIII na América, ao contrário de transições religiosas e ideológicas. E compara esses símbolos presentes nos sepultamentos aos estilos neoclássicos que eram populares com os cidadãos da nova nação, acrescentando-se que o autor também observa a ausência de símbolos coloniais em sepultamentos de nativos americanos, sejam descendentes, servos ou escravos (VEIT et.al, 2009)<sup>10</sup>.

Com as pesquisas os pesquisadores inferiram que os cemitérios históricos, são lugares de adoração e proporcionam uma nova perspectiva para as questões de etnia, classe, e status presente nos sepultamentos. Sendo ainda, importantes para elucidar questões sobre os processos históricos, sociais e culturais de uma sociedade.

Concomitantemente, no contexto brasileiro, os estudos cemiteriais são abrangentes em áreas multidisciplinares como arte funerária, arquitetura tumular, e cultura cemiterial, tendo estudos desenvolvidos em cemitérios históricos. Estudos concomitantes com outras áreas, como Antropologia, História e Sociologia, corroboram na construção de memória social e histórica, além de propiciar contexto historiográfico sobre surtos epidemiológicos ocasionados em épocas passadas. Esse conceito de memória a partir do aspecto da morte, na observação de Ribeiro (2007), “*é neste momento que se percebe claramente que os vivos falam pelos mortos, simbolizam a si mesmos, representam aquilo que se quer que se pense sobre a família, sobre o grupo social e sobre o morto*”<sup>11</sup>. Onde os gestos funerários são compreendidos como o fator comportamental, consciente, com intencionalidade e propósito.

---

<sup>9</sup> “o motivo da concha foi encontrado nas lápides de crianças, de dois a cinco anos, o marcador de tulipa foi encontrado no lápides de mulheres e meninas solteiras, e ocasionalmente espadas e símbolos maçônicos eram encontrados em lápides de homens. Tradução Nossa.

<sup>10</sup> VEIT, Richard. SHERENE B. Baugher and Gerard P. Scharfenberger Historical Archaeology of Religious Sites and Cemeteries. *Historical Archaeology*, v. 43, n. 1, p. 1-11, 2009.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Marily Simões. *Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo (SP): Alameda, 2007. 194p. Cit, p. 96.

Nas últimas décadas, com a realização de pesquisas que abordam novas perspectivas, os cemitérios passaram a ser locais de guarda da cultura e de memória de uma sociedade por conservarem a identidade de indivíduos que em determinado momento fizeram parte dela. Esses espaços *“foram concebidos precisamente para ser visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época”* (QUEIROZ, 2007; p.1).<sup>12</sup>.

A Arqueóloga Tânia Andrade Lima, como precursora dos estudos cemiteriais na Arqueologia Brasileira<sup>13</sup>, realiza uma análise diacrônica a partir de signos funerários, especialmente antropomorfos e zoomorfos, discorre que as representações da morte no imaginário coletivo, ocorre estimulados principalmente por alterações no cenário político e econômico do país durante a transição do Império escravocrata para a República capitalista. Neste estudo a autora pondera que *“os cemitérios vistos como sítios arqueológicos constituem um domínio excepcional para observação e análise, a partir da cultura material, de fenômeno de dinâmica cultural e mudança social.”* (LIMA, 1994). Neste sentido, durante os estudos, a autora procurou desenvolver a pesquisa com a perspectiva voltada para que cada cemitério fosse estudado:

*“Como um sítio arqueológico, sendo os jazigos considerados como artefatos e, nessa condição, reunindo uma série de atributos. Dentre estes, foram destacadas, privilegiadas e isoladas para análise, tendo em vista os fins propostos, não apenas a forma e a função (sempre estreitamente associadas), mas sobretudo as representações iconográficas”* (LIMA, 1994; 94)<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> QUEIROZ, Francisco. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. In "Anuário 21 Gramas", n.º 1, 2008, p. 7---12. Disponível em: [http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios\\_historicos\\_Potencial\\_Turistico\\_Portugal\\_versao\\_21\\_gramas.pdf](http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios_historicos_Potencial_Turistico_Portugal_versao_21_gramas.pdf) Acesso em 10 de janeiro de 2022.

<sup>13</sup> A Arqueóloga realizou pesquisas nos anos de 1990 em cinco cemitérios históricos no estado do Rio de Janeiro. Sendo dois cemitérios seculares: Cemitério São João Batista, em Botafogo; Cemitério de São Francisco Xavier, no Caju) e três pertencem à ordens religiosas (Cemitério da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, no Catumbi; Cemitério da Ordem de Nossa Senhora do Carmo e Cemitério da Ordem de São Francisco da Penitência, ambos no Caju) (LIMA, 1994, p.93).

<sup>14</sup> LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social). Anais do Museu Paulista, São Paulo, n. 2, p. 87-150, 1994. pp. 94.

A partir desse pressuposto, a Arqueóloga pondera, “*que os espaços destinados aos mortos em uma sociedade refletem espetacularmente o mundo dos vivos*”<sup>15</sup>. Para demonstrar a ocorrência diacrônica destes signos, a autora, assim como Deetz (1977)<sup>16</sup>, propôs identificar os adornos presentes nos jazigos seguindo preceitos metodológicos tipológicos e de seriação que se colabora para inferir sobre a mudança dos estilos dos adornos relacionados principalmente à status social e de nobreza, como, brasão, coroa, símbolos maçônicos, títulos de nobreza, de comenda e de armas (LIMA, 1994)<sup>17</sup>. Por fim, a autora atribui a relação entre determinados signos e status social, que demonstram a transição desses adornos funerários ao longo das últimas décadas do século XIX.

Neste sentido, os cemitérios atuam como lugares importantes de memória, vida e história de uma sociedade. No Brasil, os cemitérios oitocentistas preservam melhor esta história, a partir de sua arquitetura, arte tumular e iconografia. Com efeito, os cemitérios históricos são considerados patrimônios sepulcrais por possuírem tanto o artístico, histórico-cultural, arqueológico e paisagístico relacionado as manifestações de sociedades passadas. Os cemitérios como lugares de memória, são locais onde os indivíduos trazem seu sentimento de pertencimento. Em relação a memória oral e coletiva, o historiador Jacques Le Goff (1924-2014) elucida que:

*“A memória, distinguindo-se do hábito, representa uma difícil invenção, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual; como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo”. Mas entre os gregos, da mesma forma que a memória escrita se vem acrescentar à memória oral, transformando-a, a história vem substituir a memória coletiva, transformando-a, mas sem destruir” (LE GOFF, 2003; p. 436)<sup>18</sup>.*

Sob o mesmo ponto de vista, a memória coletiva de uma sociedade presente nos cemitérios históricos, assim, como já discutido por Lima (1994), que “os estudos

<sup>15</sup> LIMA, 1994. Op. Cit. p. 2.

<sup>16</sup> Segundo o autor, “as lápides atribuem a premissa básica do método, mas em certos casos, ocorrem expectativas e, a partir daí, é possível obter uma compreensão adicional de mudança de estilo, pois reflete o comportamento” (Deetz, 1977; p.68). tradução nossa.

DEETZ, James. In small things forgotten: an archaeology of early american life. New York: Anchor Books/Doubleday, 1977.

<sup>17</sup> Op. Citação. (LIMA, 1994).

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003..

*em torno do universo cemiterial como patrimônio contribuem com a definição utilizada na arqueologia que considera o patrimônio edificado como artefato arqueológico*<sup>19</sup>, e pertencente a história de uma população.

Outrossim, na legislação Brasileira, a Constituição Federal de 1988 considera, no art. 216, que são patrimônio cultural brasileiro aqueles bens de natureza material e imaterial, individualmente ou em conjunto, que são portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e que incluem, entre outros, os sítios de valor histórico, arqueológico, paleontológico e científico. Por conseguinte, na Lei Federal n. 3.924 de 26 de julho de 1961 que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, e de acordo com o tópico 3 do Art 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos: “c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, “estações” e “cerâmicos”, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleontográfico”<sup>20</sup>. Todavia, mesmo havendo legislação vigente sobre a proteção do patrimônio cemiterial brasileiro, ainda são poucos os cemitérios históricos tombados no Brasil, e os estudos destes espaços com perspectivas arqueológicas ainda são incipientes.

Em síntese, em relação aos estudos dos contextos cemiteriais seguindo a práxis arqueológica, os pesquisadores norte-americanos e brasileiros atuam principalmente sob o mesmo o ponto de vista, utilizando como preceitos teórico-metodológicos da Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual e da Arqueologia Pós processual.

No que condiz aos estudos da morte e dos contextos cemiteriais, a corrente processual procura a partir de vestígios da cultura material, inferir sobre as relações sociais de sociedades passadas. Nessa perspectiva propõe que através de analogias, seriam encontrados pontos em comum entre os grupos culturais, que possibilitariam a formulação posterior de leis gerais que explicariam os processos culturais (ROEDEL, 2017)<sup>21</sup>, onde, os diferentes gestos e tratamentos dados ao indivíduo no

---

<sup>19</sup> Op. Citação. (LIMA, 1994; p.98)).

<sup>20</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3924.htm). Acessado em 20 de janeiro de 2022.

<sup>21</sup> ROEDEL, Luísa de Assis. Theoretical Perspectives to Archaeology of Mortuary practices: a brief overview. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 241-256, dez. 2017. ISSN 1983-7798. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/5339/3348>>. Acesso em: 06 fev. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/hab.v15i2.5339>

*postmortem*, se tornam vestígios de complexidade social, estando relacionado ao status social do morto, e da variabilidade de traços culturais. Ademais, os símbolos associados ao sepultamento podem ser mais visíveis de acordo com o papel social do indivíduo no grupo a que pertenceu anterior a morte, sendo indício da complexidade social de cada sociedade (JOHNSON, 2000)<sup>22</sup>, pois, seguindo este viés processualista identificasse os vestígios funerários, como cultura material, presente nos cemitérios.

Em contraponto, seguindo uma abordagem pós-processualista, que particularmente foca no papel do indivíduo e procura compreender como ser motivador e transformador da cultura na qual está inserido. Segundo Ian Hodder (1980), a cultura, epistemologicamente pode ter diferentes definições tanto para a arqueologia processual, quanto para a arqueologia pós processual, o que pode gerar diferentes compreensões sobre os sítios arqueológicos e, especialmente no que tange as interpretações dos contextos funerários (HODDER, 1980)<sup>23</sup>. Como ressalta Marilyn Ribeiro (2007), ao citar Hodder (1980), “o significado também deriva das associações e uso de um objeto, o qual ele mesmo se torna, através das associações, um nó de uma teia de referências e implicações”<sup>24</sup>. Em suma, a materialidade da morte como abordado no viés Pós-processualista possui sua constituição principalmente, no contexto de memória social e cultural de cada sociedade, estabelecendo aos estudos cemiteriais uma carga simbólica a memória e ao contexto social envolvido.

### **1.2. Os Cemitérios como Patrimônio Cultural e Fontes de Memória.**

Os estudos arqueológicos relacionados a morte, tem em sua gênese nos locais de sepultamentos de sociedades pretéritas, seja, de populações pré-coloniais do continente americano como, os astecas, os maias, os incas, seja de sociedades do mundo antigo como egípcios, gregos e romanos, dentre outros. Estes estudos a partir da cultura material deixada por essas sociedades proporcionam aos arqueólogos uma perspectiva teórica sobre os costumes, as práticas religiosas, e os rituais (TUNER,

---

<sup>22</sup> JOHNSON, Matthew. Teoría arqueológica: Una introducción Barcelona: Editorial Ariel, 284 p, 2000.

<sup>23</sup> HODDER, 1980. Op. Cit, p.90

<sup>24</sup> RIBEIRO, Marilyn S. Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda. 2007. pp. 127.

1977; GEERTZ, 1973; WALLACE, 1966). Desta forma, com a observação destes contextos, possa se compreender os processos sociais e culturais do passado, assim como o comportamento humano perante o fenômeno da morte.

O simbolismo da morte, e as práticas de sepultamento acontecem desde a pré-história até os dias atuais, e passaram por modificações sociais e culturais na forma de tratamento dado aos mortos em diferentes grupos sociais e étnicos. O arqueólogo Steven Mithen, em seu trabalho a “Pré História da Mente”<sup>25</sup>, discuti a explosão cultural ocorrida no Paleolítico Superior, onde o Homo sapiens passa a reconhecer manifestações artísticas e o aparecimento de expressões do sagrado a partir da construção de símbolos, e novas formas de sepultar os mortos. Outrossim, cabe citar que o Homo neanderthalensis também realizava o sepultamento de seus mortos, mas, de forma menos ritualizada (MITHEN, 2002)<sup>26</sup>. Seguindo com essa representação do comportamento humano perante a morte, na Grécia antiga, os sepultamentos eram realizados em câmaras mortuárias, e túmulos individuais, sendo em alguns sepultamentos ofertados objetos, e símbolos que indicavam o status social do morto perante a sociedade (ARIÈS, 2000)<sup>27</sup>. E a partir do grego que o termo cemitério possui sua origem, não como local onde se eram realizados os sepultamentos, mas, com origem etimológica da palavra *Koumetérion*, tendo referências ao lugar onde se dorme, e somente a partir de influência do cristianismo no século I da nossa era, que passa ao significado de “campo de descanso após a morte”. A palavra *cimeterium* que no latim dos clérigos “Du Cange chama cimeterium a ‘uma igreja onde os corpos dos mortos são inumados” (ARIÈS, 2000; VERNANT, 1982). Esses sepultamentos no início da era cristã eram realizadas em catacumbas, passando a partir do século V para locais no interior de igrejas e cemitérios no seu entorno, passam a sepultar os mortos no interior das Igrejas (ARIÈS, 2000)<sup>28</sup>.

Para Philippe Ariès (2000), a aproximação dos vivos e mortos aparece nitidamente no século V, *com a inserção dos cemitérios nas cidades ou vilas, no meio das habitações dos homens*<sup>29</sup>. Essa prática de se sepultamento no interior de Igrejas perpetua até o século XV quando ocorre a crise de mortalidade ocasionada por

---

<sup>25</sup> O Arqueólogo Steven Mithen aborda em seu livro sobre as origens da arte, da religião e da ciência.

<sup>26</sup> MITHEN, S. 2002 p. 264-303.

<sup>27</sup> ROBERT, F. A religião grega, p. 04-05.

<sup>28</sup> ARIÈS, P. O homem perante a morte I. 2ª Edição. Editora Universitária: Portugal, 2000.

<sup>29</sup> Ibid, p.41

epidemias e pestes, o que ocasiona escassez de espaços no interior das igrejas, sendo necessários a ampliação dos cemitérios para os fundos e lados das Igrejas (BAYARD, 1996; ARIÈS, 2000)<sup>30</sup>.

*“A função cemiterial começava no interior da igreja, dentro dos seus muros, e continuava para além dela, no espaço que constituía os passus ecclesiastici, in circuitu ecclesiae. A palavra “igreja” não designava, portanto, apenas o edifício, mas também esse espaço todo. Assim, os costumes de Hainaut definem “as igrejas paroquiais”, “a saber a nave, o campanário e cemitério”. O cemitério propriamente dito, em sentido restrito, era, portanto, simplesmente o pátio da igreja: atrium id est cimiterium (comentários do decreto de graciano). “Galerias” e “carneiros” são as palavras mais velhas que designam cemitério na língua falada” (ARIÈS, 2000; p, 67)<sup>31</sup>.*

Outrossim, o Ariès (2014), também expõe que os sepultamentos com caráter religiosos seguem até meados do século XVIII com a mudança no comportamento dos indivíduos a partir de concepções iluministas relacionadas a vida e a morte<sup>32</sup>:

*“Atendo-nos a Paris, o deslocamento dos cemitérios começara, sem dúvida, no final do século XVI [...], mas só aparece realmente no século XVII, para continuar no século XVIII. É devido à ampliação das igrejas, tornada necessária pelas novas práticas de devoção e da pastoral, em consequência do Concílio de Trento. Essa transformação do e principalmente o desprendimento, o pouco cuidado em relação aos mortos que a acompanharam, têm um sentido psicológico” (ARIÈS, 2014)<sup>33</sup>.*

O autor também acrescenta que:

*“[...] antes do Concílio de Trento, as funções pastorais do clero eram limitadas, salvo a pregação reservada aos monges. A Contra-Reforma*

---

<sup>30</sup> ARIÈS, 2000. Op. Cit, p. 67.

<sup>31</sup> Ibid

<sup>32</sup> ARIÈS, P. O homem diante da morte II. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UNESP: São Paulo, 2014.

<sup>33</sup> Ibid, p. 377.

*aumentou-lhes a ação, mas para as novas missões era preciso lugar, que elas tomaram do cemitério sem qualquer escrúpulo. Isso explica a criação dos cemitérios do século XVII” (ARIÈS, 2014)<sup>34</sup>.*

Com essa nova concepção do cemitério não apenas como lugar físico onde se repousa os mortos, como também, lugar de percepções sociais, culturais, econômicos, políticas e religiosas. Neste sentido, os cemitérios apresentam um significado de compreensão e interpretação do passado de uma sociedade, tanto de modo individual, como coletivo, o que possibilita aos pesquisadores e estudiosos entender as mudanças pelo qual esse espaço passa ao longo dos anos e como mencionado por Philippe Ariès (2012):

*“Pensa-se, e mesmo sente-se, que a sociedade é composta ao mesmo tempo de mortos e vivos, e que os mortos são tão significativos e necessários quanto os vivos. A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos ou, mais que o inverso, sua imagem, e sua imagem intemporal. Pois todos os mortos passaram pelo momento da mudança, e seus monumentos são signos visíveis da perenidade da cidade. Assim, o cemitério retomou um lugar na cidade, lugar ao mesmo tempo físico e moral, que havia perdido no início da Idade Média, mas que havia ocupado durante a Antiguidade” (ARIÈS, 2012; p. 77)<sup>35</sup>.*

Assim como Ariès, (2012), autores como Bussières (2009), tendo esta mesma concepção, destacam que os sepultamentos e tipos de sepulturas não sofrem mudanças significativas desde o período em que se sepultavam no interior das igrejas e basílicas, ou ao seu lado, e os corpos eram colocados em caixões de madeiras, e não mais em sarcófagos de pedra como acontecia na antiguidade.

Godelier (2015), em seu estudo sobre a morte considera a representação coletiva da morte, é constituída a partir dos aspectos culturais das sociedades diante da morte, e as semelhanças entre esses aspectos oferecem uma diversidade de

---

<sup>34</sup> Ibid, p. 349.

<sup>35</sup> **ARIÈS**, P. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Edição Especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Op, Cit. p.77.

elementos e práticas sobre a relação da morte com preceitos religiosos, sociais e políticos.

Essa relação do ser humano com a morte, perpassa os tempos, segundo Morin (1997), os rituais funerários realizados pelos vivos, durante o *post-mortem* tem como concepção garantir que o morto “*chegue bem na outra vida*”, sendo realizados em diversas sociedades orientais e ocidentais.

Com o advento do iluminismo no século XVIII, a concepção da morte passa por mudanças sociais e culturais, os sepultamentos que eram realizados no interior das igrejas e no cemitério em seu entorno, passam a serem realizados em espaços cemiteriais como ocorre na atualidade. Neste período, concomitantemente, com a cientificação do pensamento e do estudo humano, ocorre as reformas sanitaristas seguindo as normas científicas de higiene e salubridade onde os cemitérios ganham nova localização a partir do tipo de terreno, de solo e vegetação. Para Philippe Ariès:

*“A partir do início do século XIX, o cemitério volta à topografia. Uma vista panorâmica das cidades e mesmo dos campos deixa hoje ver nas malhas dos tecidos urbanos manchas vazias, mais ou menos verdes, imensas necrópoles das grandes cidades, pequenos cemitérios das aldeias, por vezes em torno da igreja, muitas vezes fora da aglomeração. Sem dúvida, o cemitério de hoje não é mais a reprodução subterrânea do mundo dos vivos que era na Antiguidade, mas sentimos bem que ele tem um sentido. A paisagem medieval e moderna organizou-se em torno dos campanários. A paisagem urbanizada do século XIX e do início do século XX tentou dar ao cemitério ou aos monumentos funerários o papel preenchido anteriormente pelo campanário. O Cemitério foi (e é ainda?) o sinal de uma cultura” (ARIÈS, 2014; p. 519).*

Seguindo este pensamento, o positivista Pierre Laffitte, sugere novas considerações para os cemitérios de Paris em 1874, e afirma que “*le cimetièrre constitue l’une des institutions fondamentales de toute société quelconque il est indispensable de donner quelques sur la véritable théorie positive de l’ordre social* (LAFFITTE, 1874)”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> “O cemitério constitui uma das instituições fundamentais de qualquer sociedade é indispensável dar algumas sobre a verdadeira teoria positiva da ordem social”. (Tradução nossa).

Sob esta perspectiva, os cemitérios históricos guardam a história do povo e da comunidade em que foram construídos. Ariès (2014), considera que “*não há cidades sem cemitério*”<sup>37</sup>, pois, o cemitério transmite a história da comunidade em que foi construída, e esta história da comunidade pode ser utilizada para ligar as pessoas a esse lugar. Atualmente, a partir de novas concepções os cemitérios passam a ser um lugar de memória, cultura material e, principalmente, fonte de pesquisa histórica e arqueológica.

No Brasil, o primeiro registro de cemitério como era conhecido na Europa desde o fim da idade média, surge a partir do século XVII com a invasão da Bahia pelos holandeses (SALVADOR, 2011)<sup>38</sup>. Assim como na Europa os sepultamentos eram realizados no interior ou no entrono das igrejas, e conhecido como Adro, somente passando para locais extramuros a partir do século XIX devido as políticas públicas de salubridades após diversas ocorrências de surtos epidêmicos, principalmente o cólera, responsável pela morte de centenas de pessoas em meados do século XIX. As concepções sanitaristas da morte apoiadas por médicos e sanitaristas se apoiavam em critérios científicos desenvolvidos no século XVIII, e discutiam que os corpos em decomposição formavam vapores que causavam danos à saúde, essa teoria surge a partir de grande ocorrência de surtos epidêmicos no período (REIS, 1991)<sup>39</sup>.

Segundo o historiador João José Reis, a oposição aos sepultamentos intramuros pelos governos torna-se mais intenso após a publicação do Decreto Imperial de 1825 que afirmava ser anti-higiênico essa prática de sepultamento<sup>40</sup>.

Como citado anteriormente, os primeiros sepultamentos realizados em cemitérios eclesiásticos, ou sepulturas em latim *ad sanctos apud ecclesiam*, ocorreram em várias cidades do Brasil entre os séculos XVII e XIX. Esses sepultamentos, em sua maioria ocorriam seguindo uma posição socioespacial, de acordo com o status social do morto, como o descrito por João José Reis em “A morte é uma festa”:

---

LAFFITTE, M. Pieere. Considerations Generales a propos des Cimetieres de Paris. Typographie Rouge, Dunon et Fresné. Paris, 1874.

<sup>37</sup> Ibid, p. 519

<sup>38</sup> **SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brasil: 1500-1627. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2011.**

<sup>39</sup> REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>40</sup> Ibid

*“[...] as pessoas de qualquer condição social podiam ser enterradas nas igrejas, mas havia uma hierarquia do local e do tipo de sepultura. Uma primeira divisão se fazia entre o corpo, parte interna do edifício, e o adro, a área em sua volta. A cova no adro era tão desprestigiada que podia ser obtida gratuitamente. Ali se enterravam escravos e pessoas livres muito pobres” (REIS, 1991; p. 75)<sup>41</sup>.*

Os sepultamentos nos cemitérios oitocentistas brasileiros seguiram aspectos de hierarquia social assim como em cemitérios históricos europeus, onde as diferenças sociais criaram um panorama social discrepante tanto nos locais, como nas práticas de sepultamento nos cemitérios seculares brasileiros. Os sepultamentos eclesiásticos nos cemitérios seculares do Brasil, seguiu o costume cristão herdado dos portugueses com inumações realizadas no interior das igrejas, seguindo a tradição católica que para os fiéis assegurava a salvação da alma dos mortos, todavia esse tipo de sepultamento era permitido principalmente para indivíduos de classes sociais mais favorecidas, como mencionado por João José Reis:

*“Nem todos tinham direito à sepultura eclesiástica. Ela era terminantemente proibida aos judeus, heréticos, cismáticos, apóstatas, blasfemos, suicidas, duelistas, usurários, ladrões de bens da Igreja, excomungados, religiosos enriquecidos (se tinham profissão de pobreza), aos refratários à confissão e à extrema-unção, infiéis, crianças e adultos pagãos” (REIS, 1991; p. 174)<sup>42</sup>.*

O autor também expõe que qualquer cristão que segue os preceitos da doutrina católica poderia ser sepultado de forma ad sanctos apud ecclesiam, no entanto havia divisões nos locais, no corpo da igreja, eram sepultados indivíduos de posição social elevada, concomitantemente no adro da igreja eram sepultados os indivíduos menos favorecidos, como escravos e pessoas livres, mas muito pobres, esse tipo de organização demonstra que a organização social dos vivos perpassa para a dos mortos.

---

<sup>41</sup> Ibid, op. Cit p.175

<sup>42</sup> Ibid, op. Cit, p. 174

A estratificação social que ocorrida nos cemitérios intramuros das igrejas brasileiras seguiu até os séculos XIX, e foi debatido por outros atores. A Arqueóloga Cláudia Rodrigues, em sua dissertação de mestrado discorrer que o sepultamento eclesiástico realizado durante os séculos os XVIII e XIX nas igrejas, capelas e adjacências delas ocorreu principalmente em cidades onde predominava o catolicismo entre a população, e que esses fiéis tinham no sepultamento eclesiástico, um espaço sagrado, e uma das formas de se proceder à “*boa morte*”, cujo fim era a salvação no Além-túmulo (RODRIGUES, 1997)<sup>43</sup>.

Claudia Rodrigues também observa que os sepultamentos de indivíduos pobres, e escravos também ocorrem em Cemitérios construídos na parte externas das igrejas, sendo administrados por congregações religiosas e casas de misericórdia. Os cemitérios extramuros já era uma realidade antes de 1850 quando os sepultamentos deixaram de ser realizados dentro das igrejas. Nestes cemitérios eram enterrados os indivíduos que não faziam parte de alguma irmandade, os indigentes, os não católicos e os que receberam pena de morte (RODRIGUES, 1997; BELLOMO, 2000).

Como dito anteriormente, o contexto que levou a retirada dos sepultamentos das igrejas e criação dos cemitérios extramuros ocorre após as grandes epidemias ocorridas no Brasil oitocentista. Os médicos e sanitaristas preocupados com a forma que os indivíduos eram sepultamentos na época, viam estas práticas funerárias como prejudiciais à saúde dos indivíduos vivos. Após pressão dos sanitaristas preocupados com a higienização e salubridade dos centros urbanos os governos estabelecem novos locais para implantação dos cemitérios, que configura uma nova organização como ficou conhecida atualmente. Para Claudia Rodrigues a criação dos cemitérios extramuros:

*“[...] foi se tornando um imperativo cada vez mais forte, sobretudo nas áreas urbanas, reforçado pelo problema de superlotação dos espaços funerários adjacentes às igrejas. Os surtos epidêmicos que vitimaram grande parte da população carioca, entre 1838 e 1855, contribuíram para mobilizar ainda mais*

---

<sup>43</sup> **RODRIGUES**, Cláudia. Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformação fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

*fortemente o poder público para as questões relacionadas à higiene e saúde”*  
(LIMA, 1994; p, 90)<sup>44</sup>.

Com a implementação destes cemitérios, o domínio da igreja nas práticas de sepultamento passa por modificações, e a quebra do monopólio dos sepultamentos eclesiais como garantia da salvação. No entanto, esses novos espaços de sepultamento alteram as normas sociais e culturais da sociedade perante os rituais funerários, sendo que, *“a morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideológicas”*<sup>45</sup>. É importante esclarecer que todo o processo de retirada dos cemitérios intramuros, não foi realizado à revelia das igrejas e irmandades, que colaboram na elaboração dos projetos e regulamentação dos novos campos santos (HAUCK, 1985)<sup>46</sup>.

Conforme os registros históricos, a criação dos cemitérios oitocentistas no Brasil, está associado aos surtos epidêmicos ocorridos na época. A partir de 1850, os cemitérios extramuros adquirem nova organização e estética espacial, onde a arquitetura cemiterial é edificada com mármore e pedras, e apresentando histórias familiares. Este tipo de configuração tumular, retomar os processos de estratificação social presentes anteriormente nas práticas e rituais dos sepultamentos realizados no interior das igrejas. Com a nova percepção da morte, principalmente adquirida do positivismo, o cemitério passa a ser uma instituição familiar e sociocultural, com caráter coletivo, e como abordado por Phillippe Ariés (2014), *“o culto dos mortos adquire caráter público, o que lhe aumenta imensamente a utilidade, porque o túmulo devolve o sentimento de continuidade na família, e o cemitério o sentimento de continuidade na cidade e na humanidade”*<sup>47</sup>.

A romantização da morte, a partir das narrativas românticas do século XIX, é responsável pelas novas atitudes do indivíduo perante a morte. Ariés (2012), discorre que esse aspecto é denominado como, *“a morte romântica, retórica e antes de tudo a morte do outro – outro cuja saudade e lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX o*

---

<sup>44</sup> Op. Cit. (LIMA, 1994).

<sup>45</sup> BELLOMO, Harry Rodrigues. (org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs. 2008. p.13.

<sup>46</sup> HAUCK, João e outros – “História da Igreja no Brasil”, 2ª época: Igreja no Brasil no século XIX tomo II, 2ª ed., Petrópolis, Ed. Paulinas, 1985.

<sup>47</sup> ARIÉS, 2014. Op. Cit, 590.

*novo culto dos túmulos e dos cemitérios*". O que configura em uma nova espacialização da morte no Brasil, demonstrando pôr fim a separação dos cemitérios e igreja. Neste período, a sociedade moderna também passa a individualizar os rituais de sepultamento e a arquitetura tumulares transmite os contextos familiares da época como o status social, e as crenças religiosas. Neste sentido, o indivíduo social "*pretendia-se agora ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado, e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família*" (ARIÉS, 2012; p. 50)<sup>48</sup>.

Outrossim, com as mudanças sociais e culturais ocorridas no final do século XIX e início do século XX, os cemitérios extramuros passam a ser como repositórios de cultura e história, onde os epitáfios nos túmulos possuem informações sobre a memória social da época em que ocorreu o sepultamento. Neste sentido, esses cemitérios são um depósito de informação interdisciplinar e podem ser utilizados por historiadores, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, geógrafos, arquitetos, dentre outros pesquisadores para melhor compreender e interpretar culturas e sociedades específicas. Pois, a forma como cada indivíduo ou grupo social age perante a morte é revelada nos rituais e práticas de como enterraram os seus mortos. Sugerisse então, que essas práticas também refletem a cultura presente nos detalhes do cemitério, como vegetação, símbolos e signos presentes nas sepulturas, orientação espacial dos túmulos, dentre outros aspectos.

### **1.2.1 A Patrimonialização dos Cemitérios Históricos Brasileiros**

Os cemitérios por si são lugares de memória, cultura e patrimônio das sociedades. No Brasil os espaços cemiteriais passam a ser reconhecidos como patrimônio histórico e cultural a partir da década de 1930, com a criação do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 que estabelece a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Este decreto constituía um conjunto de procedimentos para a preservação e conservação dos bens móveis e imóveis<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> ARIÉS, 2012. Op. Cit, 50

<sup>49</sup> O "Art. 1º. Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico,

A cultura material cemiterial possui em seu contexto, histórias que ligam pessoas aos cemitérios e tem o potencial de criar um sentido de lugar de memória ou de pertencimento. Os cemitérios espaços de memórias históricas, culturais, identidades étnicas, religiosas, tornam-se um elemento patrimonial, e demonstra as mudanças socioculturais e socioeconômicas das sociedades e sua cultura funerária. Essa transformação dos valores culturais do cemitério no último século, nos permite inferir a relação entre o patrimônio cultural e o cemitério sendo materializado a cultura funerária no espaço cemiterial. Nesse sentido, o cemitério como significado da memória coletiva tem uma dimensão patrimonial cultural e simbólica, tornando-se o espelho de uma sociedade através de suas histórias contidas na arquitetura tumular, símbolos e signos.

Naturalmente, os cemitérios oitocentistas possuíam um caráter monumental com presença de arte funerária destacando as similaridades e discrepâncias entre as famílias mais abastadas e as menos favorecidas. Com o tombamento destes sítios cemitérios pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN*, nas últimas décadas a percepção dos cemitérios como patrimônio cultural apresenta uma grande variabilidade de contextos históricos, etnográficos, antropológicos e arqueológicos que precisam de proteção.

Essa relação de patrimônio e memória no contexto cemiterial, e cultura material presente nos cemitérios históricos “*faz parte de um processo de construção social e das mais variadas expressões patrimoniais que surgiram entre diferentes grupos sociais, e pode ser utilizado como patrimônio cultural da sociedade em suas múltiplas especificidades*” (SANTOS, 2011; p. 2)<sup>50</sup>. A partir dessa construção dos cemitérios como patrimônio cultural, eles passam a ser o documento das histórias e memórias das cidades, sendo as práticas funerárias, a arquitetura tumular e os epitáfios como objetos que formam o patrimônio cemiterial.

---

bibliográfico ou artístico”. Consulta realizada em 20 de março de 2022, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-25-30-novembro-1937-351814-publicacaooriginal-1-pe.html>

<sup>50</sup> SANTOS, Amilcar; VITOR, Guildolim. A construção social do patrimônio cultural através do processo de produção de representações sociais. Dourados: Revista Reflexão em História, vol.5, nº.10, Jul/Dez 2011. p. 2-3.

*“Na medida em que os antigos cemitérios não se renovam, tendem cada vez mais a se tornar vestígios arqueológicos, atrativos de curiosidade museológica, lugar de memórias residuais, o que já há algum tempo metaforizava Marcel Proust ao comparar um livro a um grande cemitério, no qual sobre a maior parte de seus túmulos não se pode mais ler os nomes apagados” (MOTA, 2009; p. 87)<sup>51</sup>.*

No contexto do patrimônio cultural, os cemitérios e a cultura funerária materializada nos sepultamentos, são fontes de mudanças culturais, sociais e históricas, sendo um reflexo das “sociedades vivas”, mas, com simbolismo próprio, com práticas e tradições funerárias que se alteram em diferentes épocas e contextos sociais e econômicos. Assim, a cultura cemiterial, possui aspecto material e imaterial, através dos artefatos concretos e os simbólicos presentes no contexto cemiterial, tornando os cemitérios históricos sítios arqueológicos com a materialização dos rituais funerários envolvidos, independentemente do tipo de sepultamento ou arquitetura tumular.

O sociólogo e pensador francês Maurice Halbwachs (1887-1945), em sua obra póstuma “A Memória Coletiva”, apresenta uma abordagem sobre o significado da morte e o espaço cemiterial. Analisando este aspecto da memória de Maurice Halbwachs (2013), a materialização da morte perpassa a alguns objetos que ornaram as sepulturas como, os signos, velas, as coroas e arranjos de flores, e concebe o espaço cemiterial como um quadro social da memória coletiva a partir da arquitetura e dos objetos simbólicos e culturais, pois, *“não há memória que não se desenvolva num quadro espacial, e todos os pensamentos do grupo tomam a forma dos objetos sobre os quais eles se concentram”* (HALBWACHS, 2013; p. 157)<sup>52</sup>. Ao tornar o cemitério como patrimônio cultural, se está patrimonializando as memórias coletivas e histórias sociais de uma determinada sociedade, bem como seus valores e organização social.

---

<sup>51</sup> **MOTA**, Antônio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.24, nº71, 2009. Disponível em: <http://scielo.br>. Acessado em 10.03.2022. p. 86-87.

<sup>52</sup> **HALBWACHS**, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. p. 157-158.

### **1.3. O que os Mortos Falam: A Cultura Cemiterial Sob o Prisma da Arqueologia Funerária.**

O fenômeno da morte desde os primórdios da humanidade faz parte da simbologia humana, e os aspectos sociais são incorporados nas práticas e rituais funerários. Na prática arqueológica, esses rituais e práticas funerárias permanecem presentes no contexto funerários após o sepultamento, como parte do aspecto social no qual o ritual funerário atua como um meio de materialização da morte no contexto arqueológico e cemiterial, o que colabora para a compreensão e interpretação da cultura funerária.

A cultura funerária, assim como outras expressões culturais, perpassa o tempo e se apresenta na cultura material arqueológica e antropológica, e deve ser interpretado como uma representação de ideologias e gestos sociais e culturais praticado pela sociedade. Em outras palavras, a construção do ritual funerário em si é baseada na criação de uma linguagem simbólica que é construída sobre diferentes formas de comunicação do grupo ao qual o indivíduo pertence, e no qual os objetos da cultura material que compõe o contexto funerário, os rituais religiosos, pode expressar os aspectos simbólicos e a relação dos vivos com o fenômeno da morte. Neste sentido, *a morte torna-se um reino contestado no qual vários elementos da sociedade competiam pelo controle dos mortos, assim como competiam pelo controle do trabalho e os produtos dos vivos*” (METCALF e HUNTINGTON, 2015; p. 328)<sup>53</sup>, pois, em todas as sociedades, a questão da morte destaca os valores culturais de maior importância através dos quais as pessoas vivenciam e avaliam as suas experiências, além das diferentes formas de comportamento demonstrado perante a morte, que constituem um dos muitos aspectos a partir dos quais é possível conhecer a natureza humana, e o seu contributo é, desde sempre, de fundamental importância para os estudos desenvolvidos na área da Arqueologia e Antropologia.

Nesta perspectiva, o estudo das diversas representações da morte inseridas nas práticas funerárias considera que a estrutura de uma sociedade pode ser conhecida através do estudo de seus rituais funerários, interpretando o contexto

---

<sup>53</sup> METCALF, P.; HUNTINGTON, R. Celebrations of death: The anthropology of mortuary ritual. Cambridge, Cambridge University Press, 2015. Online publication.

funerário, onde o mesmo age como expoente de comportamentos sociais que caracterizam a sociedade como um todo. A partir destas interpretações a Arqueologia Funerária, surge como disciplina da Arqueologia Histórica e apresenta objetivos focados nos remanescentes de práticas funerárias associadas a ciclos funerários específicos, onde a simbolização dos objetos e do corpo demandam rituais de passagem ligados ao fenômeno da morte, em seus variados aspectos (RIBEIRO, 2007; VISION, 2017).

*“The term funerary archaeology is here adopted as a broader, inclusive category to refer to the multidisciplinary study of the so-called archaeology of death, and cultural reactions to mortality between the fourth and eleventh centuries. If funerary archaeology is taken to refer to the material remains of the archaeology of death, e term funerary culture is here adopted to mean to cultural, ideological, and societal construct of which the archaeology is the physical relict” (VISION, 2017; p. 325)<sup>54</sup>.*

Seguindo este pressuposto, o antropólogo e arqueólogo Eric Vision (2017), ao investigar as práticas funerárias no período Bizantino, utiliza o aspecto metodológico da Arqueologia Funerária para os estudos multidisciplinares da cultura material referentes a Arqueologia da Morte. Portanto, a Arqueologia Funerária, se utilizada como ferramenta para os estudos cemiteriais não só fornece informações relativas à estrutura social das sociedades do passado, mas, é *"a melhor fonte de informação e que pode ser usada em outros aspectos do registro arqueológico"* (SILVA, 2005)<sup>55</sup>.

Os estudos sobre a morte e as práticas constituem um ponto importante da documentação arqueológica, sendo a Arqueologia Funerária utilizada para a compreensão do estudo do comportamento funerário e, como base para a reconstrução de uma organização social do passado. A partir da perspectiva das práticas funerárias históricas, a Arqueologia Funerária atuou como pressuposto nas pesquisas desenvolvidas pelo antropólogo James Deertz, realizadas nos cemitérios históricos do século XVII e XVIII da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, e nas

---

<sup>54</sup> VISION, Eric A. Funerary Archaeology In: he Archaeology of Byzantine Anatolia: From the end of Late Antiquity until the coming of the Turks, edited by Philipp Niewöhner, 2017. Oxford: Oxford University. 488p.

<sup>55</sup> Op. Cit, (SILVA. 2005. p. 57).

pesquisas desenvolvidas em cemitérios históricos vitorianos pelo Arqueólogo Michael Parker Pearson.

James Deertz, pressupõe a demografia da população de imigrantes da época a partir das informações sobre os indivíduos sepultados que constam nas lápides, e como parte da cultura material cemiterial estas lapides ao mesmo modo que expõem os diferentes aspectos culturais e religiosos da época, apresentam a disposição espacial das sepulturas, e inferem sobre a estratificação social.

*“Paradoxically, it is in the sort of place where we can be most assured that something of interest is buried, that it is least desirable or necessary for us to dig? namely in ceme teries where inhumations are permanently marked with gravestones bearing vital data concerning the deceased. These data usually provide us with more, and more accurate, in formation than we would be likely to get from the skeletons themselves. It is only, of course, Where stone has been used to memorialize the dead that our data have been so well preserved” (DETHLEFSEN e DEETZ, 1968; p. 41<sup>56</sup>.*

Em contraponto, Michael Parker Pearson, ao estudar os cemitérios da Inglaterra na era vitoriana investiga sobre organização social presentes nos vestígios materiais das práticas funerárias, onde o ritual de sepultamento perpassava os aspectos ideológicos e sociais da sociedade no século XIX, através das mudanças dos cemitérios e evolução dos rituais.

*“The reconstruction of social organisation throught the identification of roles (whether in burial, craft specialisation, settlement hierarchies, etc) can be challenged by the theoretical stance that social systems are not constituted of roles but by recurrent social practices. The Theoretical position adopted here comes from a tradition of social theory which considers power as central to the study os social systems” (PEARSON, 1982; p. 106)<sup>57</sup>.*

---

<sup>56</sup> **DETHLEFSEN**, Edwin; **DEETZ**, James. Eighteenth century cemeteries: a demographic view. Historical Archaeology. Vol I, 1968, pp. 40-42.

<sup>57</sup> **PEARSON**, Parker M., 1982. Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study, in Symbolic and Structural Archaeology, ed. I., Hodder. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 99–113.

No que concerne ao Brasil, as pesquisas de Arqueologia Funerária em cemitérios históricos adquirem novas perspectivas a partir dos estudos realizados por Tânia Andrade Lima em cemitérios do Rio de Janeiro. Como discutido anteriormente, esses estudos seguiram os pressupostos da Arqueologia Funerária para análise e interpretação da cultura material funerária presentes nas sepulturas. A arqueóloga selecionou cinco cemitérios históricos para o desenvolvimento do estudo, mas, apenas dois cemitérios foram estudados sistematicamente, o cemitério da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, conhecido como Cemitério do Catumbi, por se tratar de um cemitério religioso; e o Cemitério de São João Batista, como cemitério secular. Nos cemitérios selecionados foram observados principalmente os tipos de sepulturas e sua disposição espacial, sendo que o cemitério como um todo *“foi entendido como um sítio arqueológico, sendo os jazigos considerados como artefatos e, nessa condição, reunindo uma série de atributos”* (LIMA, 1994; p. 95).

Neste mesmo período a historiadora Claudia Rodrigues desenvolveu suas pesquisas de mestrado em cemitérios do século XIX no estado do Rio de Janeiro<sup>58</sup>. A pesquisadora realiza o levantamento dos processos de transformações de costumes funerários e o declínio dos sepultamentos no interior das igrejas e ordens religiosas com a criação dos cemitérios públicos em decorrência das epidemias ocorridas no segundo período imperial. Para identificar e compreender as transformações nos costumes funerários na cidade do Rio de Janeiro do século XIX, Claudia Rodrigues utilizou registros, memoriais, relatos etnohistóricos, Anais do Parlamento Brasileiro, documentação eclesiásticas e de ordens religiosas, a cultura material cemiterial.

Esses costumes funerários demonstrava as diferenças sociais, religiosas e étnicas visíveis nos rituais e símbolos no contexto funerário.

*“[...] na Corte, como ocorreu em outras cidades brasileiras, a relação entre os vivos e os mortos foi marcada por um processo de transformações que, partindo da proibição dos sepultamentos no interior das igrejas, culminou na criação dos cemitérios públicos, processo semelhante ao que ocorreu em outros lugares, em épocas distintas. [...] as práticas de sepultamento foram o*

---

<sup>58</sup> Com esta pesquisa, a historiadora Claudia Rodrigues recebe em 1995 o Prêmio Carioca de Monografia.

*ponto central das transformações funerárias, a partir de 1850, na Corte. [...] um meio de se observar em que medida as modificações nos "lugares" dos mortos implicaram em alterações no ritual fúnebre e, por conseguinte, sobre as relações entre os vivos e os mortos nos costumes fúnebres do Rio antigo" (RODRIGUES, 1997; p. 22)<sup>59</sup>.*

Com o advento dos estudos cemiteriais, os cemitérios históricos como sítio arqueológico e patrimônio cultural, é discutido pela arqueóloga Maria Aparecida Oliveira, onde sugere que o cemitério deve ser considerado como patrimônio no Brasil, pois, são poucos os cemitérios históricos tombados no País. A pesquisadora, ainda sugere uma terminologia funerária para sítios histórico, estabelecendo terminologias para espaços funerários de origem histórica como Túmulo, Túmulo-epitáfio, Túmulo vertical e mural, Túmulo horizontal em chão raso, Tumba, Lâmina ou lápide, Lapide, Capela funerária, Carneiro, Catacumba, Cemitério, Cripta, Mausoléu, Mosteiro e Claustro (OLIVEIRA, 2018)<sup>60</sup>.

Além dos estudos desenvolvidos por Tania Andrade de Lima e Claudia Rodrigues sobre as práticas e costumes funerários nos cemitérios oitocentistas do Rio de Janeiro, ocorreu nos últimos anos outras pesquisas direcionadas para os estudos cemiteriais utilizando a práxis arqueológica. Os estudos foram desenvolvidos em cemitérios históricos seculares e contemporâneos, sendo alguns tombados pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Estes estudos possuem um caráter multidisciplinar, e envolve pesquisas relacionadas, a Arqueologia, História, Museologia e Arquitetura.

A partir desses novos olhares, a cultura cemiterial vista pela perspectiva dos contextos funerários propõe uma profunda análise sobre as visões da morte e do morrer, dos rituais e práticas funerárias e a relação da sociedade brasileira com os cemitérios do período histórico e contemporâneo. Neste sentido, as pesquisas cemiteriais apresentam os cemitérios como espaços de morte e espaços de vida, ou seja, que refletem as sociedades dos vivos e estratificação social, e representam um lugar de memória, e aspecto social, cultural e simbólico, e sob o prisma da Arqueologia

---

<sup>59</sup> Op. Cit, (RODRIGUES, 1997 p.22).

<sup>60</sup> **OLIVEIRA**, Maria Aparecida da Silva. Práticas Funerárias na Arqueologia: Pluralidades e Patrimônio. Clio Arqueológica 2018, V33N2, p.1- 43. 2018.

Funerária os cemitérios são espaços que possuem informações materiais e simbólicas com significação do ambiente em seu entorno.

No Brasil os cemitérios estudados a partir desta perspectiva, como o cemitério de Santo Amaro localizado em Recife, Pernambuco, foi estudado como um retrato do passado (Fig.1). O cemitério foi inicialmente nomeado como Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção, foi fundado a partir do ano de 1851, com a finalidade de instalar os chamados “campos santos”<sup>61</sup> extramuros, ou seja, cemitérios fora do espaço das igrejas. Os estudos do cemitério Santo Amaro procuraram compreender quais grupos socioeconômicos estão representados nas sepulturas durante a segunda metade do século XIX e o contexto cultural da sociedade do Recife oitocentista (MACHADO, 2017)<sup>62</sup>. A partir de uma análise espacial e da materialidade dos jazigos como arquitetura tumular, tipos dos sepultamentos, símbolos, decoração funerária, e identidade (gênero) dos indivíduos sepultados, o autor conclui:

*“[...] que os jazigos representam na sua maioria, grupos da elite recifense daquele século, dentre os quais, podem ser encontrados grupos representantes das elites agrárias e da burguesia, das elites políticas e da nobreza; além de comerciantes e profissionais liberais. Contudo, outros grupos, também, eram sepultados no cemitério de Santo Amaro, nos espaços internos disponibilizados nos quarteirões para o enterramento de indivíduos em covas rasas, além dos jazigos pertencentes às irmandades religiosas. Essas áreas eram utilizadas pelas famílias e pelos indivíduos menos favorecidos socioeconomicamente” (MACHADO e CAVALCANTE, 2017; p. 192)<sup>63</sup>.*

Neste sentido, os estudos no cemitério de Santo Amaro, lançaram novas inferências sobre as práticas funerárias e a relação da sociedade do Recife

---

<sup>61</sup> São sepultamentos localizados em locais afastados e, principalmente, fora dos templos dos átrios dos templos religiosos.

<sup>62</sup> **MACHADO**, Filipe Diêgo Cintra. Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro: jazigos e signos da elite recifense na segunda metade do século XIX. Dissertação de Mestrado, 2017. 166p.

<sup>63</sup> **MACHADO**, Filipe Diêgo Cintra; **CASTRO**, Viviane Maria Cavalcanti de. ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO, RECIFE, PE Jazigos e Signos da Elite Recifense na Segunda Metade do Século XIX. Clío Arqueológica 2017, V32N2, p.187-208.

oitocentista com o fenômeno da morte, além de apresentar o contexto social da época através da cultura funerária e símbolos predominantes entre as elites e outras classes sociais.

Assim como o cemitério de Santo Amaro, outros cemitérios históricos no Brasil possuem as características e valores históricos, artísticos e culturais, e podem ser inseridos como sítios arqueológicos para os estudos de Arqueologia Funerária. No estado do Pará o cemitério da Soledade em Belém (Fig. 1), foi tombado em 1964 e inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).



*Figura 1 - Cemitério da Soledade em Belém, Pará (1870).  
Fonte (acervo biblioteca nacional)*

Fundado no ano de 1850, o Cemitério público de Nossa Senhora da Soledade foi inaugurado por Jerônimo Coelho, governador da província na época. Assim como outros cemitérios oitocentistas, o cemitério de Soledade foi criado com o objetivo de receber os sepultamentos de indivíduos vítimas da epidemia de febre amarela

responsável por centenas de mortes na cidade Belém. O cemitério recebeu sepultamentos de outros surtos epidêmicos como o de cólera em 1855 e de varíola em 1878, chegando a mais de 30.000 sepultamentos entre 1850 e 1880 quando se encerraram os enterros, e o cemitério passou a ser espaço de memória e musealização (CRUZ, 1952)<sup>64</sup>.

*“Os modelos arquitetônicos dos túmulos do Cemitério da Soledade indicam que o costume de se enterrar os mortos no interior de Igrejas não desapareceu em virtude de sua proibição. Em outras palavras, já que não era mais possível sepultar nos templos, os mais abastados construía para si e seus familiares túmulos em forma de templo; pequenas réplicas de igrejas que eram construídas em território bento por autoridades eclesiásticas, transformando-se, desse modo, em território santo. [...] houve uma ressignificação dos costumes, uma reinterpretação do simbólico e que a nova forma de representação dos mortos e de simbolizar a morte, como a antiga, não quebrava todos os laços entre vivos e mortos e os túmulos seriam a forma de eternizar o ente querido” (SILVA, 2005; p. 97)<sup>65</sup>.*

A materialidade das práticas funerárias, estão presentes no Cemitério da Soledade a partir de sua cultura material, e apresenta uma variabilidade da arquitetura tumular, símbolos e signos que demonstram os diferentes grupos sociais, e religiosos presentes na sociedade Paraense do século XIX. O cemitério fora dividido em quadras delimitando os espaços de irmandades e ordens religiosas.

Outrossim, os primeiros estudos arqueológicos realizados no cemitério da Soledade ocorrem a partir de 2009, para a conservação e restauração do cemitério para abertura a visitação pública como espaço museológico (MARQUES, 2009)<sup>66</sup>. Os procedimentos adotados durante as pesquisas consistiram em abertura de sondagens para verificação do tipo de arquitetura e cultura material associada aos sepultamentos. A partir das pesquisas nos documentos históricos e das sondagens os pesquisadores identificaram vestígios dos muros que delimitavam os locais de sepultamentos pertencentes as ordens religiosas.

<sup>64</sup> **CRUZ**, Ernesto. O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

<sup>65</sup> **SILVA**, Érika Amorim. O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891). São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005.

<sup>66</sup> **MARQUES**, F. L. T. Prospecção Arqueológica no Cemitério Nossa Senhora da Soledade, Belém-Pa. (Processo IPHAN no 01492.000079/2008-11). 2009. (Relatório de pesquisa).

Os Cemitérios históricos como o cemitério de Nossa Senhora da Soledade, a partir de uma abordagem arqueológica podem fornecer informações inerentes aos aspectos históricos e sociais das sociedades locais, além da estrutura social, costumes culturais, comportamento em relação a morte, e pode ser considerado como espelhos sociais.

## 2. O ALVORECER E O ENTARDECER DO PERÍODO FORD NO VALE DO TAPAJÓS (1927-1945).

*“Em 1928 chega no vale do Tapajós a Companhia Ford Industrial do Brasil e trouxe uma era de prosperidade que prometia ser duradoura. Em fins de 1945, princípios de 1946, a Ford retirou-se do Tapajós e ele mergulhou novamente no silêncio e no esquecimento, ficando ainda mais pobre do que antes”<sup>67</sup>.*

A citação demonstra o início da utopia Ford no Vale do Tapajós anteriormente a fundação de Fordlândia. Sendo o auge da estagnação da extração da borracha natural no Brasil que ocorreu durante a primeira década do século XX, devido à falta de demanda ocasionada pela forte oferta de produto proveniente das plantações inglesas localizadas principalmente na Ásia (HOMMA, 2012; COSTA, 2012; DARREN, 1988)<sup>68</sup>.

*Em 1908, a produção de borracha extrativa da Amazônia representava 94,4% do total mundial; em 1913, a produção de borracha do sudeste asiático alcançou a produção do vale amazônico; e, em 1918, a produção de borracha extrativa da Amazônia caiu para 10,9% do total mundial (HOMMA, 2013; p. 125)<sup>69</sup>.*

Dentro deste contexto, com o monopólio do mercado internacional pela Inglaterra, principal fornecedor de borracha natural para a indústria norte americana, a indústria Ford (Ford Motor Company), procurando maior autonomia encontra como alternativa, investir na plantação própria da *Hevea Brasiliensis* em áreas previamente localizadas na região Amazônica. A partir desse pressuposto, Henry Ford (1863-1947)<sup>70</sup>, com a finalidade de obter informações sobre as áreas propícias para o cultivo

---

<sup>67</sup> FRANCO, Eimar. O Tapajós que eu vi. Santarém: Ed. ICBS, 1998.

<sup>68</sup> COSTA, F. de A. Formação agropecuária da Amazônia: os desafios do desenvolvimento sustentável. v. 1. 2. ed. Belém: NAEA, 2012.

HOMMA, A. K. O. A questão da produção do conhecimento regional e a biodiversidade. In: LINS NETO, J. T.; LOPES, M. L. B. 1912-2012 cem anos da crise da borracha: do retrospecto ao prospecto: a Amazônia em doze ensaios: coletânea do VI ENAM. Belém: CORECON-PA, 2013 p. 121-145

<sup>69</sup> Op.cit, Homma, 2013.

<sup>70</sup> Henry Ford, foi um industrial norte americano, fundador da **Ford Company Motor**.

artificial das seringueiras em larga escala já identificadas na expedição de Willian L. Schurz em 1923<sup>71</sup>.

A partir deste período de transição que a Ford Motor Company passa a se interessar pela *Hevea Brasiliensis* da Amazônia Brasileira. Com início do projeto a partir do encontro entre Henry Ford e William Lytler Schurz em 1925. Schurz foi chefe da missão americana que estudou, entre 1923 e 1924, as possibilidades de plantio da Seringueira e produção da borracha na Amazônia (GRANDIN, 2010)<sup>72</sup>. Utilizando as informações obtidas por William Schurz, Henry Ford envia em 1926 uma comissão científica para a região do Rio Tapajós liderada pelo botânico Dr. Carl. La Rue da Universidade Americana de Michigan (GARFIELD, 2013; GRANDIN, 2010)<sup>73</sup>.

A expedição de La Rue financiada por Henry Ford, procurava investigar os potenciais áreas para as plantações de Seringueiras exclusivas para a indústria Ford. Essas áreas já haviam sido previamente escolhidas para o estudo. Um dos objetivos da missão seria realizar análise na composição dos solos da região. Além da análise sobre solos, a equipe pesquisou elementos relacionados a aspectos socioculturais da população nativa da região, relações de trabalho, especialmente dos aviadores da borracha e extrativistas, características físicas e ambientais como vegetação, clima e solo (LA RUE, 1927; GRANDIN, 2010)<sup>74</sup>.

As informações levantadas pela expedição, concluía que o Vale do Tapajós possuía grande potencial para produção de sementes da borracha, do ponto de vista topográfico, e solo com condições ideais para o cultivo, confirmando assim a viabilidade do cultivo de seringueiras para a obtenção de borracha a ser utilizada pela Ford Motor Company:

*“O solo era rico, com tonalidade de vermelho e amarelo. Vimos muitas boas árvores antigas e não há dúvida de que muitas renderiam até um galão de látex por dia. O local era alto o suficiente para ficar fora do alcance de*

<sup>71</sup> Expedição intitulada como American Rubber Mission, e liderada por William Lytler Schurz, adido comercial da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. A expedição financiada pelo Congresso norte-americano tinha como objetivo averiguar e confirmar a conveniência de desenvolver o cultivo da borracha na América Latina, a missão reunia especialistas em solos, economia e botânica.

<sup>72</sup> GRANDIN, Greg. Montingelli, Nivaldo. Júnior. Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. 2010. Rio de Janeiro: Rocco, 397p.

<sup>73</sup> GARFIELD, Seth. In search of the Amazon, 1ª edição, Durham e London, 2013, p. 63.

<sup>74</sup> LA RUE, Carl. Report, "A Report of the Exploration of the Tapajós Valley," April 19, 1927. Op. Cit, (Grandin, 2010).

*mosquitos, composto por grande parte de platôs cortados por cursos d'água e sem pântano, tornando o local perfeito para um assentamento” (GRANDIN, 2010; p. 83<sup>75</sup>.*

No entanto, a expedição de La Rue percorreu áreas não visitadas pela expedição de Schulz em 1923, o que levou Henry Ford a ter relatório favorável as áreas no Vale do Tapajós. Outro importante aspecto observado pela expedição foram as relações de trabalho entre os aviadores e os extrativistas de látex, que seriam similar a escravidão, onde as bolas de borracha eram utilizadas principalmente para troca por mantimentos, sendo que os extrativistas ficavam dependentes dos aviadores que repassavam mantimentos de péssima qualidade e com preços exorbitantes, o que contribuía para o eterno endividamento dos coletores de látex (GARFIELD, 2013; GRANDIN, 2010)<sup>76</sup>.

Após a expedição de La Rue, com os resultados ditos favoráveis apresentados no relatório científico<sup>77</sup>. Henry Ford envia em setembro de 1927 seu representante Willis Long Reeves Blakeley e o advogado Oscar Ilde, para formalizar a concessão de terras com o governo brasileiro, e constituir a Companhia subsidiária que conduziria o projeto das plantações Ford (GRANDIN, 2010; LOURENÇO, 1998).

As negociações se deram propriamente com o governo do estado do Pará, estado da confederação onde as terras estavam localizadas. Em julho de 1927, Brakely e Ide se reuniram com o governador Dyonisio Bentes, para discutirem a faixa territorial concedida e aprovação do legislativo estadual, sendo o termo de concessão encaminhado ao legislativo em nome representante Willis Long Reeves Blakeley sob a Lei Estadual no 2.592. Nos termos do acordo, o governo paraense disponibilizou uma área de 14.562 quilômetros quadrados para a exploração da Companhia Ford no Brasil, sendo acertado a plantação de 400 hectares de seringueiras, que deveriam ser plantados em um intervalo máximo de um ano<sup>78</sup>. Em sua Dissertação publicada em

---

<sup>75</sup> Op. Cit, (Grandin, 2010).

<sup>76</sup> Op. Cit, (GARFIELD, 2013; GRANDIN, 2010).

<sup>77</sup> Fontes citam que La Rue, utilizou informações em seu relatório contestáveis, pois, ao contrário de terras apropriadas para plantação imediata, as áreas disponibilizadas para Companhia Ford, possuíam terreno irregular, com áreas montanhosas, e com chuvas abundantes, o que dificultaria a navegabilidade em algumas épocas do ano (LOURENÇO, 1998).

<sup>78</sup> **PARÁ**. Mensagem Apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solene de abertura, Ed. 2ª Reunião da sua 13ª legislatura Dionysio Ausier Bentes, 1928, pp. 123-124.

1998, a historiadora Elaine Lourenço<sup>79</sup>, discute que após a transferência da área territorial para Companhia Ford Industrial do Brasil, através do decreto 4.374 de 1927 do Palácio do Governo do Estado do Pará. Nos termos do acordo, também foram inclusos tópicos com a isenção de impostos tanto da exportação, quanto da produção de produtos, o que favoreceria o início das atividades (DEAN, 1989)<sup>80</sup>. O título definitivo das terras de Henry Ford, no Pará, foi emitido em nome da Ford Industrial do Brasil e expedido em 18 de agosto de 1928, conforme previsto no Artigo 2º, firmado em contrato entre W. L. Reeves Blakeleye e o Governador do Estado do Pará Dyonisio Bentes<sup>81</sup>.

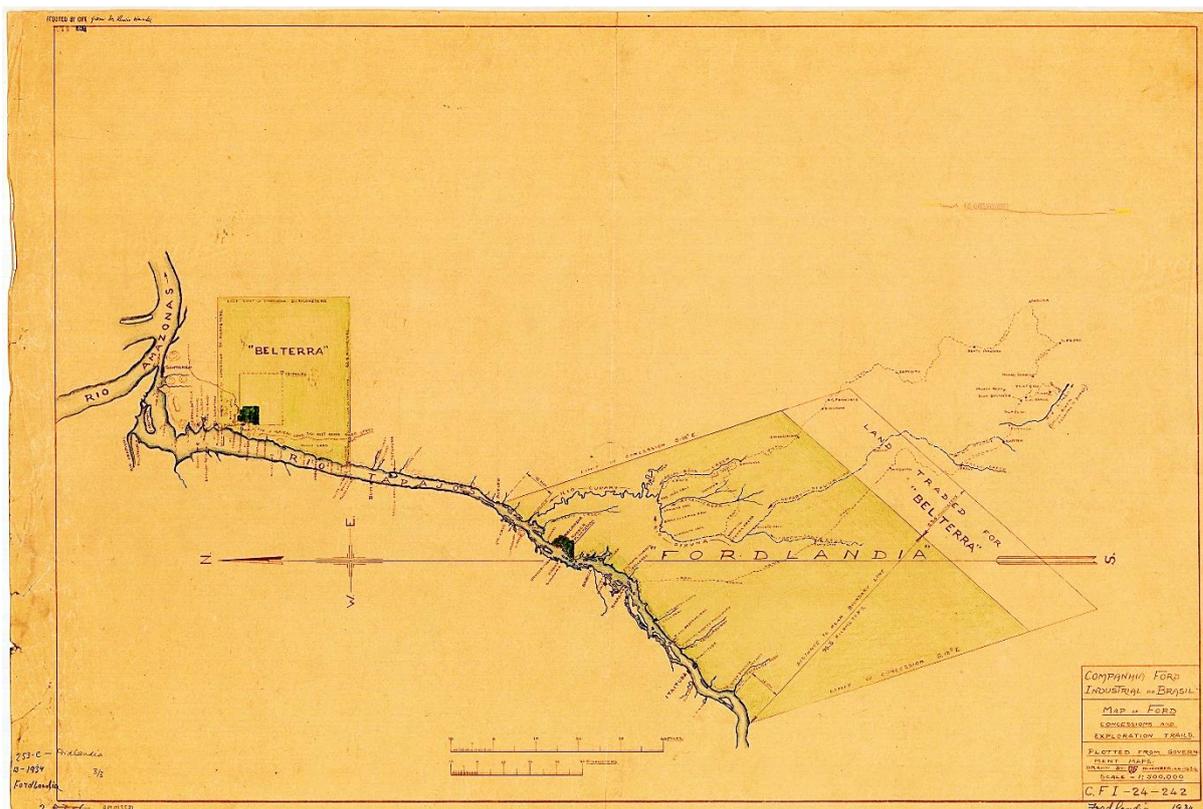
É importante enfatizar que a área territorial concedida a Ford Company motor na primeira concessão de terras de 1000.0000 de hectares, e não apenas compreendia o local das instalações físicas e estruturais do projeto, mas, extensa área com abrangência dos municípios de Aveiro, Itaituba, Rurópolis e Trairão. Uma, segunda concessão ocorre devido ao declínio do primeiro projeto ocasionado por fatores naturais (pragas nas plantações), e humanos (insatisfação dos trabalhadores e elevado índice de mortes). Sendo assinado no ano de 1934 um termo aditivo de concessão de uma segunda área para a Companhia Ford do Brasil, que após novos estudos, foi determinada nova área localizada ao norte da primeira concessão, também à margem direita do Tapajós (GRANDIN, 2010) (Fig.2).

---

<sup>79</sup> **LOURENÇO**, Elaine. Americanos e caboclos: Encontros e desencontros em Fordlândia e Belterra - PA, Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1998.

<sup>80</sup> **DEAN** W. A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.

<sup>81</sup> **PARÁ**. Mensagem Apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solene de abertura, Ed. 2ª Reunião da sua 13ª legislatura Dionysio Ausier Bentes, 1928, pp. 125-126.



**Figura 2 - Concessão de terras – Fordlândia e Belterra. Fonte: American Geographical Societ).**

Com a finalização dos trâmites para a concessão de terras entre o governo do Estado do Pará e a Ford Motor Company para a instalação da Companhia Ford Industrial do Brasil, localizado no povoado de Boa Vista, município de Aveiro. Inicia-se o processo de construção da cidade inspirada nos moldes americanos (GRANDIN, 2010; IPHAN, 2010).

## 2.1 Fordlândia: Palimpsesto e Memória na Amazônia Paraense.

Em setembro de 1926 chega ao povoado de Boa Vista a expedição científica do Dr Carl D. La Rue (LA RUE, 1927). Na época, Boa Vista era um pequeno povoado localizado no município de Aveiro às margens do Rio Tapajós, sendo conhecido por viajantes e exploradores que visitaram a região (COUDREAU, 2020; BATTES, 1979). Esses viajantes percorriam sobre as belezas naturais, culturais e riquezas minerais da região. O naturalista Henry Coudreau (1859-1899), que visitou a região no fim do

século XIX, descreve a região como sendo uma região com pequenas alterações climáticas, e possuindo um clima quente e úmido, próximo as corredeiras, e agradável conforme se avança o interior do rio.

*“Les Tapajós, en bas des cascades, il fait plus chaud, plus humide et plus fébrile que les Tapajós des cascades. Et plus vous allez loin dans les hautes terres de l’intérieur, plus vous trouvez un climat agréable, tempéré et sain. [...] Bien que ce ne soit qu’une longue vallée humide et chaud et le Tapajós inférieur détient un pittoresque qui sans aucun doute à quel point il était étrange pour l’établissement d’un grand nombre de villages qui suivent sur ses rives.” (COUDREAU, 2020; p. 16)<sup>82</sup>.*

Henry Coudreau ([1897],2020), também relata, que o distrito de Aveiro foi fundado em 1781, de acordo com decreto do governador José de Nápoles Telles Menezes, mas, anterior ao decreto era denominado Taparajó Tapera, devido à presença de populações indígenas vindos do alto tapajós. E em 1766 essa aldeia jpa possuía uma igreja coberta de palha e tinha como diretor o sargento José Antônio de S. Payo:

*“Por ato de 23 de agosto de 1781, José de Nápoles Tello de Menezes, governador e capitão-general do Grão-Pará, com o “eficaz desejo de aumentar de povoações, promovendo todos os meios conducentes do comércio, da agricultura, e indústria, com um dos principais objetivos do adiantamento e da felicidade do estado,” resolveu dar à paragem de Taparajó-tapera a denominação de lugar de Aveiro” (FERREIRA PENA, p. 98)<sup>83</sup>.*

A economia da região de Aveiro nas primeiras décadas do século XX, consistia principalmente na pesca artesanal, e na coleta extrativista do látex pelo sistema do aviamiento<sup>84</sup>. Em seu relatório, Carl La Rue (1927), descreve que o Valle do Tapajós possui grande riqueza ambiental, mineral, e diversidade de recursos naturais, composto por variabilidade de solos vermelhos, e amarelo. O pesquisador também relata a presença de algumas árvores nativas da seringueira que apesar da idade, ainda estão produzindo:

<sup>82</sup> **COUDREAU**, Henry. VIAGEM AO TAPAJOS. 1ª Ed. Garnier, Belo Horizonte, 2020. 160p.

<sup>83</sup> **FERREIRA PENA**, D. S. A Região Ocidental da Província do Pará. Tipografia de Belém. 1869.

<sup>84</sup> O aviamiento consiste no processo de coleta do látex por extrativistas na floresta, e repasse do produto para intermediários, os chamados aviadores.

[...] *“Some planted rubber trees here show exceptionally good development, and an old abandoned onese plantation is still in full production. [...] Nowhere have I seen such a fine growth of ozono trees as here. There is a great deal of Heves rubber in this region and Castillon rub ber is also found. There is probably a large amount of wild rubber in the country (LA RUE, 1927; p. 8)”*<sup>85</sup>.

Em seu relatório, o botânico discorre que a economia das famílias locais se baseava na agricultura de subsistência, com plantio de milho, mandioca, arroz e café, além da coleta extrativista. Em consequência de sua pesquisa na região, Carl La Rue, conclui que a região do Tapajós por possuir solo fértil, poderá desenvolver excelentes espécies de *Hevea brasiliensis*. Outro fator que contribui para o desenvolvimento da produção é a localização com distância para o escoamento da produção que seguiria para o Estados Unidos, bem como a redução nos custos de transporte para o envio de equipamentos e suprimentos para a plantação. La Rue (1927), expõe em seu relatório para Henry Ford, e segundo suas observações realizadas durante as expedições de 1924, 1925 e 1927, é possível que plantações de *Hevea brasiliensis* no Tapajós tenham grandes possibilidades de sucesso, se comparadas a outras plantações de *Hevea* no oriente (LA RUE, 1927; p. 9)<sup>86</sup>. Cabe frisar, que La Rue, mesmo apresentando parecer favorável, deixa de expor em seu relatório, não levou em consideração o contexto ambiental da região, como as dificuldades de acesso à região do Tapajós no período de estiagem das chuvas, bem como a irregularidade do relevo local, que seria um fator para a perda de nutrientes do solo no período chuvoso em caso de desmatamento de florestas nativas.

Com o parecer positivo de Carl La Rue para plantação de seringais no Valle do Tapajós, Henry Ford inicia o processo de solicitação para concessão das terras junto ao governo paraense, com a colaboração de Jorge Dumont Villares. Após a finalização do processo de concessão da área territorial, é iniciado o projeto logístico para envio da infraestrutura e equipamentos que subsidiariam a implantação de sua cidade empresa na Amazônia Brasileira. Esses equipamentos foram enviados em dois navios, o Lake Ormoc e Lake Farge, com chegada no povoado de Boa Vista, em Aveiro no ano de 1928:

---

**<sup>85</sup> LA RUE, Carl Downey. "A Report of the Exploration of the Tapajos Valley". Texas, 1927.**

<sup>86</sup> Ibid. Op. Cit, pp. 9

*“Deverão aportar amanhã cedo a esta cidade os primeiros navios da empresa Ford. São elles o paquete Lake Omack e o pontão Lake Farger. Esses navios veem carregados de matérias e mercadorias destinados a Boa Vista, futura City-Ford. A descarga será feita, neste porto, em alvarengas (embarcações) fretadas à boot line, dada a possibilidade deos navios chegarem até a sede dos trabalhos da empresa, por falta de água nos baixios de boim (A CIDADE, 1928; p. 2)”<sup>87</sup>.*

Com a previsão de chegada dos equipamentos, Jorge Dumont Villares contrata dezenas de trabalhadores locais para atuarem nos trabalhos de preparação da área onde seria implantada a cidade empresa de Ford (Fig. 3). Primeiramente foi realizado “limpeza” da área, que consistia principalmente na retirada de árvores de grande e médio porte, e subsequente seleção das espécies que seriam utilizadas na construção e serraria, com queima do restante (Figuras. 4 e 5).



**Figura 3 - Moradores locais que atuaram na limpeza da área de implantação do projeto Ford. Fonte (Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company).**

Em seu livro “*Fordlândia: The Rise and fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City*”, o historiador Greg Grandin<sup>88</sup>, expõe, que o processo de limpeza ocasionou

<sup>87</sup> **JORNAL A CIDADE**, Rio de Janeiro, 1928.

<sup>88</sup> **GRANDIN**, Greg. *Fordlândia: The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City*. Edition: illustrated: Publisher: Henry Holt and Company, 2010. 436p.

grande devastação da vegetação nativa entre os anos de 1928 e 1934, podendo ser considerado o maior incêndio do vale do Tapajós, e tendo como consequência, uma elevada mortandade de animais selvagens e aves, e seguindo as palavras do autor, esse episódio é registrado como:

*"(...) "the largest burning, which another has ever seen in tapajós, or most of the Amazon, with flames that rose to more than thirty meters, and duration of days, forcing wild animals to flee, and some birds ended up falling into the ground on fire" (GRANDIN, 2010; p. 146)<sup>89</sup>*



**Figura 4 - Queima de floresta nativa durante a limpeza da futura Fordlândia em 1929, povoado de Boa Vista, Aveiro, Pará. (Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company.**

---

<sup>89</sup> Op. Cit (GRANDIN, 2010)



**Figura 5 - Queima de 1000 acres no povoado de Boa Vista, Aveiro, Pará em 1933. Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company.**

Além da devastação ambiental, o desmatamento ocasionado pela implantação do projeto Ford, no Rio Tapajós pela Companhia Ford Industrial do Brasil, também ocasionou grandes mudanças sociais e culturais na vida das populações tradicionais e indígenas que habitavam a localidade, que tiveram de deixar suas propriedades e se deslocarem para outros povoados. Segundo Grandin (2010), muitas dessas famílias eram originárias do local e sobreviviam do extrativismo do látex da borracha, e da agricultura de subsistência, sendo, que após a implantação do projeto Ford, alguns membros das famílias passaram a trabalhar na agroindústria Ford.

Grandin (2010), ainda expõe que com desmatamentos não planejado, ou seja, considerando o relevo, o clima da região, e a falta de equipamento apropriado, que ocasionou grande demora no processo de limpeza, além da falta de moradia apropriada para trabalhadores, e equipamentos necessários para proteção na selva Amazônica<sup>90</sup>. Essas intempéries, como picadas de animais peçonhentos, e exaustão,

---

<sup>90</sup> Op. Cit. (Grandin, 2010).

juntamente com a má alimentação foi responsável por elevadas taxas de mortalidade entre os trabalhadores como descrito por Greg Grandin:

*“In the best of conditions, clearing jungle is brutal, close-in work. But as October ran into November, elevated temperatures were hitting 106 degrees. Exhaustion and sickness overcame the contracted laborers who made up Fordlandia’s first crew as they hacked their way into the dense, dank wood with machetes and cutlasses. They worked stripped to the waist: throughout the day, as the sun rose and the humidity increased, their bodies, covered with sweat, were scraped by thorns and branches, and punctured by the bites of ticks, jiggers, black flies, and ants. The workers were not provided hats though these were indispensable when making the first pass at jungle clearing, as often the chopping of a creeper or a vine could disturb insect nests, raining scorpions, wasps, or hornets on those below. Just a touch of a branch or a vine and within seconds a swarm of ants could cover a body, leaving workers red with festering bites. The mortality rate was high, as workers, bending low to chop the undergrowth, died quickly from snakebites or suffered a more prolonged wasting away from fever, infection, or dysentery” (GRANDIN, 2010; p. 132) <sup>91</sup>.*

Mesmo com a alta taxa de mortalidade entre os trabalhadores<sup>92</sup>, o processo de limpeza florestal continuou. E com a chegada iminente dos navios com os equipamentos e suprimentos em 1929, aproximadamente 400 hectares foram desmatados para plantio de *Hevea brasiliensis*, e edificações de moradias para os trabalhos, galpões administrativos, além de barracões para o cultivo das mudas de seringueiras (Fig.6). Essas instalações vieram em sua maioria dos Estados Unidos, o complexo industrial foi baseado nas estruturas da cidade empresa de Ford localizadas em Dearborn (GRANDIN, 2010)<sup>93</sup>.

Seguindo o modelo das instalações de Dearborn, a implantação da futura Fordlândia seria projetada a partir de critérios hierárquicos, com as moradias sendo distribuídos segundo a função exercida pelos trabalhadores. A área urbana que seria localizada próximo as margens do rio Tapajós, para facilitar o acesso, com setores para as moradias de trabalhadores, prédios industriais, de administração, salão para lazer, e escola. As áreas destinadas para as plantações ficariam localizadas em terraços ao sul das estruturas urbanas. Para essa nova cidade implantada em meio a selva Amazônica. A Companhia Ford Industrial planejou também construção de um

---

<sup>91</sup> Grandin (2010).

<sup>92</sup> Esse tema será mais bem abordado no próximo capítulo desta Tese.

<sup>93</sup> GRANDIN, Greg. Fordlândia: The Rise and Fall of **Henry Ford's Forgotten Jungle City**. Edition: illustrated: Publisher: Henry Holt and Company, 2010. 436p.

moderno hospital, e local destinado a um cemitério, conforme planta desenhada em 1934 (Fig. 7). As estruturas para moradias de trabalhadores estavam distribuídas em complexo A e B para os operários, conhecida como vilas operárias, Vila americana, e barracões para solteiros. A planta de Fordlândia desenhada em 1934, já incluía todo o complexo urbano e industrial, além de ferrovias, estradas, e distribuidora de água. Em relação a arquitetura das casas, todas seguiam o estilo norte-americano de moradias populares<sup>94</sup>.



**Figura 6 - Desembarque de estruturas no porto de Fordlândia pelo navio Lake Ormac em 1929. Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company.**

Em 1931, a Companhia Ford Industrial já contava com aproximadamente 3000 funcionários e suas famílias, chegando a possuir 4000 habitantes (GRANDIN, 2010). Para abrigar todas essas pessoas, o complexo Ford já possuía instalações modernas (Fig.8), podendo ser comparadas as melhores metrópoles da época, sendo notícia de jornais internacionais e nacionais como o *Cruzeiro* de 1931, que noticiava a presença de luz elétrica, destacando as vestimentas das esposas dos administradores de Fordlândia: *“no clarão da luz elétrica, vemos vestidas como nas mais elegantes*

---

<sup>94</sup> As observações sobre a estrutura e arquitetura das casas foram realizadas In-loco, a partir de visitas técnicas em junho de 2019, e outubro de 2021.

*reuniões sociais de Nova York e Rio de Janeiro, as esposas dos funcionários da Ford” (O CRUZEIRO. 1931)<sup>95</sup>. No mesmo ano, O Cruzeiro também se refere a Fordlândia como parte de suas instalações a presença de:*

*“Uma escola, um hospital modelo, um mercado, avenida, um campo de futebol, um cais de atracação e desembarque. Em volta da cidade recém-nascida, para lhe garantir o desenvolvimento e a prosperidade, há já 350.000 pés de héveas plantadas e viveiros com 650.000 mudas” (O CRUZEIRO, 1931; p. 7)<sup>96</sup>.*

Com a instalação da Companhia Ford do Brasil no Vale do Tapajós, jornais de todo o Brasil noticiava o progresso que chegara na região Amazônica, além de evidenciarem o auge econômico que ocorreria na região a partir do projeto Ford.

---

<sup>95</sup> **O Cruzeiro**, 28 de novembro de 1931, p. 4.

<sup>96</sup> **O Cruzeiro**, 30 de dezembro de 1931 p. 7.

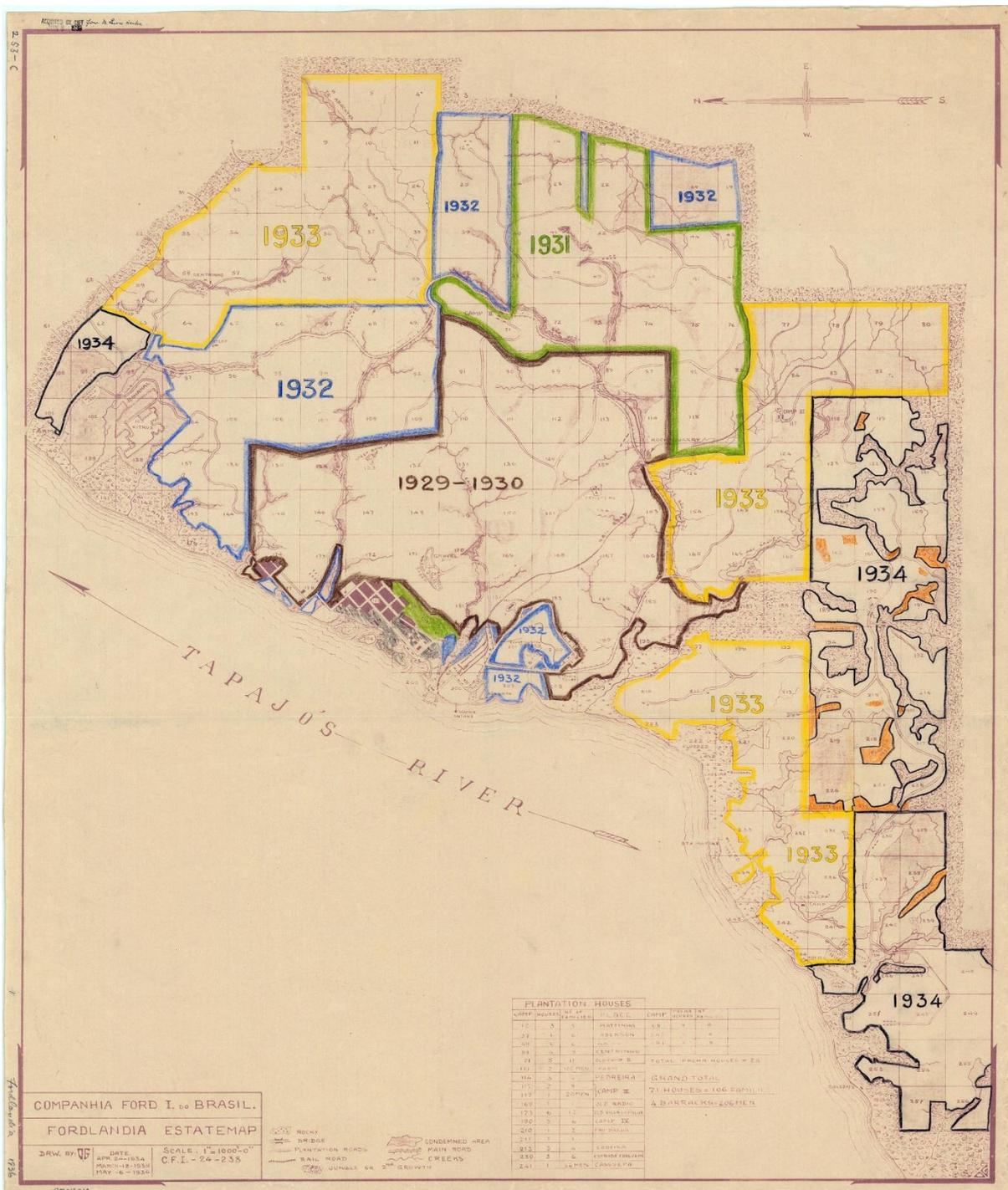


Figura 7 - Planta de Fordlândia demarcando áreas do complexo Ford. Fonte: American Geographical Society (1934).



**Figura 8 - Vista da Vila Operária e Escola, com Rio Tapajós ao fundo. Fotografia realizada em 1931 (Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company).**

Mesmo com a infraestrutura moderna para a época, nos primeiros anos de sua fundação, Fordlândia apresentava problemas relacionados à falta do saneamento. Greg Grandin (2010), relata em seu livro, que durante uma visita em Fordlândia, o revendedor da Ford São Paulo observa que não havia locais apropriados para o descarte de lixo, sendo que pequenos córregos localizados próximo a área urbana foram convertidos em depósitos de lixo, além do mal acondicionamento dos alimentos perecíveis. Essa falta de saneamento ocasionou a proliferação de insetos transmissores de doenças como malária, febre amarela e outras zoonoses (GRANDIN, 2010)<sup>97</sup>.

No decorrer da implantação do projeto Ford no Vale do Tapajós, além dos problemas com saneamento nos primeiros anos, a partir de 1933 ocorre um aumento da insatisfação dos trabalhadores, principalmente, devido as diferenças nos costumes, e a forma de trabalho. Os trabalhadores em sua maioria eram de moradores

---

<sup>97</sup> Relato de revendedor da Ford que esteve em Fordlândia no início da década 1930 (GRANDIN, 2010).

locais que não se habituaram aos horários de trabalho e carga horária. Esses trabalhadores eram acostumados ao trabalho baseado na subsistência, sem obrigações diárias, sendo contrastantes com o modelo desenvolvido pela Companhia Ford Industrial do Brasil.

Essas discrepâncias de costumes, foi responsável uma alta rotatividade de mão de obra, o que ocasionou lentidão no cultivo de novas áreas de plantações de seringueiras, pois, devido a irregularidade do relevo na área escolhida inicialmente ocorre uma baixa produtividade. Outro fator responsável por essa baixa produtividade foi a pouca fertilidade do solo, devido à retirada de floresta nativa e fortes queimadas durante o processo de limpeza.

Em 1934, Fordlândia já com sua estrutura urbana e industrial finalizada, com calçadas de concreto, hidrantes, caixa d'água nos moldes americanos, casa de força, iluminação elétrica e linha telefônica (Fig.9 e 10). E apesar da transferência das atividades para uma nova concessão próximo a foz do Rio Tapajós, a “cidade de Ford”, continuou presente na memória dos moradores da região e nos descendentes dos indivíduos que trabalhavam no empreendimento.



**Figura 9 - Serraria, Casa de Força, e caixa d'água em Fordlândia, fotografia realizada em 1932 (Fonte: Collections of The Henry Ford, Gift of Ford Motor Company).**



**Figura 10 - Vista aérea de Fordlândia, fotografia realizada em 1934 (Fonte: Collections of The Henry Ford, Gift of Ford Motor Company).**

### **2.1.1 Memórias, Rememoração e Patrimônio de Fordlândia.**

Desde o encerramento das atividades da Companhia Ford Industrial do Brasil em Fordlândia, as memórias de quem trabalhou no projeto, e de seus descendentes passaram a ser parte da história oral dos moradores. Essas memórias incidem no passado e presente do distrito, e neste caso, a história de Fordlândia pode ser dividida em dois períodos, o período pré Ford, e período Pós Ford, tornando o distrito, e o patrimônio edificado construído pela companhia como um lugar de memória. Neste sentido pode se inserir a história de Fordlândia nestas memórias vivenciadas como exposto por Pierre Nora (2008), onde os lugares de memória, possuem uma memória social tangível, pois, mesmo com contexto simbólico torna se uma identidade sociocultural na forma como se expressa através de sua materialidade histórica:

*“El lugar de memoria supone, de entrada, el ensamblaje de dos órdenes de realidades: una realidad tangible y aprehensible, a veces material, a veces menos, inscrita en el espacio, el tiempo, el lenguaje, la tradición, y una realidad puramente simbólica, portadora de una historia. La noción está hecha para englobar a la vez a objetos físicos y objetos simbólicos, sobre la base de que tienen algo en común” (NORA, 2008; p. 111<sup>98</sup>).*

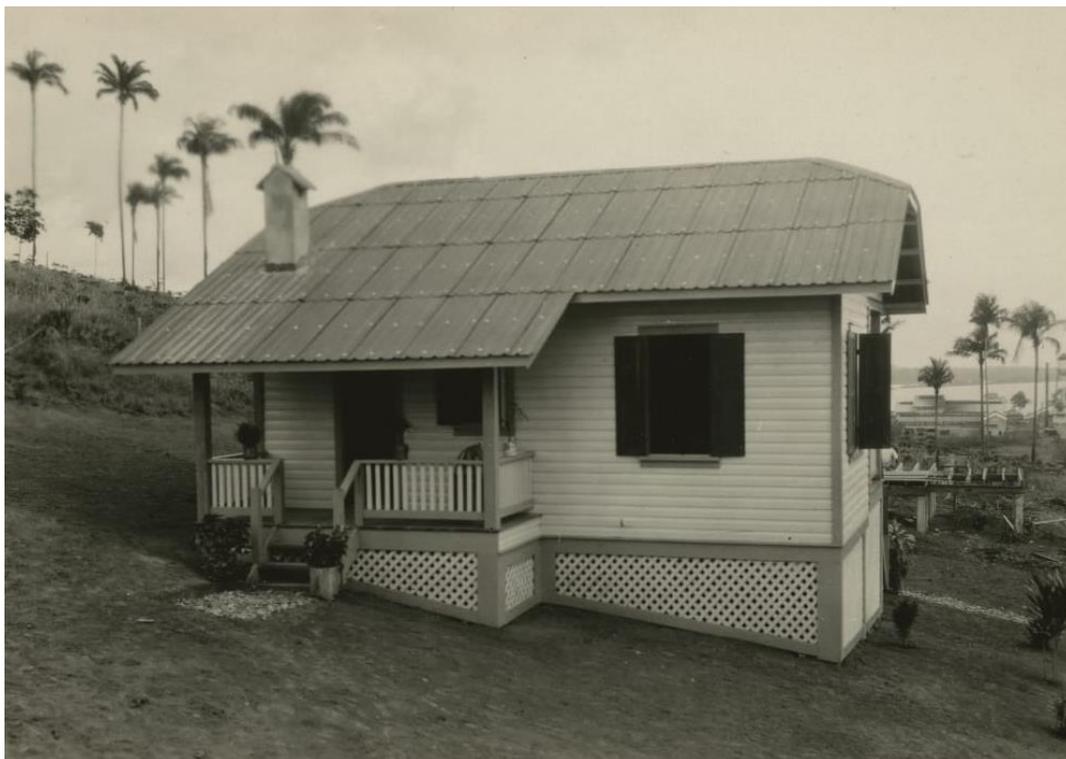
Assim, se a memória transmuta para uma construção histórica a partir do teor simbólico, na arqueologia, a memória passa a ser um resgate, ou rememoração da vida e dos indivíduos que viveram em um período pretérito, agindo como memória social de um momento histórico com a identidade local do momento presente. Dentro desta perspectiva, Fordlândia apresenta em sua arquitetura histórica do período Ford na Amazônia um contexto representativo e simbólico da transformação de uma sociedade extrativista e rural, para uma sociedade urbana e industrial, e que se faz presente nos anos em que o projeto funcionou, ficando no imaginário dos trabalhadores remanescentes, e perpassando para as gerações seguintes em forma de história oral.

A memória social e cultural presente em Fordlândia, se exterioriza através das diversas moradias no estilo americano presentes no distrito, que contribui para a valorização do patrimônio material, e tornando-o um espaço de memória social e cultural. Neste sentido, para os habitantes de Fordlândia, residir em uma dessas construções *“é como fazer desta história, e manter viva a memória dos seus antepassados”<sup>99</sup>*. Este é um relato muito comum entre os habitantes mais antigos do distrito, principalmente entre os filhos e netos dos indivíduos que trabalhavam para a Indústria Ford nas décadas de 1920 e 1930, período do apogeu de Fordlândia.

---

<sup>98</sup> **NORA**, Pierre. Les lieux de mémoire. Montevideo: Trilce, 2008.

<sup>99</sup> Relato de moradora, senhora Maria Doralice Pereira, filha de um trabalhador da indústria nos anos de 1940.



**Figura 11 Habitação padrão do período Ford, localizada na Rua Boa Vista, 1932.  
Fonte: Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company**

Este sentimento de pertencimento do patrimônio histórico e cultural, perpassa além das construções “*Fordianas*”, para o cemitério local, fundado pela Companhia Ford entre 1928 e 1929, para sepultamentos dos trabalhadores da companhia, bem como de seus familiares. Mesmo com a pouca preservação dos túmulos, as visitas ao local são frequentes, por moradores e turistas. Em termos de memória, o cemitério possui aproximadamente 100 anos, sendo arqueologicamente um sítio histórico, com imenso valor para história local e regional, pois, trata se de uma fonte material para os estudos sobre os costumes funerários da época (Figs. 12 e 13).



**Figura 12 - Cemitério de Fordlândia em 1931 Fonte (Collections of The Henry Ford. Gift of Ford Motor Company).**



**Figura 13 - Cemitério de Fordlândia atualmente, Out/2021 (Acervo da autora).**

O patrimônio edificado de Fordlândia, atualmente está em processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Sendo este processo iniciado no ano de 1990. Outrossim, o sítio arqueológico de Fordlândia foi registrado em 2019 no sistema nacional de sítios arqueológicos<sup>100</sup>. Em 2010, foi criada uma proposta de tombamento, que a estrutura viária original do projeto Ford, e do conjunto de edificações e equipamentos urbanos inspirados no estilo americano da época.

## 2.2 Bela Terra: A Cidade Americana do Tapajós.

O município de Belterra, está localizado na margem direita do Rio Tapajós. antes de se tornar a segunda cidade americana na Amazônia do industrial Henry Ford, possuía uma longa história de ocupação humana. Em seus primórdios, a região a qual está localizada foi habitada desde o período pré-colonial pela população indígena tapajó, que tinha sua aldeia principal onde hoje se localiza a cidade de Santarém. Essa população foi identificada inicialmente por Francisco de Orellana em 1541, e relatada pelo Frei Gaspar de Carvajal em suas crônicas. É nesse relato que aparece pela primeira vez o rio Tapajós, embora não seja assim nomeado por Carvajal (1542). O cronista relata em sua sobre o ataque que a expedição sofreu na foz do Rio Tapajós, onde cita que os índios eram arredios e possuíam flechas envenenadas (CARVAJAL, 1542)<sup>101</sup>. Em 1641, Cristobal de Acuña, também relata a existência de populações indígenas reconhecidas pelo uso de flechas mortais no curso do baixo tapajós (ACUNÃ, 1641)<sup>102</sup>.

Após este primeiro contato, somente no século XVII se tem notícia novamente sobre as populações indígenas que habitavam as margens do Rio Tapajós. Com os relatos do Frei Cristóbal de Acuña em meados do século XVII e do sertanista Mauricio de Heriarte no século XVIII. O padre Acuña (1641), descreve o rio Tapajós como

---

<sup>100</sup> O sítio foi identificado e registrado no âmbito do projeto “A ocupação humana pré (colonial) do município de Aveiro, Pará”, coordenado pelas arqueólogas Dra. Olívia Alexandre de Carvalho, e MS. Adrea Gizelle Moraes Costa Besen, orientadora e autora desta Tese, respectivamente.

<sup>101</sup> **CARVAJAL**, G. de. Descubrimiento Del río de las Amazonas. Madrid: Babelia. 1542.

<sup>102</sup> **ACUÑA**, C. Relación Del Nuevo Descubrimiento Del rio de las Amazonas. Madrid: Imprensa Del Reyno. 1641.

grande e vistoso de onde os *Tapajosos*<sup>103</sup> consumiam peixes. Heriarte (1874) registra informações acerca dos modos de vida dos indígenas, que assim como o rio foram nomeados como tapajó (HERIARTE, 1874)<sup>104</sup>. Essa população ocupava não somente a foz do Rio Amazonas e Rio Tapajós, mas, possuíam aldeias distribuídas pela região de planalto ao Sul de Santarém<sup>105</sup> (SCHAAN, 2009).

No início do século XXI, pesquisas científicas desenvolvidas por Arqueólogos da Universidade Federal do Pará, apontaram a presença de vestígios de ocupação pela população Tapajó na região onde hoje está localizada a cidade de Belterra. Durante os estudos foram identificados mais de 40 sítios arqueológicos, e o material coletado foi associado a cultura Tapajônica ou cultura Santarém<sup>106</sup> (SCHAAN, 2010). Com a realização de novas escavações arqueológicas, os arqueólogos também identificaram camadas de ocupação mais recentes associadas ao período histórico do século XIX e século XX.

Os estudos arqueológicos, apontam que a cidade de Belterra foi ocupada desde antes a instalação do projeto Ford, e fez parte do território de Santarém até 1995 quando ocorre sua emancipação, sendo elevada à categoria de Município de Belterra após plebiscito de 1995, conforme Lei Estadual nº 5.928 de 28/12/1995 (SANTOS, 2004)<sup>107</sup>.

Com os graves problemas enfrentados pelos administradores do projeto Ford em Fordlândia, tornou-se necessário a transferência das atividades para uma nova área, com solo propício para plantação bem-sucedida de *Hevea brasiliensis*. Após a identificação desta nova área de terras localizadas as margens do rio Tapajós, porém mais ao norte e com acesso mais facilitado, ocorre o início do processo de concessão das terras, com assinatura de um termo de aditivo de permuta em 4 de maio de 1934 com a transferência de 281.500 hectares para uma outra área em Santarém,

---

<sup>103</sup> Denominação dada pelos cronistas aos Tapajó.

<sup>104</sup> **HERIARTE**, M. Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas. Vienna: Carlos Gerold. 1874.

<sup>105</sup> **SCHAAN**, Denise Palh. Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico na BR 163. Relatório de Campo Semestral. Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

<sup>106</sup> **SCHAAN**, Denise Pahl; A. M. A. Lima. Programa de Arqueologia e Educação Patrimonial BR-163: Santarém - Rurópolis; BR-230/PA: Divisa T/PA - Rurópolis; BR-422: Novo Repartimento - Tucuruí. 5o. Relatório Parcial. BR-163: Trecho Santarém - Rurópolis. Belém: UFPA/ DNIT. 213 p. 2010.

<sup>107</sup> **SANTOS**, Oti. Belterra: A sua História. Santarém: Instituto Boanerges Sena, 2004.

denominada inicialmente de Bela Terra. Nesta época a região de Belterra era um distrito de Santarém (DEAN, 1989)<sup>108</sup>.

Com a transferência das atividades do projeto Ford para Belterra, o distrito passa por transformações na sua infraestrutura e na sua população, com vertiginoso aumento demográfico. Após a assinatura do termo de permuta, a companhia Industrial Ford do Brasil inicia as contratações dos primeiros trabalhadores para iniciar o processo de limpeza da área e instalação do projeto, além da transferência de funcionários que atuavam em Fordlândia e possuíam experiência com as plantações. Assim como em Fordlândia, a estrutura administrativa de Belterra foi planejada seguindo a hierarquia das funções dos trabalhadores e vilas que se conectavam por ruas e alamedas, seguindo o modelo popular de moradia americana da época<sup>109</sup> (DEAN, 1989; RUSSEL, 1942). Fora encomendado a serralha de Fordlândia que fossem construídas réplicas das instalações de Fordlândia, como galpões industriais, casas, escolas, hospital, cemitério, e outras edificações (DEAN, 1989)<sup>110</sup>.

No final do ano de 1934, já haviam sido plantados 1.053 hectares, e aproximadamente cinco milhões de mudas. No entanto, em 1935 os viveiros foram acometidos pelo mal das folhas, uma espécie fungo que se espalha pelas folhas e galhos das seringueiras e dificultam o crescimento e desenvolvimento da espécie. Entre 1938 e 1940 *“Belterra enfrentou um clima extremamente seco, atingindo árvores jovens, tornando o mal das folhas uma doença epidêmica em 1940, e em 1941 60% das árvores foram dizimadas”* (DEAN, 1989)<sup>111</sup>. Além das moléstias que atingiam a plantação, também havia as doenças que atingiam os trabalhadores, sendo as mais frentes malária e parasitas (DEAN, 1989; RUSSEL, 1942)<sup>112</sup>.

Em se tratando de infraestrutura, Belterra se tornou superior a Fordlândia, com sistema de saneamento básico e sanitários mais adequados. Em 1938 O escritor Gastão Cruls visitou as plantações de Fordlândia e Belterra<sup>113</sup>, e observou que as

---

<sup>108</sup> **DEAN**, Warren. A luta pela Borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

<sup>109</sup> Op. Cit. (DEAN, 1989).

<sup>110</sup> Op. Cit. (DEAN, 1989 p. 119).

<sup>111</sup> Ibid. p. 124.

<sup>112</sup> Ibid. p. 125

<sup>113</sup> **CRULS**, Gastão. Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil. Revista Brasileira de Geografia: IBGE, 1939.

moradias seguiam o estilo já implantado inicialmente em Fordlândia, porém, menos luxuosas, e apresentavam conforto e higiene adequados (CRUSL, 1939) (Fig.14). A estrutura de Belterra era composta por cemitério, caixa d'água, escolas e creches. Em 1939, Belterra contava com duas escolas: o Grupo Escolar Henry Ford, localizado na Estrada Um; e o Grupo Escolar Edsel Ford, na Estrada Oito, que atendiam aos funcionários e seus familiares. Também foi construído o Hospital Henry Ford, que entrou em atividade no ano de 1938, com 40 leitos disponíveis, sendo equipado com farmácia, aparelhos de raio-x e sala de procedimentos cirúrgicos o hospital contava com equipe formada por médicos, enfermeiros e dentistas (JOHNSTON, 1942)<sup>114</sup>.

Cruls (1939), descreve a nova sede da Companhia Ford, como excelente local para a continuidade do projeto Ford na Amazônia Paraense, pois estava implantada em uma área de platô, a uma distância adequada do Rio Tapajós que evitaria a ocorrência excessiva de espécies de insetos vetores de doenças infectocontagiosas decido ao fluxo das águas.

*“Belaterra é o nome dessa nova sede, que dá margem fluvial, entre as pontas do Pindobal, ao norte, e São João, ao sul, se estende por 50 quilômetros de fundo, área essa quase toda compreendida no esplêndido platô de terras gordas e bem enxovalhadas que, a uns 200 metros de altura, domina, nesse ponto e a breve trecho do rio, a borda direita do Tapajós” (CRUSL, 1939; p. 4)<sup>115</sup>.*

Durante a implantação do projeto em Belterra, foram construídas moradias próprias para os funcionários e suas famílias. Nos primeiros anos de implantação do projeto em Belterra, a Companhia Ford Industrial manteve 1.200 funcionários exercendo funções nas plantações e viveiros (CRULS, 1939)<sup>116</sup>. Essas vilas dos trabalhadores foram denominadas de acordo com o cargo exercido pelos funcionários da Companhia Ford, tendo conhecidas até os dias atuais com as mesmas denominações. A Vila Americana era destinada para os norte-americanos que exerciam funções administrativas, a Vila Mensalista, assim como seu nome, residiam os trabalhadores que recebiam salários mensais (Fig.15), a Vila Timbó era designada ao uso dos funcionários do Hospital Henry Ford, e possuía arquitetura semelhante a

---

<sup>114</sup> JOHNSTON, Archibald. Rubber Plantations. (Relatório). Ford Motor Company: 1942.

<sup>115</sup> Op. Cit. (CRULS, 1939 p. 4).

<sup>116</sup> Ibid. p. 15.

vila americana. Seguindo esta designação, a Vila Operária era destinada a trabalhadores que desenvolviam funções diversas e auxiliares (CRULS, 1939; RUSSEL, 1942)<sup>117</sup>.

Para os trabalhadores que atuavam nas plantações, foi destinada a eles moradias mais simples, muitas delas cobertas com madeira, essas vilas foram denominadas de Vila Viveiros divididos em Viveiro I, II e III. Por fim, a Vila 129 ou Vila Bode destinada para trabalhadores que atuavam no campo, na produção de produtos agrícolas que abasteciam o distrito de Belterra (CRULS, 1939)<sup>118</sup>.



**Figura 14 - Casa no estilo americana, Vila Mensalista, Belterra - Pará (Acervo da autora).**

---

<sup>117</sup> Op. Cit. (CRULS, 1939).

<sup>118</sup> Op. Cit. (CRULS, 1939).



*Figura 15 - Casa estilo americano com jardim, Belterra - Pará (Acervo a autora).*

As atividades nas plantações Ford em Belterra, seguiam as mesmas relações de trabalho estabelecidas em Fordlândia, com horários fixos de trabalho, e alimentação fornecida pela empresa, o que continuava desagradando muitos trabalhadores e ocasionando alguns problemas intestinais (JOHNSTON, 1942)<sup>119</sup>. Neste sentido, se comparado a Fordlândia os problemas de saúde entre funcionários sofrem uma redução, o que pode ter influenciado o declínio da taxa de mortalidade entre indivíduos adultos. Em contraponto, a mortalidade infantil sobre vertiginoso aumento durante o projeto Ford, sendo visível nas sepulturas do cemitério.

O contexto histórico do período Ford, ainda se faz presente em Belterra, com as Vilas onde residiam os trabalhadores sendo ocupadas atualmente por seus descendentes, e aspectos das moradias preservados. Outrossim, algumas das estruturas ainda são utilizadas como núcleo institucionais dos governos atuais como, prefeitura, secretarias, igrejas, escolas, creche e biblioteca (Fig. 16).

---

<sup>119</sup> JOHNSTON, Archibald. Rubber Plantations. (Relatório). Ford Motor Company: 1942.



**Figura 16 - Fachada da Igreja Santo Antônio construída em 1943, Belterra – Pará (Acervo Autora).**

A igreja de Santo Antônio de Pádua foi construída em 1943 no local onde anteriormente estava a antiga capela dos padres Jesuítas. A igreja foi construída juntamente com a casa paroquia durante o período Ford no Tapajós, e está localizada na rua Santo Antônio, sendo projetada como parte do núcleo da Vila Mensalista na Estrada Um. O que se destaca na sua construção são as técnicas, e materiais construtivo diferentes dos utilizados na maioria das edificações implantadas pela Companhia Ford em Belterra, sendo também seu projeto arquitetônico diferenciado das demais edificações (SANTOS, 2004; IPHAN, 2010).

Seguindo este padrão de construções associadas à um complexo de moradias ou comerciais da Companhia Ford, foi construído em 1938 o grupo escola Edsel Ford para receber os filhos dos funcionários da Companhia (Fig.17).



**Figura 17 - Grupo Escola Edsel Ford, Fundado em 1938, estrada oito, Belterra - Pará (Fonte: Centro de Memória de Belterra).**

O projeto Ford instalado no município de Belterra, desenvolveu atividades de produção do látex desde o início da década de 1930, tendo o seu auge na década de 1940 com a deflagração da segunda guerra mundial, quando o produto extraído das plantações Ford se torna grande fonte de matéria prima para a produção da borracha distribuída para os Estados Unidos e aliados<sup>120</sup>. No entanto, com a descoberta da borracha sintética na Malásia, e com nova incidência do mal das folhas em 1944 e 1945, a produção do látex nas plantações Ford cai drasticamente, sendo um dos motivos para Henry Ford suspender o projeto e transferi-lo para o Instituto Agrônômico do Norte (IAN), subsidiado pelo Governo Federal (DEAN, 1989)<sup>121</sup>.

Não obstante, os problemas ambientais ocorridos nas plantações foi apenas um dos muitos entraves que ocorreram durante o período Ford em Belterra, sendo problemas referentes a mão de obra um outro fator que contribuiu para a desistência de Henry Ford de seu projeto utópico. Assim, como em Fordlândia muitos trabalhadores não se adaptaram com as rotinas de trabalho, além dos acidentes

---

<sup>120</sup> Op.Cit. (DEAN, 1989).

<sup>121</sup> Ibid.

frequentes ocorridos nas plantações, e surtos epidêmicos entre a população de indivíduos não adultos (JOHNSTON, 1942)<sup>122</sup>.

A desistência de Henry Ford nas plantações de seringais na Amazônia foi bastante debatida nos anos subsequentes. No entanto, a empresa Ford apenas explicou que originalmente as plantações Ford foram implementadas como produção a nível industrial de látex, como um polo experimental de novas espécies de seringueiras pouco suscetíveis a pragas (DEAN, 1989)<sup>123</sup>. Do período Ford em Belterra, além da arquitetura americana nas moradias, estão presentes na memória dos antigos trabalhadores e seus descendentes as inovações ocorridas na época, além das histórias que jazem nas sepulturas do cemitério de Belterra.

---

<sup>122</sup> JOHNSTON, Archibald. Rubber Plantations. (Relatório). Ford Motor Company: 1942.

<sup>123</sup> . Op.Cit. (DEAN, 1989 p. 153).

### 3. VIDA E MORTE NOS SERINGAIS DE HENRY FORD.

*“Os seringueiros, quando não eram vítimas da violência, das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas e conflitos de sangue nas festas e nos negócios, morriam dos milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba”<sup>124</sup>.*

A região Amazônia desde as primeiras décadas do século XIX passou por diversas transformações. Essas transformações ocorreram no âmbito demográfico, social, cultural e econômico, mas, com o apogeu da exploração da borracha, essas transformações tornaram-se mais visíveis no modo de vida da sociedade amazônica. Diante deste fato, também se inserem novos costumes e ampliação da urbanização das principais cidades, inserindo modernização nestas cidades a partir da segunda metade do século XIX, o que tornou a região um Polo econômico e cultural internacional.

Desde os meados do século XVIII, as principais cidades da região amazônica, sofrem com o aumento da densidade demográfica ocasionada pela constante vinda de imigrantes de outros países e estados do Brasil. Essas pessoas chegaram à região principalmente atraídas pela alta demanda da produção gomífera da região, sendo, as cidades de Belém e Manaus, os principais escoadores da produção na época (HOMMA, 2003; DEAN, 1989; BENCHIMOL, 1977). Todavia, a partir deste adensamento demográfico, ocorrem elevados índices de insalubridade, e baixa qualidade nas moradias e no saneamento da zona urbana. Estes fatores, foram os principais agentes para a ocorrência das grandes epidemias, ocasionadas principalmente pela grande circulação de pessoas, e animais nas cidades.

No sentido epistemológico, o termo “epidemia”, de acordo com o Lexicon of Medicine and Allied Sciences da Sydenham Society, refere-se, principalmente como uma enfermidade que prevalece entre uma população ou comunidade em determinados períodos, e originário de causas biológicas ou processos infecciosos presentes por um curto ou longo espaço de tempo na sociedade afetada, e pode

---

<sup>124</sup> BENCHIMOL, Samuel. Um pouco-antes e além-depois. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.

resultar em mortalidade em um grau acima da norma (POWER e SEDGWICK, 2012)<sup>125</sup>.

No que concerne estes surtos epidemiológicos na história paraense, é possível visualizar um panorama a partir de registros etnohistóricos, e históricos. Nestes registros, constam relatos onde muitas das epidemias que assolaram o Brasil durante o período oitocentista, ocorreram devido à falta de higiene e saneamento público, gerando surtos de doenças infecciosas, como a febre amarela<sup>126</sup>. Os principais relatos eram realizados desde o período colonial, com informações oriundas de crônicas dos viajantes e naturalistas que estiveram na região amazônica no período. Outrossim, há as pesquisas arqueológicas recentes que apontaram a presença de material cultural associados a este período. Segundo os arqueólogos, estes materiais revelam alguns aspectos sobre a higiene e as medidas sanitárias da população que viveu à época.

Neste aspecto, Santos (2011), discorre sobre as pesquisas arqueológicas e históricas, onde:

“No Brasil, desde tempos coloniais o lixo se constituía como um grande problema a ser solucionado, principalmente em função de agentes topográficos e climáticos. Neste contexto, suas maiores e principais cidades, como Belém, Rio de Janeiro e Salvador eram conhecidas por seus odores e dejetos espalhados pelas vias públicas” (SANTOS, 2011. p. 237).<sup>127</sup>.

No estado do Pará, assim como outros centros urbanos do século XIX, houve grandes processos epidemiológicos, que ocasionaram elevado índice de mortalidade da população. Os surtos epidêmicos tornaram-se um dos principais males acometidos nas cidades e vilas do Grão-Pará, ocasionando transformações no espaço, paisagem, e no contexto socioeconômico até o final do século XIX. Outrossim, a falta de

---

<sup>125</sup> **POWER**, Henry; **SEDGWICK**, Leonard Willian. The New Sydenham Society's Lexicon of Medicine and The Allied Sciences: (Based On Mayne's Lexicon). Medicine And the Allied Sciences: New Sydenham Society; Publications; New Sydenham Society. Nabu Press. Vol.5, 2012.

<sup>126</sup> A febre amarela é uma doença infecciosa ocasionado pelo mosquito *Aedes aegypti*, transmissor também da dengue.

<sup>127</sup> **SANTOS**, Tatiane Coelho dos. Lixos, entulhos e imundices: a ordem nas ruas de Salvador (1834-1855). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

conhecimento da população sobre as formas de tratamento contribuiu para o aumento da mortalidade entre os infectados.

As epidemias que assolaram a capital, também se disseminaram pelo interior. A cidade de Santarém<sup>128</sup>, que na época era uma das principais cidades do estado do Pará, passou por surtos epidemiológicos de malária, febre amarela, cólera e varíola (VIANNA, 1906).

Em seu estudo sobre as epidemias do Pará, o médico e historiador Artur Viana (1873-1911), apresenta um quadro a partir da análise de documentos históricos sobre os principais surtos que ocorreram, e demonstra que esses surtos epidêmicos ocorreram de forma repentina ou a partir de fatores extrínsecos, como a chegada de vetores humanos que chegaram à região do Grão Pará trazidos de outras regiões ou países<sup>129</sup>, temática esta que será abordada a seguir.

### **3.1. As Epidemias no Estado do Pará nos séculos (1700-1930).**

Até a metade do século XIX, as crônicas de viajantes e naturalistas, relatam que em todo o Grão Pará houve vários períodos com a disseminação de doenças infecciosas, que atingiram áreas do interior, principalmente o vale do Rio Amazonas e Tapajós. E de acordo com os relatos desses viajantes, na região do Baixo Amazonas e Valle do Tapajós, os surtos epidemiológicos eram recorrentes (BATTES, 1979; WALLACE, 2004).

Durante sua estadia em Santa Maria de Belém, capital do Grão-Pará e Maranhão em no final da década de 1840, o naturalista e explorador inglês Henry Battes (1825-1892), faz um relato sobre a grave epidemia de varíola de 1819 ocorrida na capital, e que acometeu principalmente os índios de pequenas povoações da província. Henry Battes (1979), também descreve que durante sua viagem ao Rio Amazonas e Tapajós na metade do século XIX:

---

<sup>128</sup> Santarém foi fundada em 1641, como uma missão jesuíta pelo Padre João Felipe Bettendorf (BETENDORF, 1910).

<sup>129</sup> VIANNA, Arthur. As Epidemias no Pará. Imprensa do Diário Oficial do Pará, 1906. iii, 157p.

*"Até 1848 a salubridade do Pará era realmente notável para uma cidade situada no delta de um grande rio em plena zona tropical e meio rodeada por pântanos. Mas não gozou por muito tempo dessa imunidade contra as epidemias. Em 1850 a febre amarela visitou a província pela primeira vez e em poucas semanas matou mais de quatro por cento da população. Sucederam-se as epidemias, até que em 1855 a cólera assolou o país e provocou terrível devastação. Depois a salubridade do clima foi aos poucos sendo restabelecida e atualmente quase recuperou sua boa reputação antiga" (BATTES, 1979 p. 66) <sup>130</sup>.*

Neste mesmo período, o antropólogo e naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1913), participou da mesma expedição a região amazônica<sup>131</sup>. Em sua crônica, "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro, Wallace (2004 [1859]), descreve sobre aspectos do clima, da vegetação e dos costumes das populações nativas que habitavam a região. Todavia, em seu relato, o antropólogo também faz referência a epidemia de "bexigas" que ocorreu em Santa Maria de Belém no ano 1849 (WALLACE, 2004)<sup>132</sup>.

A epidemia de bexigas, como era conhecida até o final do século XVIII, também foi denominada pelas populações indígenas da Amazônia, como mereba-aybá na língua tupi, e somente foi conhecida pela nomenclatura científica como Varíola a partir de 1890 (DANIEL, 2004; VIANNA, 1926). Essa doença infecciosa foi a responsável por milhares de mortes na região amazônica, dizimando principalmente nações indígenas do Grão-Pará entre os séculos 17 e 20. Relatos sobre os males da bexiga, são recorrentes em textos e diários de exploradores e cientistas que estiveram na região desde o início do século XVIII.

O naturalista francês Charles Marie de La Condaime (1701-1774), durante sua passagem pelo Grão-Pará em 1743, refere-se a dificuldade em encontrar indígenas que o auxiliava nas expedições, pois, segundo ele, *"as bexigas faziam então um grande estrago, e os índios na maior parte se refugiaram nas aldeias circunvizinhas"*

<sup>130</sup> **BATTES**, Walter Henry. Um naturalista no Rio Amazonas. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp. 1979 [1864]. V. 1. 420p.

<sup>131</sup> A expedição científica realizada por Harry Battes e Alfred Wallace, realizada entre as décadas de 1840 e 1860 pela região amazônica, resultou em um profundo relato sobre a fauna, a flora, além de estudos etnográficos, etnológicos e históricos sobre o modo de vida das populações indígenas da Amazônia.

<sup>132</sup> **WALLACE**, Alfred Russel. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Coleção Brasil. V.17. Brasília: Senado Federal. 630p. 2004.

<sup>133</sup>(LA CODAIME, 2000). Sobre as características desta doença infecciosa, La Condaime (2004[1744]), a descreve como uma enfermidade que não distingue entre sexo e idade, e flagelou a população indígena em maior grau, que a destruição proporcionada nos conflitos entre indígenas e europeus pela conquista do território brasileiro no século XVII (LA CODAIME, 2000)<sup>134</sup>.

Ainda em relação as epidemias registradas pelos cronistas e naturalistas nas cidades coloniais e na capital do Grão-Pará durante os séculos XVIII e XIX, também se destaca a crônica do Padre João Daniel (1722-1776), “*O Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*”, escrito durante o período de 1757 a 1783, e discorre sobre sua experiência com as populações indígenas na região Amazônica, especificamente no vale do Baixo Amazonas e Tapajós<sup>135</sup>. O Padre João Daniel 1810 (2004), relata que esta doença infecciosa acometia principalmente os indígenas aldeados nas missões.

*“As doenças das bexigas, posto que em toda a parte seja perigosa, nos índios é declarada peste; não porque esta má fazenda seja própria da América, e muito menos do Amazonas, mas porque entre as mais fazendas de contrabando, que têm levado as frotas, [...] e acha tão boa disposição nos índios, que que quando lhes dá, dá com força, levando quase todos a fio em qualquer povoação, e morrendo a milhares, se os tapuias não têm a 128 prevenção, ou não podem tê-la, de se tirarem, e retiraram para os seus sítios, e matos. É bem verdade que nas suas povoações, e missões, como tão separadas uma das outras, se podiam muito bem preservar desta e outras epidemias, se nelas houvesse e pudesse haver a economia e provida cautela das repúblicas bem governadas, de não se deixar chegar embarcação algumas de outras partes já infeccionadas” (DANIEL, 2004 p. 384)<sup>136</sup>.*

Em suas crônicas, o Padre João Daniel (2004), ainda relata, que assim como a epidemia de bexigas, os indígenas eram acometidos pela chamada epidemia do sarampão, que fazia tantas vítimas quanto a peste das bexigas:

*“O sarampão, também é epidemia nos índios, e tão cruel, que no ano de 1749 e 1750, passaram mais de 30 mil mortos nas missões. [...] de sorte que em umas morreram 500, em outras, 600, e outras mais ou menos, [...] e se não*

<sup>133</sup> LA CONDAMINE, Charles-Marie de. Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas / Ch. -M. de La Condamine. – Brasília: Senado Federal, 2000. 204 p. Op. Cit, pp. 114.

<sup>134</sup> LA CODAIME (2000 [1760]).

<sup>135</sup> DANIEL, João. O Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, V.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 600p.

<sup>136</sup> Op. Cit, Daniel (2004 [1760], p. 384).

*der providencias” ficarão lestras as aldeias e acabados os índios em mui breve” (DANIEL, 2004 p. 385)<sup>137</sup>*

A partir desses registros historiográficos e etnohistóricos, é possível verificar os principais quadros epidêmicos ao longo dos séculos no estado do Pará, e como ocorreu seu contágio e disseminação. Neste sentido, ao analisarmos as evidências do passado sobre as epidemias, e as implicações destas doenças infecciosas no contexto socioeconômico e cultural das sociedades passadas, pode-se analisar aspectos de declínio demográfico e econômico destas sociedades.

Para alguns estudiosos, as doenças e o fenômeno da morte são constantes das grandes transições das sociedades ao longo do tempo. Por conseguinte, na Amazônia Paraense, alguns estudos e registros foram realizados principalmente por cientistas como Emilio Goeldi (1859-1917), e pelo médico e historiador Arthur Vianna (1873-1911). Ambos, os pesquisadores apresentam um panorama sobre as epidemias que acometeram o estado paraense durante os séculos XIX e XX.

Em seu compêndio sobre as epidemias do estado do Pará, Vianna (1906), apresenta o contexto histórico das principais epidemias que ocorreram no estado desde as últimas décadas do século XVIII, seguindo os períodos de sucessivos surtos que foram registrados até o XX. Como médico, Arthur Vianna, apresenta em sua obra as principais medidas realizadas pelos sanitaristas da época, e do poder público para controle dos sintomas e contingenciamento das doenças, como o isolamento dos doentes, a desinfecção da cidade contra as impurezas, medidas estas implantadas ainda no século XVIII (VIANNA, 1906), principalmente para os casos de “bexigas”, sendo utilizado:

*“[...] o ácido oximuriático, como qual produziã fumigações em todos os cantos, processo este improfícuo, mas louvável, sob o ponto de vista profilático, porque representava um grande passo, o ataque à epidemia, a luta contra os germes da moléstia [...]”<sup>138</sup> (VIANNA, 1926 p, 19).*

No entanto, este tipo método preventivo ainda estava associado ao controle dos miasmas e limpeza do ambiente, implementado pelos primeiros sanitaristas.

---

<sup>137</sup> Op. Cit, Daniel (2004 [1760], p. 385).

<sup>138</sup> Ibid.

Outrossim, com o avanço dos estudos científicos, houve a mudança do termo etiológico<sup>139</sup> e das medidas preventivas e medicinais para o controle dos sintomas e tratamento, como a variolização (VIANNA, 1926)<sup>140</sup>. Mas, com o elevado número de mortos deixados pelos surtos epidêmicos, uma outra medida emergencial do poder público foi a construção de cemitérios públicos extramuros no período oitocentista. Sendo inicialmente construído um cemitério para o sepultamento de escravizados e pobre localizado no largo da Campina (VIANNA, 1926)<sup>141</sup>. Ainda segundo Arthur Vianna (1906), os sucessivos surtos da epidemia de bexigas, retornam a partir de 1819, com a chegada de uma embarcação que transportava escravos negros vindo da África. Tendo os meses de abril a setembro de 1819, a ocorrência de maior contágio e mortalidade entre a população da capital, e do interior do estado.

*“Durante os meses de abril e maio de 1819, com as frequentes chuvas, o desenvolvimento da epidemia ocorreu de forma lenta, mas, de junho em diante, com a escassez de chuvas, e aumento da temperatura foi propício para o rápido crescimento nos números de doentes, com 2.200 mortes até setembro do mesmo ano” (VIANNA, 1906 p. 20)<sup>142</sup>.*

Neste mesmo período, estiveram na capital Belém, os naturalistas alemães, Spix e Von Martiuns (1823)<sup>143</sup>, e registraram o contágio da varíola e outras doenças. Segundo os naturalistas (SPIX e MARTIUNS, 2017)<sup>144</sup>, a epidemia *“grassava juntamente ao tempo de nossa estada, constituindo maligna epidemia, que no auge sacrificava diariamente 30 a 40 pessoas, e durante meio ano arrebatou mais de 3.000 indivíduos, de todas as raças e condições”* (SPIX e MARTIUNS, 2017 p. 29)<sup>145</sup>.

Ainda sobre a epidemia de varíola no Pará, Spix e Martiuns (2017[1823]), relataram que a epidemia de varíola se espalhou pelo interior, principalmente em vilas que originalmente eram missões religiosas, como a vila de Santarém, localizada na

<sup>139</sup> O termo bexigas, foi alterado para varíola a partir do século XIX, com os avanços médicos e científicos sobre a doença.

<sup>140</sup> Procedimento na época como método de prevenção de surtos epidêmicos.

<sup>141</sup> Op. Cit, Vianna (1906. p. 96).

<sup>142</sup> Op. Cit. Vianna (1906, p. 19-21).

<sup>143</sup> Johann Baptist Spix (1781-1826), especialista em zoologia, e Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868), medico, antropólogo e botânico. Os pesquisadores realizaram uma ampla da fauna e da flora brasileiras.

<sup>144</sup> **SPIX**, Johann Baptist; **MARTIUNS**, Carl Friedrich Philipp Von. Viagem pelo Brasil (1817-1820; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v.: il. 486 p. -- (Edições do Senado Federal.

<sup>145</sup> Op, Cit, Spix e Martiuns (2017[1823], p. 29).

região do Valle do Rio Amazonas e Tapajós, em seu relato, os naturalistas informam “*não se conhecer doenças endêmicas; somente a varíola e o sarampo fazem, de quando em quando, grandes devastações entre a população, particularmente a indígena*”( SPIX e MARTIUNS, 2017 p. 144)<sup>146</sup>.

Nas vilas do interior do Pará, a propagação das “bexigas ou/ Varíola, se deu entre os séculos setecentos e oitocentos, com a transição das populações africanas escravizadas contaminados oriundos principalmente de Angola. Todavia com a chegada da vacinação na capital Belém no início de setembro de 1819, expediu-se ofício para vacinação em províncias do interior, com inoculação a partir do *úbero de vaca, conseguindo abundância de linfas, tendo as vilas de Cametá, Gurupá, Monte Alegre, Óbidos e Santarém, as maiores difusoras da vacinação*” (VIANNA, 1926)<sup>147</sup>. Durante o período que ocorria a vacinação, o governador a época, Antônio José de Meneses de Noronha, solicitou que as famílias do Grão Pará aderissem a vacinação, e que todos os membros das famílias, bem como os trabalhadores africanos escravizados deveriam ser imunizados (VIANNA, 1926)<sup>148</sup>.

Concomitantemente, com a epidemia de varíola no Pará, durante os séculos setecentos e oitocentos, ocorrem surtos epidêmicos de Sarampo e Febre Amarela no estado, e suscitava a preocupação do poder público à época, além de causar profundas transformações na estrutura social e econômica da sociedade. O fator preponderante que não se pode negar é a forma em que os males epidêmicos são introduzidos no território Paraense, principalmente por via marítima, dentro do contexto da imigração de populações vinda de outras regiões do Brasil, de países europeus, e populações africanas escravizadas. Partindo deste pressuposto, os governantes e sanitaristas durante os períodos epidêmicos, tinham como medidas preventivas de contágio, a utilização de quarentenas de navios e tripulantes ainda no porto de Belém, por ser o único modo de acesso de pessoas e mercadorias ao estado (VIANNA, 1926)<sup>149</sup>.

---

<sup>146</sup> Ibid., p. 144.

<sup>147</sup> Op. Cit, Vianna (1906, p. 21).

<sup>148</sup> Vianna (1906).

<sup>149</sup> Op. Cit, Vianna (1906).

Arthur Vianna em sua obra de 1906, expõe essa forma de introdução de doenças infectocontagiosas na província do Pará, sendo disseminadas a partir da capital para as vilas do interior, com ocorrências registradas desde meados do século XVIII, tendo a epidemia de varíola dizimado milhares de vidas entre 1721 e 1733, e a epidemia de Sarampo ocorrida em 1749, “*iniciando na capital e se alastrando para o interior, atingindo principalmente negros e indígenas*” (VIANNA, 1926)<sup>150</sup>. Ainda sobre os grandes processos epidemiológicos, Arthur Vianna (1906), relata que a partir de 1850, ocorrem simultaneamente casos de sarampo, febre amarela e cólera morbus. Segundo ele, nos primeiros meses de 1850, o Pará ignorava que “*houvesse casos de febre amarela em Pernambuco e Rio de Janeiro, apenas que esta epidemia devastava a Bahia*”<sup>151</sup>, sendo esta causa da não verificação e autorização de entrada da embarcação dinamarquesa Pollux<sup>152</sup> (VIANNA, 1906), vinda de Pernambuco, ocasionando a disseminação da doença pela capital Belém, atingindo principalmente a população estrangeira da época. Com ocorrência de aumento do número de doentes e óbitos nos meses de abril, maio e junho, que coincide com período de chuvas na Amazônia. E segundo o descrito por Arthur Vianna (1906):

*“A epidemia teve um crescente assombroso, porém de curta duração entre os meses de abril e junho. [...] Explica-se isto cientificamente, com aparecimento da moléstia no período invernos, quando são abundantes os mosquitos transmissores, e não se observou serem eles um fator único de inoculação”* (VIANNA, 1926 p. 51)<sup>153</sup>.

Ainda de acordo com Arthur Vianna (1906), durante os registros de Febre Amarela nota-se a coincidência dos surtos epidêmicos da doença atingindo primeiramente os estrangeiros, com maior agravamento dos sintomas da doença, e alta taxa de mortalidade, em contraponto o contágio e sintomas da população local são mais brandos, com baixa taxa de mortalidade.

---

<sup>150</sup> Op. Cit, Vianna (1906, p. 10).

<sup>151</sup> Op. Cit, Vianna (1906, p.48).

<sup>152</sup> A embarcação de origem dinamarquesa Pollux, chega a Belém em 24 janeiro de 1850, vinda de Pernambuco, e ao chegar no porto, evita a quarentena apresentando documentos que afirmava não haver nada de anormal em Pernambuco e que a epidemia na Bahia se encontrava quase extinta (Viana, 1906 p. 48).

<sup>153</sup> Vianna (1906, p. 51)

Registros históricos apontam que aproximadamente 2/3 (dois terços) da população foi contaminada pela doença, e a epidemia disseminou desde a capital Belém para localidades do interior, tendo atingido a cidade de Soure primeiramente, seguida por Vigia, Cintra, São Caetano de Odivellas, sendo Vigia a mais flagelada. Em meados do ano de 1850 foram mais elevados os números de mortos na capital Belém com 593 vítimas segundo os registros de obituários. A partir de 1851 a doença epidêmica da Febre Amarela passa a ser considerada endêmica no Pará, sendo que desde o início da epidemia, em janeiro de 1850 até o ano de 1905, foram registrados um total de 5.007 mortos vítimas da doença (VIANNA, 1906)<sup>154</sup>.

Como já citado por Arthur Vianna em 1906, um dos fatores para dispersão e contágio da febre amarela em 1850, foi a não observação que o transmissor da doença seria o mosquito de origem africana *Stegomyia aegypti*. E a partir da caracterização da febre amarela como doença endêmica, as pesquisas realizadas por entomologistas na região Amazônica passa se mapear a origem do vetor. Sendo as pesquisas realizadas por Emilio Goeldi (1859-1917) e outros cientistas do Museu Paraense como Adolpho Ducke (1876-1959), que juntos realizaram levantamento sobre espécies de mosquitos vetores de doenças infecciosas. Sendo em 1903, Adolpho Ducke identifica espécies de mosquitos (*Stegomyia Fasciata* e *Culex Fatigans*) da família *Culicidae* coletados nas vilas de Óbidos, Santarém e Amapá<sup>155</sup> (GOELDI, 1905). Com isso, os pesquisadores puderam inferir ser este mosquito o agente causador de doenças como febre amarela, malária, e outros males. Outrossim, os pesquisadores procuravam estudar aspectos dos mosquitos como, a biologia, classificação, morfologia, fisiologia, e papel na transmissão de doenças (GOELDI, 1905)<sup>156</sup>.

Emilio Goeldi (1905), relata que conseguiu reunir 17 espécies de mosquitos no estado do Pará, destas, foram catalogadas 5 novas espécies de Culicidas paraenses, sendo os principais gêneros, o Anopheles, o Megarhinus, o Stegomyia, o Culex, e Taeniorhynchus (GOELDI, 1905)<sup>157</sup>. O principal objetivo proposto pelo pesquisador

---

<sup>154</sup> Ibid., p. 67

<sup>155</sup> GOELDI, Emilio. Os Mosquitos no Pará. Museu Paraense, 1905.

<sup>156</sup> Ibid.

<sup>157</sup> Op. Cit, Goeldi (1905, p. 6).

consistia na realização de experiências com os mosquitos em cativeiro, seus hábitos hemofílicos e acasalamento.

*“O gênero do Anopheles, cada vez mais conhecido como transmissor da malária e do ciclo de outras moléstias, são mosquitos relativamente pequenos, e habitam pântanos e vivem ao ar livre. [...] O gênero Megarhinus, está distribuído pela América do Sul, possuem hábitos diurnos e vivem principalmente em áreas de florestas, não chegando a áreas urbanas. [...] o gênero Stegomyia, é reconhecido pelo tom rajado preto e branco nas asas e pernas aneladas, hábitos diurnos, **justamente este gênero, a Stegomyia Fasciata, a espécie pelo qual o germe da febre amarela é disseminado.** [...] O gênero Culex, possui a cor cinzento amarelado e asas transparentes, com hábitos diurnos e noturnos, e a espécie Culex Fatigans é responsável pelo flagelo noturno de Belém. [...] O gênero Taeniorhynchus proximamente ligado ao gênero Culex, possui hábitos crepusculares e indolo voraz”* (GOELDI, 1905 p. 9)<sup>158</sup> (grifo nosso).

Emilio Goeldi (1905), ainda complementa que o gênero *Stegomyia Fasciata*, *“está presente no mapa de distribuição geográfica da espécie na América do Sul, e coincide de um modo surpreendente com o mapa da distribuição da febre amarela”*<sup>159</sup> (VIANNA, 1905). Esta teoria sobre como se dava o contágio por febre amarela já estava em desenvolvimento desde o final da década de 1880, com pesquisas sendo realizadas por médicos e infectologistas ingleses, conforme o exposto por Jaime Larry Benchimol em 1999. Na sua historiografia sobre “dos micróbios aos mosquitos” (BENCHIMOL, 1999)<sup>160</sup>. As pesquisas realizadas por Emilio Goeldi em 1901, também atuaram na identificação na forma de transmissão da malária, doença que infligia principalmente populações que habitavam áreas de floresta e com presença de ação humana. Foi neste contexto, que mais uma grande epidemia de febre amarela se desenvolveu na capital Belém e localidades do interior do estado do Pará em 1910. Como a epidemia tinha se desenvolvido por todo o estado, os governantes solicitaram ao médico Oswaldo Cruz (1872-1917), que estava em expedição pela Amazônia, atuasse no combate a uma epidemia de febre amarela que se espalhava por Belém, com centenas de doentes e vítimas. Oswaldo Cruz, realizou medidas preventivas contra a febre amarela, já utilizadas durante a epidemia que se instalou no Rio de

<sup>158</sup> Op. Cit, Goeldi (1905, p. 9).

<sup>159</sup> Op. Cit, Goeldi (1905, p. 14).

<sup>160</sup> **BENCHIMOL**, Jaime Larry. Dos micróbios aos mosquitos, febre amarela e revolução pasteuriana no Brasil Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 1999, 498p.

Janeiro anos antes, e foram bem-sucedidas, como quarentenas dos doentes, controle da proliferação dos mosquitos, e campanhas de limpeza e saneamento, todas estas medidas foram descritas em seu relatório de viagem pelo vale do Rio Amazonas<sup>161</sup> (CRUZ et.al, 1972). Com essas medidas implementadas por Oswaldo Cruz, a epidemia de febre amarela em Belém foi erradicada após seis meses, e passou novamente ao status de endemia.

Assim, os processos epidêmicos por doenças infectocontagiosas, que doravante são parte da histórica social e cultural da região amazônica, com teorias que pressupõe a sua origem desde o período do contato. No caso da malária, a sua distribuição geográfica apresenta uma grande área de contágio por toda a região amazônica, tendo relatos de sua atuação anterior a colonização. É bem sabido, no entanto, que durante o Brasil colônia, o termo mais utilizado para malária, era denominado de *impaludismo*. Na Amazônia, os casos de malária ocorreram em maior proporção no período áureo da extração da borracha nas últimas décadas do século XIX, o que ocasionou alto índice de mortalidade entre os trabalhadores dos seringais. Também há registros do estágio febril que ela provoca aos doentes, com registros na histórica médica brasileira a partir do século XVII, seguindo em relatos dos cientistas e naturalista nos séculos XVIII e XIX. Henry Battes (1979 [1863]), refere-se a malária, como presente em regiões próximas aos rios, e nos períodos de seca na Amazônia, pois, com a “baixa das águas”, há a proliferação dos mosquitos, principais vetores da doença (BATES, 1979)<sup>162</sup>.

Na história da medicina tropical brasileira, são muitos os registros que informam da presença da malária ou impaludismo em todo território, principalmente em regiões litorâneas, mas, desde o final da segunda guerra mundial, a doença torna-se endêmica apenas na região da Amazônica. E segundo o médico e cientista, Erney Felicio Plessmann de Camargo (2003), a malária atingiu o status de surto epidêmico na Amazônia no período em que:

---

<sup>161</sup> **CRUZ**, Oswaldo; **CHAGAS**, Carlos; **PEIXOTO**, Afrânio. Sobre o saneamento da Amazônia. Manaus: Philippe Daou. 1972

<sup>162</sup> **BATES**, H. W. Um naturalista no Rio Amazonas. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp. 1979 [1863]. 300p.

*“A borracha tornou-se matéria-prima preciosa e as perspectivas de extração do látex e de riqueza imediata, embora não fáceis, levaram para a Amazônia legiões de nordestinos flagelados por terrível seca em suas terras. Dessa migração maciça nasceram a cultura do extrativismo seringalista, a miscigenação de indígenas e nordestinos, dando origem aos amazônidas do século XX, e a primeira grande epidemia amazônica de malária” (CAMARGO, 2003 p. 27)<sup>163</sup>.*

No estado do Pará, com as frequentes ocorrências de casos de malária na capital Belém, e algumas regiões do interior, a partir de 1910 é criada a *Inspeção de Profilaxia e Paludismo (IPP)*, com objetivo de combater os futuros surtos de malária na capital e localidades adjacentes. A malária, assim como a febre amarela e a varíola, nas primeiras décadas do século XX, juntas somavam muitas vítimas anuais, e tornaram-se endêmicas no estado e principalmente na capital Belém, sendo um fator de saúde pública e preocupação dos governantes, pois, afetava a economia do estado e sua demografia<sup>164</sup> (ARAUJO, 1922).

Com a economia da borracha na Amazônia, o Brasil realiza um acordo com a Bolívia para o transporte da produção de látex boliviano, no entanto, para evitar o trecho encachoeirado, seria necessário a construção de uma ferrovia, denominada Ferrovia Madeira Mamoré, ou Ferrovia do Diabo. No entanto, durante a sua construção milhares de trabalhadores sucumbiram a malária <sup>165</sup>. (CAMARGO, 2003) E com o aumento da mortalidade de trabalhadores na ferrovia, os médicos Oswaldo Cruz, e Carlos Chagas foram convocados para atuar contra os surtos epidêmicos de malária, e nas condições de saneamento do Rio Madeira<sup>166</sup>. (CRUZ, 1910). Além das questões de saúde pública e sanitárias, Oswaldo Cruz, descreveu em seu relatório sobre as condições sociais da população.

*“A população infantil não existe e as poucas crianças que se veem têm vida por tempo muito curto. Não se conhecem entre os habitantes de Santo Antônio pessoas nascidas no local: essas morrem todas. Sem o mínimo*

<sup>163</sup> CAMARGO, Erney Plessmann. Malária, maleita, paludismo. Cienc. Cult., São Paulo, v. 55, n. 1, p. 26-29, jan. 2003. Disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S000967252003000100021&lng=en&nr=m=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252003000100021&lng=en&nr=m=iso). acesso em 08 de setembro de 2022.

<sup>164</sup> ARAUJO, H. C. de Souza. A prophylaxia rural no Estado do Pará. Pará-Belém: Typ. da Livraria Gillet, 1922.

<sup>165</sup> Op. Cit, Camargo (2003).

<sup>166</sup> CRUZ, Oswaldo Gonçalves. Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias no Rio Madeira. Papelaria Americana, Rio de Janeiro, 1910.

*exagero, pode-se afirmar que toda a população de Santo Antônio está infectada pelo impaludismo” (CRUZ, 1910 p. 10)<sup>167</sup>.*

Sobre as condições sanitárias e de salubridade, a expedição científica relataram que eram inexistentes, e não havia processos profiláticos, sendo os problemas de saúde e econômicos originados a partir da exploração da borracha e das péssimas relações de trabalho. Para Carlos Chagas (1878-1934), esses fatores de saúde, estavam relacionados a ausência de medicina especializada e medicamentos apropriados para o tratamento da malária (CRUZ, 1910)<sup>168</sup>. No mesmo período da epidemia da malária nas operações Madeira-Mamoré, também se proliferava na capital do estado do Pará um surto de malária, que acometia todos os bairros de Belém, com elevados números de contágios e mortes (ARAUJO, 1922)<sup>169</sup>.

### **3.2. Males do Projeto Ford: Os surtos epidemiológicos, higiene e salubridade entre os anos de 1928 e 1945.**

Com a implantação dos projetos da Industria Ford no povoado de Boa Vista, município de Aveiro, Vale do Tapajós, e o início dos trabalhos de limpeza e fundação da futura Fordlândia em dezembro de 1928, dar-se as primeiras transformações na paisagem, e nos aspectos sociais do pequeno povoado, com crescimento demográfico devido a vinda de trabalhadores de outras regiões que atuariam no projeto Ford na amazônia. A implantação de Fordlândia às margens do Rio Tapajós, caracterizou-se um dos maiores empreendimentos da região na época, e o novo distrito foi considerado o terceiro maior centro urbano do estado do Pará (DEAN, 1989)<sup>170</sup>.

A partir do desembarque de materiais vindo dos Estados Unidos para a construção da cidade americana na Amazônia, foram contratados trabalhadores que atuariam na remoção de árvores para abertura de área para o plantio das mudas de *Hevea brasiliensis* (Fig.18). O historiador Greg Grandin (2010), relata que esses

---

<sup>167</sup> Op. Cit, Cruz (1910, p. 10).

<sup>168</sup> Op. Cit, Cruz (1910, p. 11).

<sup>169</sup> **ARAÚJO**, H. C. de Souza. A Phrophylaxia Rural no Estado do Pará. Typ. da Livraria Gillet, Belém – Pará, 1922.

<sup>170</sup> **DEAN**, Warren. A luta pela borracha no Brasil. Editora Nobel, 1989.

trabalhadores eram oriundos principalmente da região nordeste e de comunidades próximas ao empreendimento, e ao chegarem eram instalados inicialmente em barracas em meio a floresta, sendo que, durante as atividades diárias centenas de trabalhadores eram acometidos por febres tropicais, malária e febre amarela, além de sofrerem picadas de animais peçonhentos, tornando o ambiente de trabalho perigoso e insalubre. Sendo que a primeira equipe de trabalhadores contratados para a função de desmatadores no ano de 1928, foram infligidos ao calor exaustivo, por uma *“imensidão de insetos, escorpiões, vespas e cobras”*<sup>171</sup>(GRANDIN, 2010), além de ser acometidos por febre, infecções, e inflamações intestinais. Estes fatores juntos, foram os responsáveis pela elevada taxa de mortalidade, sendo necessário a construção do cemitério em Fordlândia para o sepultamento destes trabalhadores da linha de frente do projeto.

*“The first years of the settlement were plagued by waste, violence, and vice, making Fordlandia more Deadwood than Our Town. The death rate from malaria and yellow fever was high. Bending to hack away at the underbrush with machetes, scores of frontline cutters died from viper bites. Those who fled the plantation brought with them tales of knife fights, riots, and strikes”* (GRANDIN, 2010 p. 148)<sup>172</sup>.

Com os trabalhadores, vieram suas famílias, fator este que levou a nova cidade a triplicar sua população nos primeiros anos, ocasionando também problemas sociais e de saúde. No entanto, como as estruturas de Fordlândia ainda não haviam sido concluídas, os funcionários construíram moradias improvisadas utilizando caixas de papelão, pequenas partes de lona, e palha. Essas moradias sem saneamento básico propiciaram a proliferação de insetos transmissores de doenças infecciosas, e outras enfermidades (Fig. 19).

---

<sup>171</sup> Op. Cit, Grandin (2010, p.147).

<sup>172</sup> Op. Cit, Grandin (2010, p. 148).



**Figura 18 - Trabalhadores limpando local para moradias em 1928 (Fonte: The Henry Ford Collection).**



**Figura 19 - Moradia de trabalhadores de Fordlândia em 1929 (Fonte: The Henry Ford Collection).**

Sendo a região do Vale do Tapajós endêmica da malária e febre amarela, devido a fatores ambientais, pois a região possuía clima com apenas duas estações, intercaladas entre períodos chuvosos e períodos de estiagem, o que deflagava a ocorrência de proliferação de insetos com a “baixa das águas”, principais vetores das moléstias regionais. Em seu tratado sobre os mosquitos culicídeos do Pará, o cientista Emilio Goeldi, associa à ocorrência de determinadas doenças a espécies de mosquitos como o *Anopheles*, o *Stegomyia*, e *Culex*, recomendando que a questões dos mosquitos no estado paraense, deveria ser tratado como calamidade pública, sendo implementadas medidas de proteção contra esses insetos (GOELDI, 1905)<sup>173</sup>. Pioneiro no estudo dos mosquitos amazônicos, Emilio Goeldi, descreve em seus estudos que a inexistência de medidas efetivas para tratamento dos sintomas e controle da doença levaria a alta taxa de mortalidade entre adultos e crianças na região amazônica.

Neste âmbito, nos anos iniciais da implantação de Fordlândia, torna se evidente que as más condições de moradia, e higiene, foram responsáveis pela ocorrência de doenças como a malária, a febre amarela, e o beri beri, esta última trata ser outra enfermidade que acometeu os trabalhadores e famílias do projeto Ford na amazônia. Em 1930, um embaixador americano ao visitar as plantações Ford no Tapajós, relata o “caos” que se instalava em Fordlândia, com construções inacabadas, poucas espécies de *hevea* plantadas, além de trabalhadores doentes e malnutridos, e muitos destes trabalhadores já havia sucumbidos devido estas moléstias<sup>174</sup> (GRANDIN, 2010). Outrossim, no ano de 1928, “*uma epidemia de malária atingiu a maioria dos funcionários, sendo necessários a paralisação dos trabalhos para tratamento dos doentes*”<sup>175</sup> (GRANDIN, 2010).

No ano de 1929, dos 1300 funcionários cadastrados, aproximadamente 1/3 deles passavam por tratamentos médicos. Todavia, juntamente com esses trabalhadores, em sua maioria da região nordeste do Brasil, vinham acompanhados de suas esposas e filhos, e muitos deles eram crianças com menos de 5 anos, e já

---

<sup>173</sup> Op. Cit, Goeldi (1905).

<sup>174</sup> Op. Cit, Grandin (2010)

<sup>175</sup> **Grandin** (2010, p. 160). “Tradução da autora”.

chegavam ao acampamento desnutridas, com tênia<sup>176</sup>, males intestinais e febres<sup>177</sup> (GRANDIN, 2010).

Todavia, no início do ano de 1929, chegaram ao alojamento Ford, migrantes vindos da Ferrovia Madeira – Mamoré, que após a finalização da ferrovia, vieram para o Tapajós em busca de trabalho nas plantações. A grande maioria destes trabalhadores assumia funções na equipe de limpeza da floresta, para plantio de novas mudas. Muitos desses novos trabalhadores, já haviam sido acometidas por malária, e febre amarela enquanto atuavam na construção da Ferrovia em Porto Velho.

Desde o início dos trabalhos em 1928 centenas de mortes já haviam ocorrido entre os funcionários, e até dezembro do ano de 1929, mais “90 pessoas foram sepultadas no cemitério da empresa, dentre eles somente 62 eram trabalhadores registrados, as outras 28 pessoas estranhos”<sup>178</sup> (GRANDIN, 2010), ou familiares dos funcionários. E ao final de 1930 já haveria mais de 600 sepultamentos no cemitério de Fordlândia.

Estes surtos epidemiológicos em Fordlândia, foram noticiadas em jornais de nível nacional e local. Estas matérias, informavam sobre o estado sanitário e de salubridade no projeto de Henry Ford. No jornal o País, foi noticiado que *na “lança 7 de setembro de Ford, é encontrado larvas dos mosquitos da febre amarela”*<sup>179</sup> (O PAÍS, 1929). No mesmo ano, o jornal A Cidade, escreve um artigo afirmando que “o estado sanitário de Fordlândia é péssimo, com casos de malária, febre amarela, e beribéri”, e em outra notícia divulgada em junho de 1929, o jornal relata sobre “*um caso de lepra na vila de Cassuépá*”<sup>180</sup> (A CIDADE, 1929), vila de trabalhadores anexo à Fordlândia.

Com o vertiginoso aumento no índice de enfermos, e com o antigo hospital em estado precário e prestes a colapsar, fora necessário adiantar o processo de

---

<sup>176</sup> Este tipo de doença parasitaria acometia durante o século XX, crianças pequenas que viviam ao longo do vale do Rio do Amazonas e Tapajós. Sendo desencadeada pela má alimentação e falta de higiene.

<sup>177</sup> GRANDIN (2010, p.151).

<sup>178</sup> Ibid, p. 153

<sup>179</sup> JORNAL O PAÍS. Guerra aos Carapanãs. Rio de Janeiro, 1929.

<sup>180</sup> JORNAL A CIDADE. Santarém, Pará, 1929.

construção de um hospital mais moderno que atenderia todas as necessidades dos trabalhadores da Companhia Ford no Tapajós e suas famílias (Fig. 20 e Fig. 21). Em 1930 inicia-se a construção de um dos hospitais mais modernos do Brasil, o hospital de Fordlândia quando finalizado possuía, raio-x, máquina de tomografia, laboratório, sala de cirurgia, ala pediátrica, e enfermaria com mais de 80 leitos<sup>181</sup> (DEAN, 1989).



Figura 20 - Hospital de Fordlândia, 1931 (Fonte: The Henry Ford Collections).

---

<sup>181</sup> DEAN (1989).



**Figura 21 -Enfermaria Hospital de Fordlândia, 1931 (Fonte: The Henry Ford Collections).**

A partir de 1934, são iniciados trabalhos do projeto Ford na Amazônia, em outra área localizada ao sul de Fordlândia, denominada Belterra. Procurando não cometer os mesmos erros de Fordlândia, a equipe de Henry Ford no Brasil, iniciou a construção de uma nova cidade americana no Tapajós, em áreas mais afastadas das margens dos rios, e próxima as plantações em um platô com terreno plano. também foram contratados trabalhadores locais para atuar nas plantações e viveiros. Esta medida pode ter colaborado para a baixa ocorrência nos casos de malária, e febre amarela.

Assim, como em Fordlândia, foi construído em Belterra um hospital moderno, mas, em proporções menores para o atendimento dos funcionários e de suas famílias, bem como da população local. Os principais atendimentos eram por acidentes de trabalho, infecções intestinais, e casos de malária. Também eram realizadas cirurgias de emergência e parto cesáreo<sup>182</sup> (Fig. 22). Em 1940, o hospital de Belterra recebe a

---

<sup>182</sup> Informações retiradas de um prontuário de 1945, que se encontra no acervo do centro de memória de Belterra.

visita do presidente Getúlio Vargas, demonstrando seu apoio ao desenvolvimento da região amazônica com incentivo da Companhia Ford do Brasil<sup>183</sup> (O GLOBO, 1940).



Figura 22 - Cirurgia sendo realizada no hospital de Belterra em 1934  
(Fonte: The Henry Ford Collections).

O desejo utópico de Henry Ford, de desenvolver a amazônia a partir de uma plantação industrial de borracha coletada da *Hevea Brasiliensis*, tornou-se um grande empreendimento e fundou duas cidades americanas no Vale do Tapajós entre os anos de 1928 e 1934, a Fordlândia localizada no município de Aveiro, e Belterra que na época era distrito da cidade de Santarém, no estado do Pará. No entanto, Henry Ford e seus administradores não previram que as plantações seriam acometidas por uma praga biológica em ambas as plantações, mas, esse fator não pode ser considerado o único fator para a extinção do projeto, e sim deve ser acrescentado o fator humano e as diversidades sociais encontradas pelos trabalhadores na época (DEAN , 1989). Como o observado por Warren Dean, em seu livro “A luta pela borracha na Amazônia”, publicado em 1989:

---

<sup>183</sup> JORNAL O GLOBO. Presidente Vargas visita instalações Ford. São Paulo, 1940.

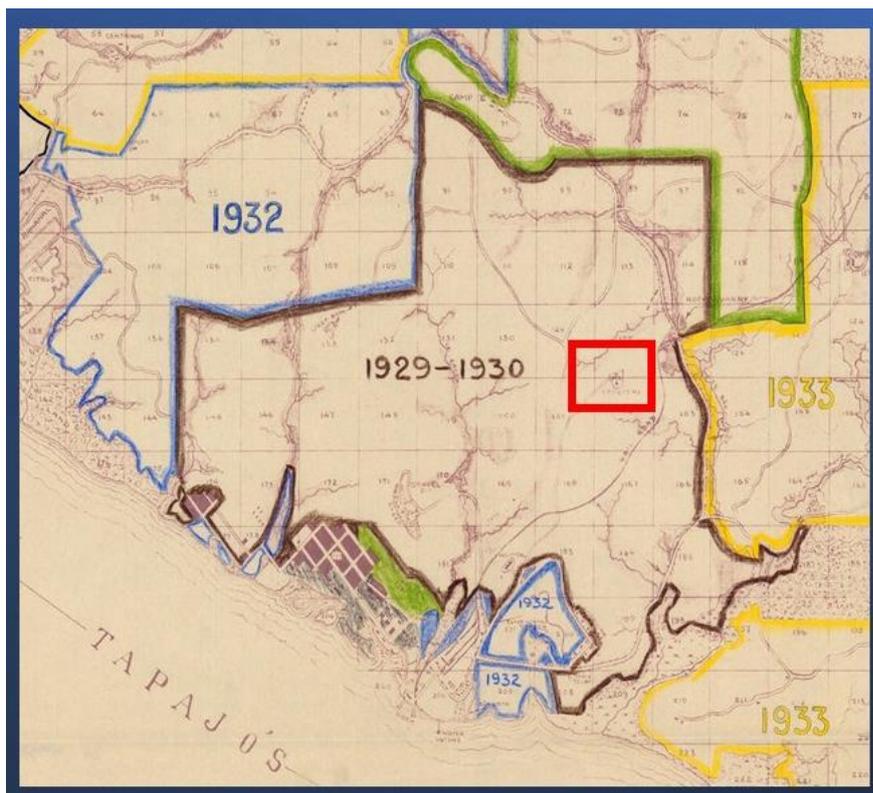
*“Alguns relatos sobre os seringais de Ford imputavam seus fracassos não a simples fungos, mas a problemas com o pessoal. Imagine-se que os problemas com os empregados tenham sido tão ou mais importantes do que a praga do mal das folhas que atingiu os seringais. [...] Nos primeiros anos a administração de Fordlândia experimentou consideráveis dificuldades para atrair e manter uma mão de obra submissa e diligente” (DEAN, 1989 p. 124)<sup>184</sup>.*

As histórias suspensas dos trabalhadores que atuaram no projeto Ford, estão presentes nos cemitérios de Fordlândia e Belterra, e fazem parte da memória de seus descendentes que ainda residem em Fordlândia e Belterra, e nas sepulturas dos cemitérios, tornando-se parte da história e da memória da população amazônica. Neste sentido a história social presente nas sepulturas, principalmente no cemitério de Fordlândia, tão importante quanto a “*cidade dos vivos*”, pois, traz muitos dos sentimentos relacionados ao fenômeno da morte.

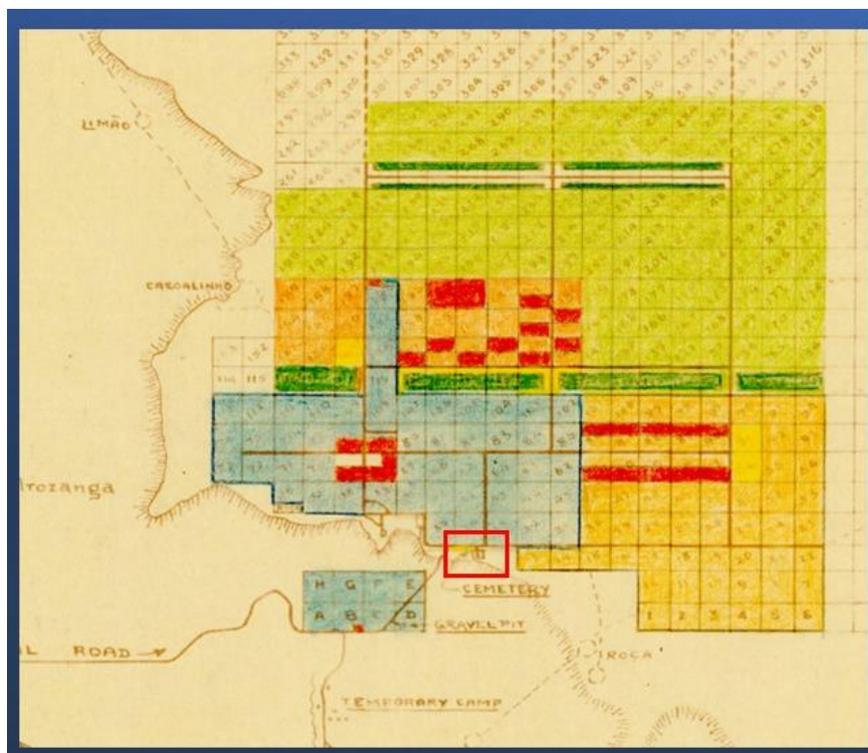
Os cemitérios de Fordlândia e Belterra foram inseridos nas plantas originais de fundação das duas “*idades americanas*”, e foram construídos em 1928 (Fig. 23), e 1934 (Fig.24) respectivamente. No próximo capítulo trataremos mais profundamente sobre as características destes cemitérios e seus contextos cemiteriais.

---

<sup>184</sup> Op. Cit. DEAN (1989. p. 124).



**Figura 23 - Localização do cemitério na planta de Fordlândia**  
(Fonte: The Henry Ford Collections).



**Figura 24 - Localização do cemitério na planta de Belterra**  
(Fonte: The Henry Ford Collections).

Como citado anteriormente, o cemitério de Fordlândia foi fundado no ano de 1929, mas desde outubro de 1928 já ocorriam sepultamentos. Atualmente este cemitério encontra-se localizado a cerca de 2.000 metros de distância da área urbana do distrito, em uma área acidentada com pequena elevação. Em 2010 com o mapeamento e delimitação do núcleo urbano de Fordlândia para tombamento pelo Iphan, o cemitério foi considerado como área de importância histórico-cultural, podendo ser tombado separadamente do núcleo urbano (IPHAN, 2010)<sup>185</sup>. Já o cemitério de Belterra, foi fundado em 1934, e está localizado no limite da demarcação da planta de 1931, em uma área plana, e distante aproximadamente 800 metros da área urbana do município. Assim como o cemitério de Fordlândia, o cemitério de Belterra não foi incluso na área delimitada para tombamento juntamente com o núcleo urbano.

Portanto, sendo um espaço de memória, e de múltiplas representações, os cemitérios fundados durante o período Ford, contam histórias representadas na arquitetura tumular, e na inserção de cada sepultura no espaço cemiterial. Assim como em outras regiões do Brasil, os cemitérios de Fordlândia e Belterra podem ser definidos como bens patrimoniais. No entanto essa relação entre o espaço cemiterial com o fenômeno da morte, se dá em distintas formas, de acordo com o pensamento e memória social de cada sociedade. E nos cemitérios estudados nesta tese, essa relação possui uma história de longa duração, e as sepulturas de outrora, são visitadas ainda atualmente, e fazem com que visitantes destes cemitérios reflitam sobre quem foram as pessoas que ali jazem, e que histórias foram interrompidas e se encontram suspensas no tempo e espaço.

---

<sup>185</sup> **IPHAN**, 2010. Dossiê de Tombamento Volume I Fordlândia: a plantation norte-americana na amazônia paraense da primeira metade do século XX. Belém-Pará.

#### 4. A MORTE E O MORRER NOS CEMITÉRIOS DE FORDLÂNDIA E BELTERRA: ASPECTOS METODOLÓGICOS.

*“Os Cemitérios Históricos são sítios arqueológicos que preservam a história e memória de uma sociedade”<sup>186</sup>.*

Durante o período em que a companhia Ford do Brasil, se estabeleceu no povoado Boa Vista, passando a ser denominada de Fordlândia, sua população chegou a aproximadamente 15.000 habitantes. Esse crescimento populacional, foi o responsável por grandes alterações demográficas, e sociais, relegando ao novo distrito do Vale do Tapajós o aspecto de um grande centro urbano da época. Todavia, com essas grandes transformações sociais, também ocorreram alterações na paisagem local, e ocasionou um distúrbio ambiental que contribuiu para o avanço de processos epidêmicos na região, que antes eram endêmicos e mais brandos.

Neste sentido, por se tratar de uma região endêmica para doenças infecciosas, como malária, febre amarela, e beribéri, o aumento demográfico, juntamente com moradias localizadas próximas as margens do Rio Tapajós, associados aos fatores ambientais bióticos e abióticos, contribuíram para a proliferação dessas doenças infectocontagiosas, e parasitárias entre a população, sendo responsáveis pela maioria das mortes ocorridas durante o período Ford, entre as décadas de 1930 e 1940 em Fordlândia (SMITH, 1928)<sup>187</sup>. Em contraponto, no distrito de Belterra, as principais causas de morte nos primeiros anos de implantação do projeto Ford e nos anos subsequentes foram as picadas de animais peçonhentos, febre amarela e infecções intestinais (JOHNSTON, 1942)<sup>188</sup>.

Por volta de 1932 centenas de sepultamentos já haviam sido realizados no cemitério de Fordlândia, conforme o relatado por Greg Grandim (2010). No que condiz aos sepultamentos do cemitério de Fordlândia, são poucas as informações

---

<sup>186</sup> **Op. Cit. (Lima, 1994).**

<sup>187</sup> **SMITH**, A.M. “Diseases, Wages, Politics Threaten Ford Project.” *The Detroit News*. Nov 8, 1928.

<sup>188</sup> **JOHNSTON**, Archibald. Rubber Plantations. (Relatórios). Ford Motor Company: [s.n.t.], 1942.

**CLEARY**, Edward J. “An Engineer’s Role on a Rubber Plantation.” *Engineering News-Record*. Mar, 1944.

disponíveis que relatam sobre a causam das mortes no distrito entre os anos de 1928 e 1945, podendo uma das principais causas os surtos epidêmicos de malária, e febre amarela que ocorreram na região durante a década de 1930. Em conversa com a senhora Maria Doralice Pereira, que reside em Fordlândia a mais de 60 anos, nos foi relatado que:

*“Quando menina, ainda no tempo em que seu pai era funcionários da companhia, ele lhe contou que nos primeiros anos da fundação de Fordlândia, e durante a década de 1930 muitos foram os trabalhadores que pereceram de uma forte epidemia de malária e logo depois de febre amarela, e durante esta época foram abertas muitas covas às pressas para enterrar os mortos em decorrência da doença”<sup>189</sup>.*

A moradora ainda nos informou que além de adultos, a doença atingiu as crianças, filhos dos trabalhadores. Este relato condiz, com o descrito por Greg Grand (2010), onde relata, que dentre as vítimas do surto epidêmico estavam os filhos de Einar Oxholm, administrador da Ford no Vale do Tapajós entre os anos de 1929 e 1930<sup>190</sup> (GRANDIN, 2010).

#### **4.1 Paisagem, Espacialidade e Arquitetura da Morte nos Cemitérios Fordianos.**

Os cemitérios de Fordlândia e Belterra foram fundados nos anos de 1928 e 1934 respectivamente, com a finalidade de realizar os sepultamentos dos funcionários da companhia Ford, sendo instalado em uma área além dos limites do perímetro urbano <sup>191</sup>, em terreno acidentado, tendo em seu entorno áreas de vegetação secundária Esses cemitérios foram pensados e implantados como espaços funcionais, sem quaisquer representações simbólicas ou socioculturais, devido à necessidade iminente de local para enterramentos ocasionados pela alta taxa de mortalidade nos primeiros anos da criação do projeto. No entanto, com o decorrer dos

---

<sup>189</sup> Transcrição retirada da entrevista realizada com moradora de Fordlândia.

<sup>190</sup> Op. Cit. (Grandin, 2010, p.173).

<sup>191</sup> Os sepultamentos extramuros, localizados além dos limites das cidades ocorrem no Brasil desde o período do Império, segundo um decreto de Portugal, como medidas sanitárias para contenção de proliferação de doenças.

anos, os cemitérios fundados durante o período Ford, passaram a ser uma forma de representação da memória, agregando valor histórico e cultural para a Sociedade do Vale do Tapajós.

O cemitério de Fordlândia foi fundado em 1928, e está localizado no Município de Aveiro, estado do Pará, em uma área distante do centro urbano, com vegetação ombrófila, e árvores frutíferas no entorno do cemitério, possui relevo acidentado devido sua implantação está inserida em um pequeno platô, com elevação de 80 metros. Com a mudança do projeto para o Município de Belterra a partir de 1934, a maior parte das informações sobre os sepultamentos se perdeu durante a transição. O que podemos inferir seguindo os relatos presentes no livro “Forlândia” de Grandin (2010), são que o número de enterramentos foi ainda maior nos anos de 1928 e 1929, de acordo com o autor **“ao final de 1929, noventa pessoas foram enterradas no cemitério da empresa”**. Esse relato se contrapõe, com a cultura material funerária observada no cemitério, onde foram identificadas 118 sepulturas. Ressalta-se que para a pesquisa consideramos somente o número de lápides presentes no cemitério. Em fotografia de 1931, podemos verificar os sepultamentos realizados no cemitério entre 1928 e 1931 (Fig.25). Atualmente, o cemitério é administrado pela comunidade e continua ativo.

O cemitério de Belterra foi fundado em 1934, e atualmente é denominado como Cemitério Santo Antônio de Pádua (Fig.26). Está localizado próximo ao centro urbano, em relevo plano e com vegetação no entorno de árvores frutíferas, e seringais. Nos primeiros anos de sua fundação estava dividido em duas áreas para sepultamentos de indivíduos adultos e indivíduos não adultos. Sua área inicial foi ampliada para receber novos sepultamentos.



**Figura 25 - Vista da entrada do Cemitério de Fordlândia (Foto: Acervo autora)**



**Figura 26 - Vista da entrada do cemitério de Belterra. (Foto: A autora).**

No âmbito deste trabalho, os cemitérios Fordianos, foram estudados pelo viés da arqueologia, com ênfase no seu patrimônio edificado voltado para arqueologia funerária, a arquitetura tumular, e arqueologia simbólica, sendo assim um artefato arqueológico. E deste modo, os cemitérios do período Ford configuram-se como espaço de grande potencial arqueológico, onde sua inserção na paisagem e na espacialidade do terreno são elementos importantes para traçar um panorama sobre os processos históricos dos sepultamentos desde os primeiros enterramentos dos funcionários da companhia, e de seus descendentes que continuaram residindo no distrito após a finalização do projeto em 1945. Neste sentido, elaboramos um panorama de quais aspectos seriam observados nesta pesquisa, seguindo os pressupostos metodológicos utilizados nos estudos cemiteriais desde a década de 1970 (Quadro 1).

**QUADRO 1 - Aspectos observados nos sepultamentos do período Ford, presentes nos cemitérios de Fordlândia e Belterra.**

ASPECTOS	PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO
Análise Espacial	Sexo (estabelecido conforme nomeação da sepultura)
Paisagem Cemiterial	Data do Sepultamento (presente na sepultura)
Arquitetura Tumular	Tipo de Sepultamento (um ou mais indivíduos sepultados no mesmo túmulo)
Conservação e Preservação	Grau de preservação e aspectos de deterioração
Arte Funerária	Simbologia das sepulturas

**Fonte: Elaborado a partir de Deetz (2010); Lima (1994); Farrel (1980); Deertz e Dethlefsen (1968).**

E para compreender essa espacialidade do contexto dos sepultamentos, procuramos primeiramente estabelecer um parâmetro para análise da materialidade da morte, a partir da inserção dos sepultamentos na paisagem cemiterial. Pois

segundo Nuno Ferreira Bicho (2006), ao prospectar um sítio arqueológico, é necessário compreender o espaço e a paisagem do local, e como esse espaço foi utilizado no passado. Sendo assim, realizamos uma prospecção de superfície dos elementos da cultura material cemiterial ainda presente no local, por meio de registro fotográficos e descrição dos artefatos funerários.

Para uma melhor compreensão do espaço, delimitamos os cemitérios, tanto o de Fordlândia, quanto o de Belterra e os dividimos por complexos de acordo com a data dos sepultamentos. Ainda, nesta mesma perspectiva, foi possível observar as condições de conservação das sepulturas e dos fatores que contribuíram para a sua deterioração. Sendo que a metodologia desta pesquisa foi adaptada dos estudos desenvolvidos pelo antropólogo James Deetz (DEETZ, 2010)<sup>192</sup>, e pela Arqueóloga Tânia Andrade Lima (LIMA, 1994)<sup>193</sup>, aplicada nos estudos cemiteriais. Para estes pesquisadores os estudos sobre a paisagem ritual e espacialidade funerária, compreende a análise do contexto arqueológico e da deposição funerária com foco na descrição da cultura material funerária presente no sepultamento. Ao se utilizado concomitantemente aos estudos bioarqueológicos possibilitará a construção de um perfil demográfico cemiterial, e identificação de aspectos históricos e socioculturais.

Neste sentido, os procedimentos realizados durante o estudo dos cemitérios de Fordlândia e Belterra consistiram na caracterização e descrição dos sepultamentos através de observação *in loco*, onde consideramos os aspectos da paisagem e dispersão espacial das sepulturas, bem como os processos de preservação e conservação das sepulturas, e de sua arquitetura tumular em decorrência de processos ambientais e antrópicos. No aspecto demográfico realizamos a coleta de informações observando os elementos de sexo, data de nascimento, data da morte, e nacionalidade, quando passível de identificação.

Objetivando, uma melhor análise do nosso objeto de estudo, o trabalho de campo consistiu em três etapas, sendo a primeira e a segunda etapa foram realizadas no cemitério de Fordlândia, e a terceira etapa no cemitério de Belterra. Durante a primeira etapa realizada em agosto de 2020, procedemos com delimitação

---

<sup>192</sup> **DEETZ**, J. In *Small Things Forgotten: An Archaeology of Early American Life*. Anchor Books/Doubleday. New York. EUA, Edição revisada, 2010.

<sup>193</sup> **LIMA**, Tânia Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Brasil. 1994.

georreferenciada do cemitério e levantamento do estado de conservação das sepulturas, sendo utilizadas fichas de registros para cada aspecto observado. Assim, durante as visitas ao cemitério de Fordlândia observamos os vestígios dispersos em superfície através de um levantamento sistemático das sepulturas, e se estavam na posição original ou em outra posição. A análise espacial nos permitiu perceber que o cemitério inicialmente possuía forma retangular e nos anos de 1940 foi ampliado para novos sepultamentos da comunidade remanescente de Fordlândia. Outra ampliação ocorreu a partir dos anos 2000 para realização de novos enterramentos. A localização do cemitério está em uma área com pequena elevação na área rural do distrito (Fig.27) Nesta primeira etapa também foram realizados registros fotográficos da dispersão das sepulturas a partir de um ponto central (Fig. 28).

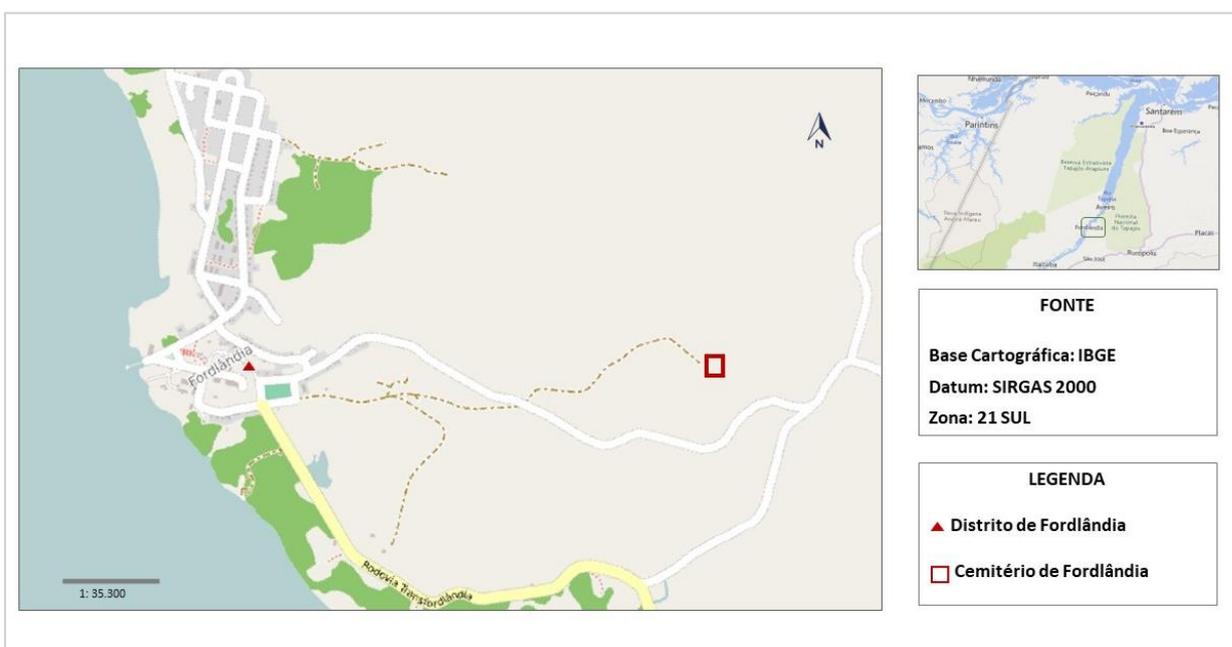


Figura 27 – Polígono com localização do Cemitério de Fordlândia. (Adaptado do IBGE)



**Figura 28 - Vista Panorâmica do cemitério de Fordlândia a partir do cruzeiro  
(Fonte: Acervo de Susana Sousa Dias).**

Concomitantemente com a identificação e registro das sepulturas do período Ford, foram também identificados os sepultamentos que ocorreram a partir de 1945, com o intuito de analisarmos de forma comparativa a quantidade de enterros realizados após a extinção do projeto de Henry Ford na Amazônia, bem como para análise nas alterações da arquitetura dos túmulos. Durante a pesquisa observamos as modificações no tipo de arquitetura funerária, os tamanhos, e materiais construtivos (Fig. 29). Nos sepultamentos mais recentes com datas a partir da década de 1950 foi observado a transição tipológica na arquitetura funerária como gradis, e jazigos individuais (Fig. 30), presentes principalmente no setor do cemitério expandido após 1945.



**Figura 29 - Sepultamentos realizados em 1929. (Fonte: Acervo a autora).**



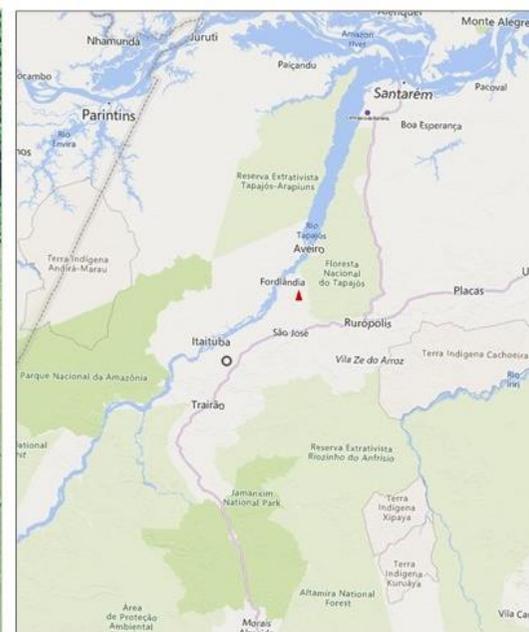
**Figura 30 - Sepultamentos da década de 1950 com Gradis (Fonte: Acervo da autora).**

Os enterramentos no cemitério de Fordlândia foram realizados no sentido leste/oeste, seguindo a ordem das datas do falecimento. Durante o levantamento da espacialidade funerária, foram coletadas pontos de Gps do local com concentrações de cruzes retiradas de sua posição e que anteriormente sinalizavam o local original destes sepultamentos. Todavia, para melhor descrição destes setores, optamos por dividi-los em cinco espaços funerários denominados como: Setor 1 (sepultamentos

infantis); Setor 2 (sepultamentos de 1928 e 1929); Setor 3 (sepultamentos décadas de 1930 e 1940); Setor 4 (sepultamentos da década de 1950 a 1990); Setor 5 (sepultamentos desde os anos 2000). Ressalta-se que estes setores são cortados por uma rua central, onde encontra-se o cruzeiro utilizado para queima de velas.

Neste aspecto, verificamos dentro do contexto da distribuição espacial do cemitério de Fordlândia, que ao Norte está localizado a entrada do cemitério, em paralelo encontra-se o setor 1 os sepultamentos infantis de diferentes períodos. À leste da entrada do cemitério estão os sepultamentos datados dos anos de 1928 e 1929, e a sua esquerda observamos os sepultamentos realizados entre 1950 e 1990, sendo visível as transformações nos elementos de arquitetura tumular, este aspecto nos leva a inferir que as cruzes de concreto foram utilizadas somente para os sepultamentos dos funcionários da Companhia Ford, e apenas durante os anos em que atuou no distrito. Na imagem a seguir (Fig. 31), podemos observar no setor 3, que compreende os sepultamentos realizados entre os anos de 1930 e 1945, está ocupando área a oeste do cruzeiro e possui um maior número de sepulturas. E por fim na porção mais elevada do cemitério encontra-se os sepultamentos recentes, datados do início dos anos 2000, ou seja, demarcando um limite temporal de final do século XX para o século XXI. Torna-se necessário delimitarmos que alguns sepultamentos se encontram dispersos e localizados esporadicamente em setores diferentes da data de sepultamento. Ainda dentro da análise de espacialidade, foi observado centenas de cruzes retiradas dos sepultamentos originais e aglomeradas em diferentes setores do cemitério.

### Espacialidade dos Sepultamentos no Cemitério de Fordlândia, Aveiro, Pará.



#### LEGENDA

- |   |                           |   |                           |
|---|---------------------------|---|---------------------------|
|  | Sepultamentos Infantis    |  | Sepultamentos 1950 a 1990 |
|  | Sepultamentos 1928 e 1929 |  | Sepultamentos recentes    |
|  | Sepultamentos 1930 a 1945 |  | Área não utilizada        |

#### FONTE

Base Cartográfica: IBGE

Datum: WGS 84

Zona: 21 SUL

Adaptado: Earth Explore USGS

Figura 31- Localização Espacial e delimitação de setores do cemitério de Fordlândia (Elaborado pela autora).

Os procedimentos metodológicos para a análise da espacialidade dos cemitérios Fordianos, foram embasados na interdisciplinaridade das pesquisas em cemitérios históricos, como é o caso dos cemitérios de Fordlândia e Belterra, que atualmente continuam sendo utilizados pelas populações locais como espaços funerários. E assim como o discorrido por Lima (1994)<sup>194</sup> em seus estudos nos cemitérios oitocentistas do Rio de Janeiro, onde a autora insere os cemitérios históricos como sítio arqueológico, optamos por seguir esses pressupostos utilizando das narrativas orais e caracterização dos sepultamentos como parte de um microcosmo que representa a história dos trabalhadores que atuaram no projeto Ford, e não retornaram as suas cidades de origens, permanecendo suas histórias suspensas no espaço e no tempo.

Diante do exposto, para melhor interpretação e compreensão destas histórias suspensas, realizamos também pesquisas bibliográficas e iconográficas no acervo de Henry Ford que encontra se disponível em sua coleção virtual, e em jornais da época.

Na segunda etapa de campo, continuamos com os estudos no cemitério de Fordlândia, sendo esta etapa realizada em outubro de 2021. Nesta etapa foi realizado registro fotográfico, com ênfase nos vestígios arqueológicos da cultura material cemiterial, principalmente nos aspectos tumulares, como matéria prima utilizada na construção das sepulturas, localização no espaço cemiterial, e aspectos de conservação e preservação. Este último item será abordado no próximo tópico. Para registro destes aspectos utilizamos fichas de identificação para cada setor do cemitério (quadro 2).

---

<sup>194</sup> Op. Cit. (Lima, 1994).

Quadro 2 – Ficha utilizada para coleta de dados dos sepultamentos

FICHA DE SEPULTAMENTO		
Cemitério	<b>Tipo de sepultamento</b>	<b>Sexo Biológico</b>
	<input type="checkbox"/> primário <input type="checkbox"/> secundário	<input type="checkbox"/> Feminino
Coordenadas	<input type="checkbox"/> individual <input type="checkbox"/> Coletivo	<input type="checkbox"/> Masculino
	<b>D/N:</b>	<b>D/F:</b>
Sepultura	<b>Indivíduo</b>	<b>Orientação Sepultura</b>
<input type="checkbox"/> Jazigo <input type="checkbox"/> Lápide <input type="checkbox"/> Gradis	<input type="checkbox"/> Adulto <input type="checkbox"/> Não Adulto	<input type="checkbox"/> Norte <input type="checkbox"/> Sul
<input type="checkbox"/> Outro		<input type="checkbox"/> Leste <input type="checkbox"/> Oeste
<b>Material</b>	<b>Arte</b>	<b>Preservação</b>
<input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Alvenaria	<input type="checkbox"/> Cruz <input type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Bom
<input type="checkbox"/> Ferro <input type="checkbox"/> Cerâmica	<input type="checkbox"/> Epitáfio <input type="checkbox"/> Flores	<input type="checkbox"/> Regular
<input type="checkbox"/> Madeira <input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Péssimo
<input type="checkbox"/> Mármore	<input type="checkbox"/> Arabescos	

Nesta fase da pesquisa, notamos processos erosivos no terreno do cemitério de Fordlândia, o que nos levou a inferir ser essa a causa do deslocamento das cruzes que delimitavam as sepulturas, sendo observado que muitas estão fora de sua posição original. A partir dessa observação optamos por mapear o cemitério através de quadriculas, considerando aspectos de alinhamento e ordenação, isso nos permitiu melhor controle na coleta das informações das sepulturas que estavam na sua posição original e as que estavam deslocadas e dispersas pelo cemitério (Fig. 32).



**Figura 32 – Lápides/ Cruz tombadas que inicialmente marcavam sepulturas do período Ford (Fonte: acervo autora).**

Na terceira etapa, realizamos o mapeamento do cemitério de Belterra em abril de 2022. Seguimos nesta fase da pesquisa a mesma metodologia aplicada no estudo do cemitério de Fordlândia, todavia, foi necessária acrescentar algumas adaptações. Como mencionado anteriormente, o cemitério de Belterra foi fundado a partir de 1934 pela Companhia Ford Industrial do Brasil. Este cemitério possuía inicialmente formato retangular com dimensões aproximadas de 18.000 m<sup>2</sup>, sofrendo alterações nas suas dimensões em anos posteriores (Fig. 33).



**Figura 33 - Mapa com localização do Cemitério de Belterra, e espacialidade dos sepultamentos. (Fonte: Elaborado pela autora).**

Inicialmente realizamos o mapeamento do cemitério com divisão por setores, denominados de setor 1, que compreende os sepultamentos infantis realizados desde a década de 1930 a 2010; setor 2, onde estão incluídos os sepultamentos a partir de 1934 a 1990; setor 3, que abrange os sepultamentos desde 1990 a 2022; e por fim o setor 4, diferente dos demais este setor possui sepultamentos novos a partir de 2020, principalmente de indivíduos que não possuíam familiares em antigos jazigos. Durante o mapeamento inicial observamos discrepâncias em relação aos locais de sepultamento, diferentemente do cemitério de Fordlândia, os sepultamentos realizados após os anos de 1960 localizados no setor 2 e 3, não seguem um padrão de ocupação cemiterial, com sepulturas espacialmente sem sequência cronológica, onde também ocorre a reutilização dos jazigos em épocas distintas (Fig.34).



**Figura 34 - Jazigo com sepultamentos em diferentes períodos.  
(Fonte: a autora).**

Objetivando uma melhor classificação dos aspectos presentes no cemitério, optamos por subdividir os setores em quadras nomeadas de A, B, e C para observação de parâmetros espaciais, também estabelecemos designações para os tipos de túmulos, seguindo a nomenclatura utilizada por Lima (1994), onde dividi os túmulos em tipologias. Assim, os sepultamentos do cemitério de Belterra, foram divididos em três categorias: jazigos simples, jazigos coletivos, e túmulos<sup>195</sup>. Seguimos a tipologia estabelecida por Lima (2014), e Machado (2017) para análise do tipo de arquitetura tumular, onde foram definidas três categorias de túmulos. Além disso, prosseguimos com a análise das sepulturas, identificando espacialmente os sepultamentos que compreende o período Ford que compreende desde a instalação do projeto em 1927 ao encerramento das atividades de extração do látex em 1958. Foi observado nos sepultamentos a continuidade nos padrões das sepulturas do período Ford, e somente os que foram alterados em períodos mais recente possuem arte tumular diferenciada (Fig.35).



**Figura 35 - Sepultura infantil de 1957 (Fonte: A autora).**

---

<sup>195</sup> "(...) foram reconhecidas três categorias de jazigos ou sepulturas: túmulos, ossuários e mausoléus" (LIMA, 1994, p. 96).

Nesta etapa da pesquisa realizamos a identificação da arte tumular existente nas sepulturas, e sua variabilidade estilística, além da matéria prima utilizada nos túmulos. Neste aspecto observamos as variabilidades tipológicas entre o tipo de lápides presentes no cemitério de Fordlândia e Belterra. Sendo esta variabilidade exposta no material construtivo das lápides que marcam os sepultamentos nestes cemitérios. Observou-se que a principal matéria prima utilizada é a madeira, e o concreto e ferro.

#### 4.2 - Preservação e Conservação dos Túmulos

No decorrer dos anos a cultura material funerária é fonte de estudos sistemáticos e análises de diversos aspectos. A partir dos estudos da Arqueologia Histórica, os contextos cemiteriais adquirem novas perspectivas, voltadas principalmente para a arquitetura, arte tumular, estratigrafia social, e conservação dos túmulos<sup>196</sup>.

No âmbito desta pesquisa, procuramos identificar quais foram os principais processos de degradação das sepulturas, a partir da prospecção sistemática e levantamento das características gerais das sepulturas que apresentavam vestígios de deterioração tafonômica ambiental ou antrópica. Para a análise do estado de conservação dos túmulos optamos por seguir os preceitos metodológicos interdisciplinar, com ênfase para os aspectos tafonômicos presentes em monumentos edificadas, como intemperismo, biodeterioração, e depredação antrópica (ICOMOS, 2008)<sup>197</sup>. Neste momento da pesquisa, realizamos registros fotográficos, e coleta de informações aplicadas em fichas próprias de conservação e preservação das sepulturas dos cemitérios de Fordlândia e Belterra, observando a matéria prima, o tipo

---

<sup>196</sup> Em contexto nacional, os trabalhos de Tania Andrade de Lima (1994), são referências para os estudos atuais. Na região norte, este tipo de estudo são realizados principalmente na área da Arquitetura, iconografia, e antropologia visual.

<sup>197</sup> **ICOMOS-ISCs**. Illustrated glossary on stone deterioration patterns. Glossaire illustré sur les formes d'altération de la pierre. Champigny:Ateliers 30 Impression, set 2008, 86p.

**LIMA**, T. A. Dos morcegos e caveiras e cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX. In: Anais do Museu Paulista: História e cultura material. São Paulo, V. 2, 1994.

de arquitetura, de revestimento, o agente de alteração tafonômica, e o grau de deterioração (Figs.36 e 37).



***Figura 36 – Cruz em sepultura do cemitério de Fordlândia, com marcas de escurecimento natural, e Eflorescência (Fonte: A autora).***



**Figura 37 – Cruz de madeira incompleta no cemitério de Belterra.  
(Fonte: A autora).**

Como parâmetros para o estudo dos processos de deterioração das estruturas das sepulturas, utilizamos os protocolos e terminologias estabelecidos para análise de material em pedra seguindo a classificação do glossário ilustrado sobre padrões de deterioração do ICOMOS (2008):

- 1- Alteração Cromática: consiste em descoloração, e mancha de umidade ocasionadas pelo intemperismo;
- 2- Eflorescência: ocorre com acúmulo de sais formando manchas esbranquiçadas, principalmente em superfícies de concreto;
- 3- Crosta Negra: são as transformações ocorridas na parte superficial da pedra por acumulação de matéria exógena, frequentemente na cor escura;
- 4- Desplacamento: são os fragmentos de estruturas que desprendem da arquitetura original;
- 5- Fraturas: são fendas presentes em lápides de concreto, e mármore;
- 6- Alteração Antrópica: ocasionadas por ações humanas.
- 7- Escurecimento: ocasionado principalmente nas cruzes de madeira das sepulturas.

As observações realizadas em campo consistiram principalmente em análises macroscópicas *in loco*, com realização de registro fotográficos. Seguindo também as características abordadas pelo ICOMOS (2008), observamos que alguns fatores tafonômicos ambientais são responsáveis por influenciar nos processos de deterioração das lápides, sendo os processos erosivos no solo responsáveis pelo deslocamento de lápides de sua posição original, fator este recorrente no cemitério de Fordlândia (Fig.38). Ressalta-se que as lápides que estavam deslocadas de sua posição, foram catalogadas conforme sua posição e estado de preservação. Na análise dos aspectos ambientais que influenciaram na posição atual das lápides, foi estabelecido 5 aspectos para identificação:

- 1- Normal: para as sepulturas com lápides presentes na posição vertical, e sepulturas jazigos, ou gradis com estrutura completa;
- 2- Tombada: referente as lápides que foram retiradas de sua posição original, e encontravam-se dispersas pelo cemitério;
- 3- Aglomerada: estabelecido para as lápides que estavam fora da posição original e reunidas em um único local na posição vertical;
- 4- Aglomerada/Tombada: para as lápides acumuladas em um único local e depositadas na posição horizontal;
- 5- Fragmentada: referente as lápides em madeira que se encontram na posição original, mas apresentando quebras parciais.



**Figura 38 – Cruzes de sepulturas do cemitério de Fordlândia fora de sua posição original e parcialmente cobertas por sedimento (Fonte: A autora).**

Na identificação do grau de conservação das sepulturas, foram estabelecidos parâmetros como “Bom” (70 – 100%) para as sepulturas com maior índice de preservação, “Regular” (40 – 70%) para os túmulos fragmentados, e “Péssimo” (10 – 40%) para as sepulturas com alto elevado grau de deterioração e bastante fragmentadas. Ainda segundo o ICOMOS (2008), observamos às ocorrências de fatores antrópicos como, desgaste de uso ocasionados por ações de limpeza dos túmulos; a falta de conservação preventiva, ou abono das sepulturas de períodos mais antigos; construções indevidas e vandalismo.

Em relação as sepulturas que apresentam arquitetura confeccionadas com materiais de ferro e possuem susceptibilidade à corrosão, e a oxidação, fatores estes ocorrentes em sepulturas dos cemitérios Fordianos. Foi observado que este tipo de fator tafonômico decorre da alta umidade da região amazônica, e pela proximidade dos cemitérios aos cursos de água. As consequências observadas nos processos de deterioração nas sepulturas dos cemitérios de Fordlândia e Belterra são caracterizadas por ações químicas e biológicas, e ocasionou a perda de qualidade, e destruição estrutural das sepulturas. Esses fenômenos de degradação, contribuíram

para o péssimo estado de conservação das sepulturas com perdas parciais ou totais de sua arquitetura original.

Na identificação dos aspectos de deterioração de material construído em ferro e madeira, que é utilizado nos cemitérios Fordianos para delimitação do espaço das sepulturas. Neste sentido optamos por seguir os pressupostos definidos pelo ICOMOS (2012)<sup>198</sup> com enfoque para o aspecto de corrosão, oxidação e os fatores que influenciaram este processo. Nos cemitérios de Fordlândia (Fig. 39), e Belterra (Fig.40), as sepulturas com gradis e cruz em ferro são os mais presentes, e apresentavam corrosão e ocasionadas principalmente pelo fator pluvial, que durante os meses de fevereiro a junho são mais frequentes na região.



**Figura 39 - Sepultura com Gradis, Cemitério de Fordlândia (Acervo autora).**

---

<sup>198</sup> ICOMOS. Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do património arquitetónico. Cidade do Porto, Portugal, 2012.



**Figura 40 - Sepultura com Gradis, Cemitério de Belterra (Acervo a autora).**

As imagens acima, apresentam grau elevado de degradação nos gradis das sepulturas, e os principais processos degradativos, foram os causados pelo solo ácido e úmido da região amazônica. Foi observado que as sepulturas com processos de oxidação apresentavam escurecimento do metal, estando presentes nas sepulturas que não possuíam camadas protetoras como pinturas ou antioxidantes. Nesta pesquisa, o estado de deterioração por corrosão e oxidação foram definidos em três graus: leve, moderado e alto. Observamos principalmente que o grau de corrosão ou oxidação possui variação de gravidade de acordo com o tempo de fabricação, período e condições de exposição.

#### **4.3 - Os Aspectos Demográficos nos Cemitérios Fordianos.**

No contexto dos estudos cemiteriais, a cidade dos mortos, assim como a cidade dos vivos, possui sua própria população, sendo uma segunda cidade. Com a evolução dos anos, os cemitérios tornaram representação da memória coletiva e da história social dos grandes e dos pequenos centros urbanos. Na Arqueologia, o estudo da

cultura funerária segue os preceitos metodológicos utilizados pela Arqueologia Histórica e pela Arqueologia Funerária.

Seguindo esta perspectiva arqueológica, e com o objetivo de identificar o perfil demográfico dos cemitérios de Fordlândia e Belterra realizamos o levantamento das sepulturas que abrange o espaço temporal de 1928 a 1958. Iniciamos com a coleta das informações presentes nas lápides sobre o indivíduo ali sepultado (Figuras 41 e 42). Os aspectos observados consistiram na identificação do tipo de sepultamento (primário ou secundário) seguindo principalmente a identificação da quantidade de indivíduos sepultados nos túmulos. De acordo com Tânia Andrade Lima, nas sepulturas de cemitérios históricos são:

*“realizados um ou mais sepultamentos primários, ou seja, onde foram dispostos os corpos articulados de um ou mais indivíduos, em posição distendida, normalmente em caixões. Do ponto de vista da forma, essas sepulturas são alongadas, de modo a comportar um corpo deitado” (LIMA, 1994 p. 74<sup>199</sup>.*

Neste sentido, realizamos um levantamento das sepulturas, com análise e sistematização das informações que constavam nas lápides das sepulturas. A partir do nome do indivíduo constatamos o sexo biológico (feminino ou masculino), a idade (adulto, não adulto), e estado civil, neste último foi possível verificar a informação apenas em duas sepulturas no cemitério de Fordlândia.

---

<sup>199</sup> Op. Cit. (Lima, 1994 p. 74).



**Figura 41 - Sepultura Infantil com data de nascimento e falecimento, Cemitério de Belterra (Acervo a autora).**

Essas informações foram registradas em fichas próprias, sendo especificado aspectos como, o sexo, a data do sepultamento, e se tratava de indivíduo adulto ou infantil. Cabe ressaltar que algumas sepulturas constavam data de nascimento e falecimento, tornando possível assim a identificação de idade à morte. Assim sendo a reconstituição demográfica dos indivíduos sepultados nos cemitérios Fordianos seguiu a representatividade principalmente do sexo biológico com marcador demográfico (DEERTZ, 2010; PERSON, 1982)<sup>200</sup>. Nos jazigos com sepultamentos de dois ou mais indivíduos, realizamos a coleta de informações identificando as sepulturas coletivas e individuais.

---

<sup>200</sup> O marcador demográfico de gênero sexual para sepultamentos em cemitérios históricos seguiu o aspecto metodológico utilizados por Pearson (1982), e Deertz (2010).



**Figura 42 - Sepultura de indivíduo adulto, Cemitério de Belterra (Acervo a autora).**

Para Dethlefsen (1968), os dados demográficos são, ou podem ser, recuperados nas lápides das sepulturas que apresentam nome, data de nascimento e falecimento, e em alguns casos epitáfios sobre estado civil e profissão desenvolvida pelo indivíduo em vida. No caso dos cemitérios Fordianos, encontramos algumas limitações, como a falta de informação sobre a data de nascimento dos indivíduos que foram sepultados entre os de 1928 a 1938 no cemitério de Fordlândia, e dos indivíduos sepultados das décadas de 1940 e 1950 no cemitério de Belterra. Este tipo é fonte importante para os estudos de idade média na morte e de composição de quadro sobre prováveis epidemias.

Na construção do quadro demográfico dos cemitérios de Fordlândia e Belterra observamos a seguintes informações:

- Tipo de Sepultamento: quanto a forma de deposição do corpo na sepultura, e quantidade de indivíduos sepultados;

- Sexo Biológico: seguimos a determinação do sexo a partir do nome gravado na lápide, conforme a classificação de feminino (mulheres), e masculino (Homens);
- Idade à morte: conforme data de nascimento e falecimento que foram passíveis de identificação.

É importante ressaltar, que algumas sepulturas estudadas não possuíam informações necessárias, ou não se encontravam em bom estado de preservação que possibilitassem a coleta dos dados necessários. Como discutido no tópico anterior o péssimo estado de preservação das sepulturas ocasionadas pelo longo período de exposição a fatores ambientais ocasionaram a perda, ou fragmentação da arquitetura dos túmulos.

## 5. QUEM ÉS TU? AQUELES QUE JAZEM NAS TERRAS DO TAPAJÓS: RESULTADOS E DISCUSSÕES.

*“Ora, eu creio que a razão por que, de fato, a morte tornou-se assim essa coisa que se esconde não está numa espécie de deslocamento da angústia ou modificação dos mecanismos repressivos. Está numa transformação das tecnologias de poder”<sup>201</sup>*

Durante o período Ford na Amazônia, muitos foram os trabalhadores que vieram para atuarem nas plantações de seringueiras. Esses trabalhadores em sua maioria eram originários da região nordeste<sup>202</sup>, e juntaram-se aos trabalhadores locais em contribuição a utopia de Henry Ford em criar uma cidade fabrica em meio a floresta Amazônica no Vale do Rio Tapajós. Dos milhares de trabalhadores que vieram para o Tapajós, poucos retornaram as suas cidades de origem, e sua história “Jaz” em terras Amazônicas.

Durante as pesquisas dos cemitérios Fordianos, observamos que inicialmente foram fundados apenas como espaço para sepultamento dos funcionários e familiares da indústria Ford, com ínfima presença de significado ou reprodução simbólica nos túmulos. A materialidade da morte se faz através da cultura material funerária identificada, como as lapides dos túmulos, sendo distribuídas em túmulos simples, que especificavam apenas cruzes com nome e data do falecimento do indivíduo ali sepultado; jazigos simples e coletivo, sendo apresentado epitáfio em alguns deles. A arte funerária apresentou crucifixos, anjos, e fotografias dos indivíduos sepultados. Ambos os cemitérios ainda se encontram ativos, com sepultamentos recentes dispersos entre as sepulturas do período Ford, ou em novas áreas ampliadas nos últimos 10 anos.

O cemitério do distrito de Fordlândia, no município de Aveiro, foi o primeiro a ser construído no final da década de 1920, e possui aproximadamente 600 sepulturas do período que corresponde entre 1928 e 1941, sendo que os vestígios materiais (lapides / cruzes) que demarcavam o local dos sepultamentos em sua maioria está

---

<sup>201</sup> **FOUCAULT**, Michel. Em Defesa da Sociedade, São Paulo; Martins Fontes, 2002. pp.295.

<sup>202</sup> Op. Cit, Darren (1984)

descontextualizada, ou seja, fora de sua posição original, e com péssimo estado de conservação. No que concerne ao cemitério da cidade de Belterra, o mesmo, apresentava a ausência de cruzes que demarcavam os sepultamentos, e as que restavam se encontram em péssimo estado de conservação. Sendo estes aspectos e fatores observados nas sepulturas, apresentados de acordo com sua tipologia e classificação (Quadro 2).

Os limites dos cemitérios Fordianos estão delimitados por muros alvenaria, e apresentam vestígios construtivos de ampliação recente. O cemitério de Fordlândia possui entrada principal no sentido norte/sul, e sepultamentos com orientação leste/oeste. No cemitério de Belterra a entrada principal encontrasse no sentido leste/oeste, e sepultamentos com orientação oeste/leste. Segundo Philippe Ariès, “o costume de sepultar os mortos voltados para o leste ou oeste, segue rituais cristãos, e foram utilizados no ocidente desde a chegada dos Europeus a partir do século XVII”<sup>203</sup>. Neste sentido, inferimos que os rituais de sepultamentos realizados no período Ford, consistiram em rituais cristãos, com simbolismos próprios da religião. A organização espacial seguiu a distribuição do espaço cemiterial com setores para sepultamentos de indivíduos infantis e adultos. Assim, identificamos no inventário das sepulturas esses indivíduos estabelecendo gênero somente para indivíduos adultos, com especificação entre sexo masculino e feminino para os indivíduos adultos de acordo com as informações biográficas e sociais presentes nas lápides dos túmulos. No cemitério de Fordlândia foram inventariadas 634 sepulturas do período Ford (1928-1958), ressaltamos que este número não corresponde a totalidade das sepulturas, doravante, podem existir lápides soterradas que marcam o local dos sepultamentos. Outrossim, no inventário das sepulturas no cemitério de Belterra foram catalogados 511 túmulos, e não correspondem a totalidade dos sepultamentos, pois, alguns já não possuem “cruz”, delimitando o local do enterramento.

---

<sup>203</sup> Op. Cit. (Ariès, 2014 p.41)

Tabela 1 - Principais Aspectos dos Sepultamentos realizados durante o período Ford

CEMITÉRIO	Ano do Sepultamento	Sexo	Tipo de Sepultamento	Alterações Tafonômicas	Arquitetura	Elementos Construtivos	Arte Tumular	Estado de Conservação
FORDLÂNDIA	1928	11 (M) 21 (SI)	Primário Individual	Crosta negra, Eflorescência	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Péssimo
	1929	83 (M) 01 (F)	Primário Individual	Cromática, Crosta Negra, Eflorescência	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Péssimo
	1929	01 (M)	Primário Individual	Cromática	Jazigo	Concreto, Mármore	Epitáfio	Regular
	1930	73 (M) 05 (F) 01 (SI)	Primário Individual	Cromática, Crosta Negra, Eflorescência	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Regular
	1931	22 (M) 06 (F) 02 (INF)	Primário Individual	Cromática	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Bom
	1932	46 (M) 10 (F)	Primário Individual	Cromática, Crosta negra, Eflorescência	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Bom
	1932	07 (F) 01 (M)	Primário Individual	Cromática, Desplacamento	Jazigo	Concreto, Mármore, Ferro	Crucifixo, Epitáfio	Péssimo
	1933	01 (F)	Primário Individual	Cromática, Fraturas	Jazigo	Concreto, Mármore	Epitáfio	Regular
	1933	17 (M) 05 (F) 02 (INF) 14 (SI)	Primário Individual	Cromática, Crosta Negra, Eflorescência	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Bom
	1934	16 (M) 06 (F) 04 (INF) 01 (SI)	Primário Individual	Cromática, Crosta Negra	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Bom

1934	03 (F)	Primário Individual	Cromática, Fraturas	Jazigo	Concreto, Mármore	Cruz	Péssimo
1935	10 (M) 01 (F) 01 (INF) 01 (SI)	Primário Individual	Cromática, Crosta Negra	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Bom
1935	01 (F)	Primário Individual	Cromática, Fraturas	Jazigo/Lápide	Concreto e Mármore	Cruz	Péssimo
1938	01 (M)	Primário Individual	Cromática	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Bom
1940	01 (INF)	Primário Individual	Cromática	Jazigo/Lápide	Concreto	Cruz	Regular
1941	01 (F)	Primário Individual	Cromática, Eflorescência	Jazigo/Lápide	Concreto e Mármore	Crucifixo, Epitáfio	Regular
1954	01 (M)	Primário Individual	Cromática	Jazigo/Lápide	Concreto, Rochas (seixo), Mármore	Sem Símbolos	Regular
1930-1939*	01 (INF)	Primário Individual	Crosta Negra, Eflorescência	Jazigo	Concreto	Cruz	Péssimo
1930-1939*	12 (INF)	Primário Individual	Cromática	Cruz	Madeira	Crucifixo	Regular
1930-1939*	01 (INF)	Primário Individual	Cromática	Jazigo	Madeira, Alvenaria	Crucifixo	Regular
1940-1949*	10 (INF)	Primário Individual	Oxidação, Cromática	Gradis	Ferro, concreto	Crucifixo	Regular
1928-1939*	225 (SI)	Primário Individual	Cromática, Crosta Negra, Eflorescência	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Péssimo
1928-1939*	01 (SI)	Primário Individual	Cromática Crosta Negra, Eflorescência	Jazigo/Lápide	Concreto	Epitáfio	Péssimo
1950-1958*	11 (SI)	Primário Individual	Oxidação, Cromática	Gradis	Ferro, concreto	Crucifixo	Péssimo

<b>BELTERRA</b>	1934?	01 (INF)	Primário Individual	Escurecimento, Quebras	Cruz	Madeira	Cruz	Péssimo
	1934-1939*	20 (SI)	Primário Individual	Escurecimento, Quebras, Fissuras	Cruz	Madeira	Cruz	Péssimo
	1940-1949	205 (INF)	Primário Individual	Escurecimento, Quebras, Fissuras	Cruz	Madeira	Cruz	Péssimo
	1940-1949*	32 (SI) Adulto	Primário Individual	Escurecimento, Quebras	Cruz	Madeira	Cruz	Péssimo
	1940-1949	05 (INF)	Primário Individual	Cromática, Quebras	Jazigo	Concreto, Cerâmica	Cruz	Regular
	1940	01 (M)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro	Sem Símbolos	Regular
	1941	01 (M)	Primário Individual	Antrópica (pintura recente)	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
	1942	02 (INF)	Primário Individual	Antrópica (pintura recente)	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
	1942	01 (M)	Primário Individual	Sem Alterações	Jazigo	Concreto, Cerâmica, Mármore	Flores (Recentes)	Bom
	1943	01 (F)	Primário Individual	Oxidação	Cruz	Ferro	Cruz	Bom
	1945	01 (INF)	Primário Individual	Escurecimento	Cruz	Madeira	Cruz	Regular
	1945	02 (M)	Primário Coletivo	Cromática, Quebras	Jazigo	Concreto, Cerâmica	Sem Símbolos	Bom
	1945	01 (M)	Primário Individual	Antrópica (pintura recente)	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
	1946	02 (INF)	Primário Individual	Antrópica (pintura recente)	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
	1946	01 (F)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro	Cruz	Regular

1947	02 (INF)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro, Madeira	Cruz	Regular
1948	02 (INF)	Primário Individual	Escurecimento	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
1948	02 (INF)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro, Madeira	Cruz	Regular
1950-1958*	119 (INF)	Primário Individual	Escurecimento, Quebras, Fissuras	Cruz	Madeira	Cruz	Péssimo
1950-1958	36 (SI) Adulto	Primário Individual	Escurecimento, Quebras, Fissuras	Cruz	Madeira	Cruz	Péssimo
1952	02 (INF)	Primário Individual	Cromática	Cruz	Concreto, cerâmica	Cruz, Anjo	Bom
1952	01 (F)	Primário Individual	Antrópica (pintura recente)	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
1953	01 (M)	Primário Individual	Sem alterações	Jazigo	Concreto, Cerâmica	Epitáfio	Bom
1953	03 (INF)	Primário Individual	Quebras, Fissuras	Jazigo	Concreto, cerâmica	Sem símbolos	Bom
1953	02 (INF)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro, Madeira	Cruz	Bom
1953	01 (INF)	Primário Individual	Quebras, Fissuras	Jazigo	Concreto, Cerâmica, Madeira	Cruz	Regular
1955	01 (INF)	Primário Individual	Quebras, Fissuras	Jazigo	Concreto, Cerâmica	Cruz	Regular
1955	01 (M)	Primário Individual	Escurecimento	Cruz	Madeira	Cruz	Regular
1956	03 (INF)	Primário Individual	Antrópica (pintura recente)	Cruz	Madeira	Cruz	Bom
1956	01 (INF)	Primário Individual	Musgo, Fissuras	Jazigo	Concreto, cerâmica	Crucifixo, Flores	Bom

	1956	03 (M)	Primário Individual	Escurecimento	Cruz	Madeira	Cruz	Regular
	1956	01 (M)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro	Cruz	Regular
	1957	01 (INF)	Primário Individual	Musgo, Quebras	Jazigo	Concreto, cerâmica, madeira	Cruz	Regular
	1957	01 (F)	Primário Individual	Cromática	Jazigo	Concreto, Mármore, Cerâmica	Cruz, Epitáfio	Bom
	1958?	01 (M)	Primário Individual	Cromática, Quebras	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Péssimo
	1958?	01 (F)	Primário Individual	Cromática, Quebras	Lápide/Cruz	Concreto Armado	Cruz	Péssimo
	1958	02 (INF)	Primário Individual	Musgo, Quebras	Jazigo	Concreto, cerâmica	Sem símbolos	Bom
	1958	01 (M)	Primário Individual	Cromática, Oxidação	Jazigo	Concreto, Ferro,	Cruz	Regular
	1958	02 (M)	Primário Individual	Oxidação	Gradis	Ferro	Cruz	Regular

SI - Sem Identificação \* Lápides/Cruz com mesmo material construtivo do mesmo período sem identificação

Fonte: Dados coletados em campo.

O conjunto de dados presentes no quadro 2, foram coletados das lápides dos sepultamentos presentes nos cemitérios de Fordlândia e Belterra, sendo considerado o período cronológico de 1928-1958, sendo inventariados um total de 1.092 sepultamentos. As diferenças observadas neste período estão presentes principalmente no material construtivo e arquitetura tumular, como a utilização de cruz de concreto armado para demarcar os túmulos em Fordlândia com altura de entre 1,30 cm e 1,60 cm (Fig.43), e cruz de madeira em Belterra com altura de 1,10 cm (Fig.44). No cemitério de Fordlândia foram identificadas 596 sepulturas com Cruz de concreto armado, de um total de 649 sepultamentos. Essas sepulturas seguem na posição do sepultamento voltada para o Leste. Em contraponto, no cemitério de Belterra as sepulturas estão voltadas para o Oeste, com Cruz que demarcam as sepulturas do período de 1930 em material construtivo de madeira, com 345 Cruz deste material, e apresentando elevado processo de deterioração. Foi identificado durante o mapeamento deste cemitério que há ocorrência de novos sepultamentos no local dos primeiros túmulos da década de 1930, sendo um entrave para a catalogação das sepulturas deste período, pois, muitas já não existem, ficando somente o espaço vazio (Fig.45). Cabe ressaltar que nesta pesquisa somente foram inventariados os túmulos com vestígios presentes.

Verifica-se no quadro acima o elevado número de sepultamentos entre os anos de 1928 e 1934, todavia, o número de enterramentos ocorrido neste período pode ser ainda maior, mas, devido à falta de vestígios materiais, como lápides que marcavam o local dos sepultamentos, e informações históricas sobre os óbitos ocorrido no período.



**Figura 43 - Cruz com tamanhos diferentes no cemitério de Fordlândia (Acervo autora).**



**Figura 44 - Tumulo com Cruz de Madeira, cemitério de Belterra (Acervo: a autora).**



**Figura 45 - Sepultamentos do período Ford apresentando espaços vazios, Belterra, década de 1940 (Acervo: a autora).**

### **5.1 - Análise Espacial dos Cemitérios Fordianos.**

Assim como os sítios cemitérios do período pré-colonial são estudados para compreender sua organização e ocupação na paisagem por meio de um contexto espacial, os cemitérios históricos se inserem como sítio arqueológico a partir dos vestígios da cultura material e das manifestações simbólicas presentes em seu contexto<sup>204</sup>. Essa espacialidade nos cemitérios Fordianos, se destaca pela distribuição dos sepultamentos de forma linear e alinhados cronologicamente. No entanto, há elevado número de sepulturas com Lápides fora de contextos inicial (Cemitério de Fordlândia), e sepulturas sem Lápides, ou com lápides fragmentadas (Cemitério de Belterra). Nesses cemitérios o tipo de sepultamento presente segue o enterramento primário conforme o ritual cristão. Esse tipo de enterramento é caracterizado por se colocar o corpo do indivíduo morto em um tipo involucre ou receptáculo e realizar o

---

<sup>204</sup> Op. Cit. (Lima, 1994).

enterramento diretamente no solo ou catacumba. Conforme discutido por Philippe Ariès (2014), os sepultamentos cristãos intramuros e no exterior dos templos das igrejas iniciam nos anos oitocentos após as medidas sanitaristas da época, e tendo sua organização espacial delimitadas por quadras e alamedas entre as sepulturas<sup>205</sup>. Neste contexto, os cemitérios fundados nos municípios de Belterra e Aveiro (Fordlândia) durante o período Ford, seguem esta mesma organização espacial, sendo setorizado e subdividido com áreas de sepultamento para indivíduos adultos e não adultos, e de acordo com espaço cronológico (Tabela 1).

**Tabela 2 - Características dos Sepultamentos nos Cemitério Fordianos.**

CEMITÉRIO	SETOR	PERÍODO DOS SEPULTAMENTOS	Nº SEPULTAMENTOS	INDIVÍDUO
<b>Fordlândia</b>	1	1930 - 1949	24	Não Adulto
	2	1928 - 1929	117	Adulto
	3	1930 - 1941	485	Adulto
	4	1950 - 1958	12	Adulto
<b>Belterra</b>	1A	1934?	01	Não Adulto
	1B	1940 - 1949	208	Não Adulto
	1C	1950 - 1958	125	Não Adulto
	2A	1934 - 1939	20	Adulto
	2B	1940 - 1949	49	Adulto
	2C	1950 - 1958	53	Adulto

**Fonte:** Dados coletados em campo, sendo processados apenas as informações coletadas das sepulturas do período Ford (1928-1958).

Esta distribuição espacial vista na tabela acima apresenta uma distribuição de sepultamentos conforme o período cronológico, seguindo este mesmo parâmetro para

<sup>205</sup> Op. Cit, (Ariès, 2014),

os dois cemitérios fordianos estudados nesta pesquisa. O que possibilitou compreender que os sepultamentos realizados durante o período Ford no cemitério de Fordlândia possui divisão espacial em quatro (4) setores,

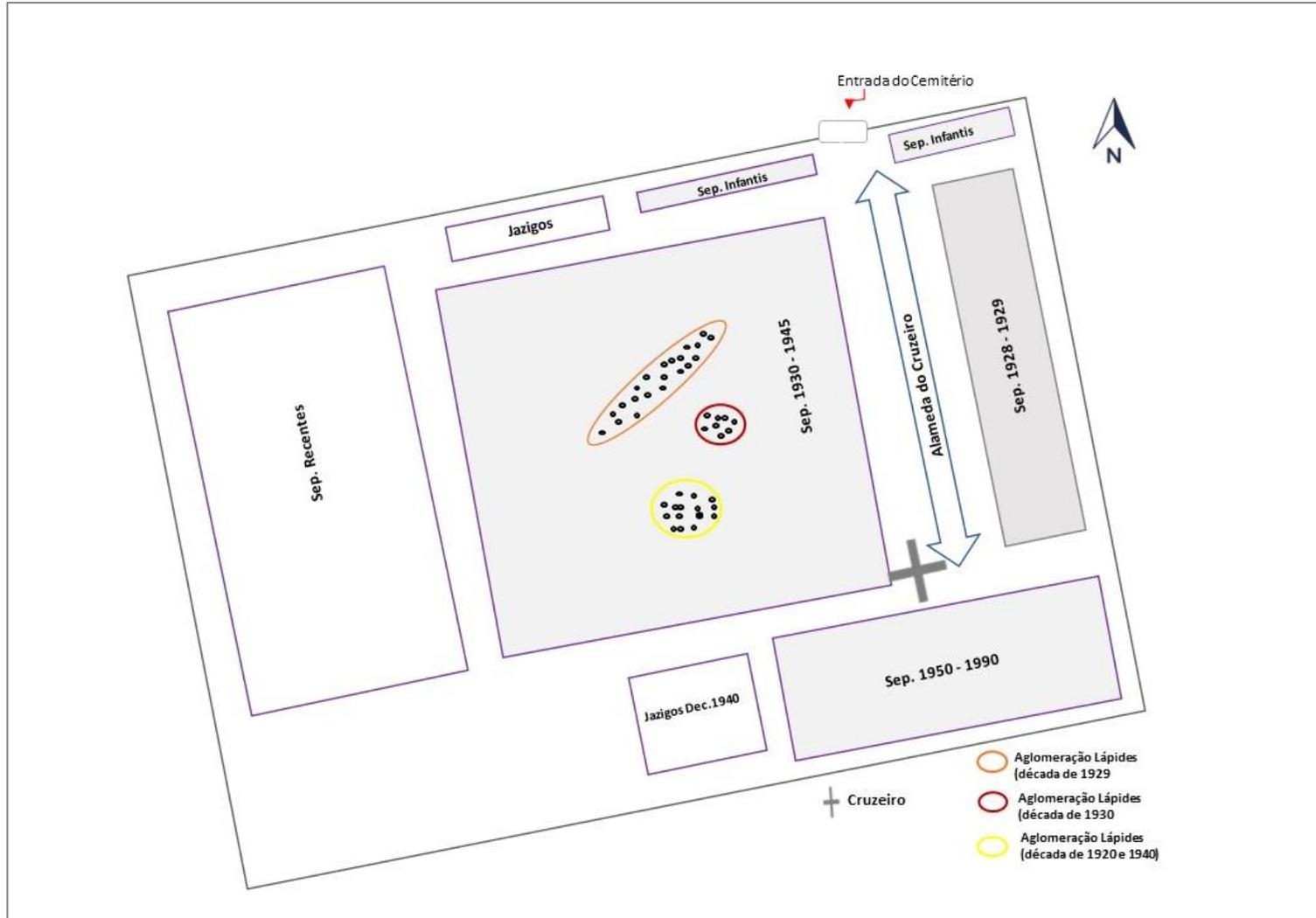
#### *5.1.1- Espacialização do Cemitério de Fordlândia, Aveiro, Pará.*

A organização espacial dos sepultamentos no cemitério de Fordlândia quanto a sua posição atual, apresenta dispersão de lápides por uma grande área do cemitério devido a fatores erosivos, e a granulidade arenosa do solo que o deixa mais maleável e solto. No mapa abaixo é possível identificar que o cemitério possui forma trapezoidal., e a dispersão das lápides “*soltas*” em seu interior seguem de modo desordenado, também observasse os setores em que as lápides se encontram em sua posição original (Fig.46).

Para Edwin Dethlefsen<sup>206</sup>, a espacialização cemiterial representa os rituais e símbolos presentes na cultura material funerária, e a relação destes vestígios com a sociedade dos vivos no período que ocorreu o sepultamento. A partir desta perspectiva notamos que inicialmente os Cemitérios Fordianos foram fundados como espaços destinados para os mortos que atuavam diretamente ou indiretamente nas plantações Ford, sendo utilizado originalmente lápides padronizadas a partir da matéria-prima de mais fácil aquisição na época.

---

<sup>206</sup> **DETHLEFSEN**, Edwin S. The cemetery and culture change: archaeological focus and ethnographic perspective. In: GOULD, Richard; SCHIFFER, Michael B., eds Modern material culture: the Archaeology of USoNew York: Academic Press, 1981. p.137-159



**Figura 46 - Planta com dispersão de lápides soltas no Cemitério de Fordlândia (Elaborado pela Autora).**

Como indicado no mapa acima, a inserção na paisagem cemiterial dos sepultamentos presentes no cemitério de Fordlândia constitui a partir da entrada do cemitério em setores delimitados por período cronológico, estando na área leste do cemitério os sepultamentos ocorridos entre 1928 e 1929, início do projeto Ford no Tapajós. Seguindo para o oeste, na parte central do cemitério estão inseridos os sepultamentos entre 1930 e 1945, com três pontos principais de concentração e dispersão de “lápides soltas” que correspondem na aos anos de 1929, 1930, 1934, e com data de falecimento não identificada, que estavam na posição emborcada, ou sobrepostas (Fig.47). Neste setor também se encontram sepultamentos que continuam com suas lápides na posição original e Jazigos Simples. No setor mais a oeste se inserem na paisagem as sepulturas recentes, ou seja, sepultamentos a partir dos anos 2000. No setor ao norte, próximo a entrada do cemitério, estão distribuídas as sepulturas infantis, e jazigos da década de 1960. E ao Sul, estão presentes os sepultamentos entre os anos de 1950 e 1990; Jazigos da década de 1940, e sepulturas infantis, possivelmente de filhos de trabalhadores da Companhia Ford (Fig.48).



**Figura 47 - Lápides Aglomeradas e Soltas, no cemitério de Fordlândia (Acervo: A autora).**



**Figura 48 - Lápide de sepultamento infantil (1934), com descrição "Filho de José Ferreira". (Acervo: a autora).**

A partir do mapeamento e inventário do cemitério de Fordlândia identificamos 627 sepulturas que compreende o período Ford (1928 a 1958). Sendo, 98,8% das sepulturas correspondem aos indivíduos mortos entre 1928 e 1941. Considerando que esses sepultamentos foram realizados a aproximadamente 100 anos, podemos inferir que não estão visíveis no espaço cemiterial lápides dos anos 1928 e 1929 que condiz com os primeiros sepultamentos, e segundo fontes históricas e fotografias da época<sup>207</sup>.

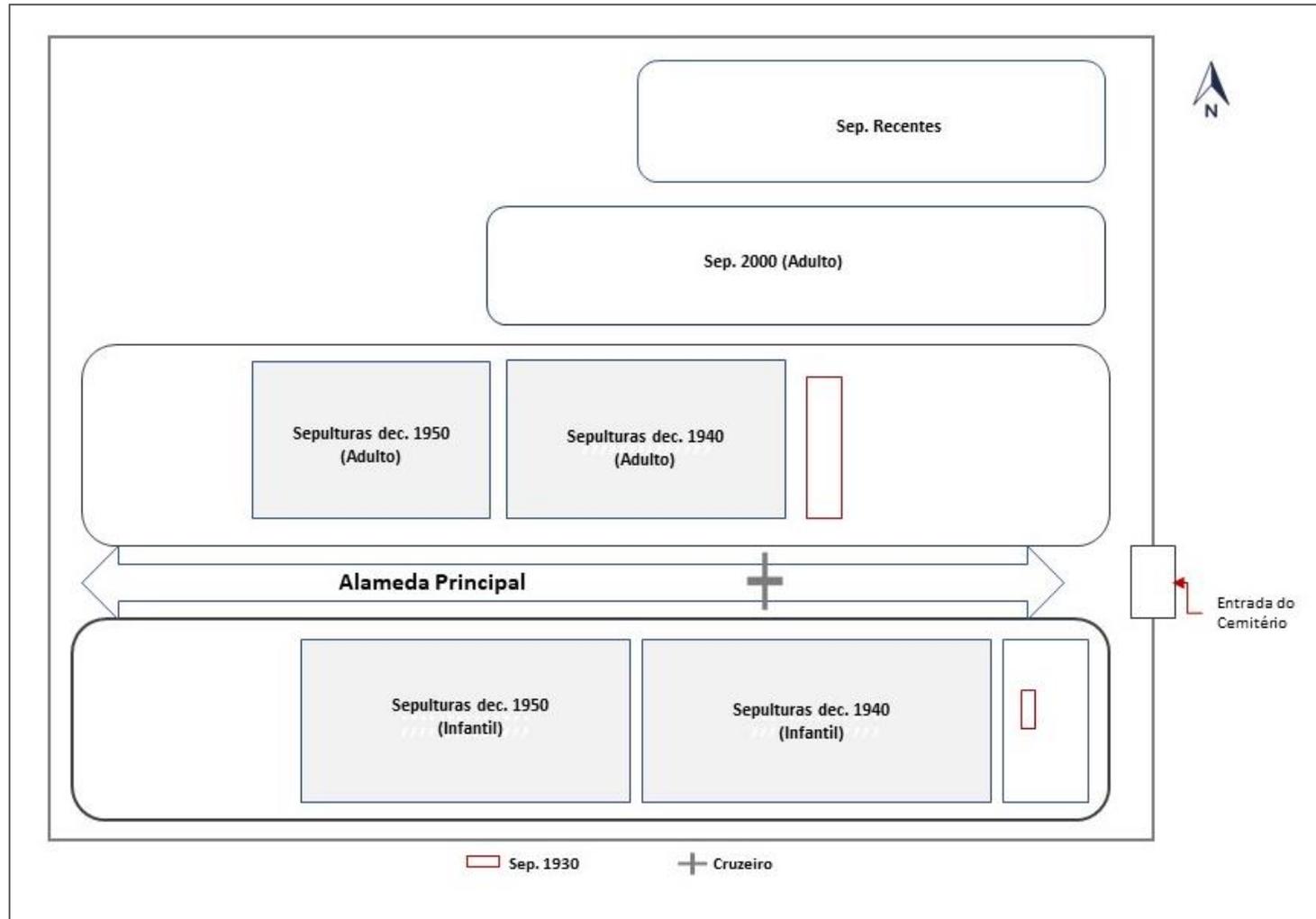
Nos sepultamentos infantis presentes no cemitério de Fordlândia, 20%, ou seja, cinco (5) sepulturas possuem em suas lápides inscrições com os dizeres "Filho" no início da identificação individual, assim como observado na imagem acima onde a lápide apresenta a inscrição biográfica "*Filho de José Ferreira*", com referência ao nome do pai da criança sepultada.

<sup>207</sup>O autor Greg Grandin (2010), relata que entre 1928 e 1928 foram realizados mais de 200 sepultamentos no recém-construído cemitério. Também é possível verificar em fotografias do acervo da fundação Henry Ford o elevado número de sepultamentos ocorridos no período.

### 5.1.2 - A Espacialidade no Cemitério Santo Antônio de Pádua em Belterra.

Esta dinâmica de espacialização nos sepultamentos, segue no Cemitério Santo Antônio de Pádua, ou Cemitério de Belterra. Neste espaço cemiterial a disposição das sepulturas continua a relação com os rituais e visões cristãs sobre o fenômeno da morte. Assim como no cemitério de Fordlândia é elevado o número de sepulturas sem lápides, e com lápides fragmentadas. Todavia, foi notado uma considerável diferença na quantidade de sepultamentos infantis, e no tipo de material utilizado para a “Cruz” das lápides.

O cemitério de Belterra está dividido por setores, com espaço para sepulturas de indivíduos infantis, e espaço para sepulturas de indivíduos adultos (Fig.49). Este tipo de espacialidade no contexto cemiterial se faz presente em cemitérios históricos e rurais, com local destinado para os chamados “Anjos”, ou seja, indivíduos não adultos que morrem antes de completar o primeiro ano de vida.



**Figura 49 - Planta do Cemitério de Belterra com localização dos espaços de Sepultamento do Período Ford (1934 - 1958) (Elaborado pela Autora).**

As características gerais apresentadas no mapa acima, demonstra homogeneidade na distribuição espacial dos locais de sepultamentos, com setores bem definidos entre sepulturas de indivíduos não adultos e adultos. As informações coletadas no mapeamento nos permitiram antever a variabilidade nos tipos de sepulturas e alterações de sua arquitetura tumular nas décadas de 1940 e 1950. Os espaços funerários são divididos em setores, com a entrada principal do cemitério localizada a leste. Na porção sul estão inseridas as sepulturas de indivíduos não adultos mortos na década de 1940 e 1950 (Fig.50). Neste setor apenas uma cruz demarca a localização do tumulo de um indivíduo infantil sepultado em 1930, inferimos que essa discrepância pode ser devido à realização de novos sepultamentos nos locais antigos e que não são mantidos e conservados por familiares dos mortos, o que leva a reutilização destes espaços para novos sepultamentos, sendo também presentes no setor com enterramentos de indivíduos adultos.

Paralelamente ao setor infantil e após a alameda principal estão presentes as sepulturas das décadas de 1930, 1940 e 1950 de indivíduos adultos (Fig.51). Na porção norte do cemitério estão inseridos os sepultamentos realizados a partir dos anos 2000. Entre as sepulturas do período Ford, estão inseridos túmulos de períodos recentes, o que demonstra o aproveitamento de espaços vazios para novos sepultamentos. Nas imagens a seguir é observado a presença de gramíneas e árvores no entorno das sepulturas, o que complementa a paisagem cemiterial.



**Figura 50 - Sepulturas indivíduos não adultos, Cemitério de Belterra (Acervo da autora).**



**Figura 51 - Sepultamentos da década de 1940 evidenciados com círculo vermelho; e sepultamentos da década de 1950 evidenciados por setas amarelas (Acervo: a autora).**

A catalogação das sepulturas no cemitério de Belterra nos permitiu fazer uma conexão entre diferentes aspectos da materialidade da morte, e a cultura material funerária da sociedade Belterrense nos meados do século XX, e evidenciou as práticas rituais presentes nas sepulturas que são conservadas por familiares até o período atual. Ressaltasse que a totalidade (100%) dos sepultamentos são de enterramentos primários seguindo\* o ritual cristão. Neste sentido, Marily Simões Ribeiro<sup>208</sup>, destaca que a contextualização da cultura material, contribui para interpretações simbólicas do ambiente funerário.

## **5.2– Características Sociodemográficas dos Sepultamentos realizados no período Ford (1928-1958).**

Primeiramente realizamos o mapeamento dos cemitérios Fordianos procuramos observar os tipos de sepultamentos que se inserem tipologicamente no contexto da Arqueologia Histórica, como os sepultamentos primários individuais e coletivos, e sepultamentos secundários. Estes tipos de sepultamentos são estudados a partir da perspectiva dos estudos cemiteriais, sendo fonte para análise da saúde de uma população através do índice de mortalidade. Neste estudo identificamos que os sepultamentos primários são uma totalidade de 99%, principalmente por se tratar de um cemitério histórico. Para autores como Uberlaker (2007), e Duda (2006), os sepultamentos primários é a forma de deposição final do corpo logo após a morte, e pode ser por inumação (utilizando caixões, sarcófagos, ou outros invólucros), ou podendo o corpo ser depositado diretamente no solo. Para melhor compreensão abordaremos a seguir os tipos de sepultamento presentes nos Cemitérios de Fordlândia e Belterra separadamente e de acordo com suas especificidades.

Nos cemitérios do período Ford, foram identificados em 72% das sepulturas informações biográficas, o que proporcionou o preenchimento dos dados demográficos e ocupação dos cemitérios de Fordlândia e Belterra. Os dados coletados compreendem data de falecimento e sexo dos indivíduos sepultados.

---

<sup>208</sup> **RIBEIRO**, Marily Simões. Arqueologia das Práticas Funerárias Uma Abordagem Historiográfica. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2007

Também está presente em 37 lápides a data de falecimento e morte dos indivíduos. Observamos nestes sepultamentos que a média de idade dos indivíduos mortos consiste para os indivíduos não adultos de 0 a 10 meses após o nascimento, e entre 35 e 40 anos para indivíduos adultos. Também foi observado uma elevação nos números de sepultamentos infantis no cemitério de Belterra, se comparado aos sepultados no cemitério de Fordlândia.

**Tabela 3 - Perfil Sociodemográfico Cemitérios Fordianos.**

CEMITÉRIO	ANO DO SEPULTAMENTO	INDIVIDUO	SEXO	IDADE À MORTE	TIPO DE SEPULTAMENTO
Fordlândia	1929	Adulto	Masculino	46 anos	Primário Individual
	1933	Adulto	Feminino	36 anos	Primário Individual
	1941	Adulto	Feminino	25 anos	Primário Individual
	1954	Adulto	Masculino	30 anos	Primário Individual
Belterra	1941	Adulto	Masculino	40 anos	Primário Individual
	1943	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1942	Não Adulto	Masculino	Neonato	Primário Individual
	1942	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1942	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1942	Adulto	Masculino	69 anos	Primário Individual

<b>Belterra</b>	1942	Adulto	Feminino	62 anos	Primário Individual
	1942	Adulto	Feminino	31 anos	Primário Coletivo
	1945	Adulto	Masculino	33 anos	Primário Coletivo
	1946	Adulto	Masculino	36 anos	Primário Individual
	1946	Não Adulto	Masculino	Neonato	Primário Individual
	1948	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1948	Não Adulto	Feminino	6 meses	Primário Individual
	1949	Não Adulto	Ausente	Neonato	Primário Individual
	1948	Não Adulto	Feminino	8 meses	Primário Individual
	1952	Adulto	Feminino	26 anos	Primário Individual
	1953	Adulto	Masculino	39 anos	Primário Individual
	1953	Não Adulto	Masculino	10 meses	Primário Individual
	1953	Não Adulto	Masculino	Neonato	Primário Individual
	1953	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1955	Não Adulto	Masculino	Neonato	Primário Individual

	1956	Adulto	Masculino	30 anos	Primário Individual
	1956	Adulto	Masculino	20 anos	Primário Individual
	1956	Não Adulto	Masculino	10 meses	Primário Individual
	1956	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1956	Não Adulto	Masculino	Neonato	Primário Individual
	1957	Adulto	Feminino	69 anos	Primário Individual
	1957	Não Adulto	Masculino	8 meses	Primário Individual
	1957	Não Adulto	Masculino	10 meses	Primário Individual
	1958	Adulto	Masculino	30 anos	Primário Individual
	1958	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1958	Não Adulto	Feminino	Neonato	Primário Individual
	1959	Não Adulto	Feminino	5 anos	Primário Individual

*Fonte: Dados coletados em campo.*

Os dados coletados em campo das sepulturas em bom estado de conservação, e com informações biográficas presentes, possibilitou a identificação da idade à morte de 37 indivíduos sepultados nos cemitérios de Fordlândia e Belterra. Esses dados nos forneceram informações mais precisas sobre esses indivíduos. Na tabela 4 acima

observa-se que o sepultamento de indivíduos do sexo feminino ocorreu principalmente do ano de 1942 no cemitério de Belterra.

### 5.2.1- Perfil Sociodemográfico do Cemitério de Fordlândia

Neste cemitério, tomando o período de espaço temporal que compreende os anos de 1928 a 1958, identificados os tipos de sepultamentos, estando presente os sepultamentos primários individuais de indivíduos adultos e não adultos. Os sepultamentos foram identificados a partir das informações biográficas coletadas das lápides das sepulturas, essas informações presentes nas lapides auxiliou a composição de um panorama demográfico sobre os indivíduos sepultados. No entanto, algumas sepulturas continham dados inelegíveis e incompletos que apresentavam apenas data de falecimento, e nome do indivíduo sepultado, sendo este último utilizado como parâmetro para identificação do sexo biológico. Ressalta-se que durante a pesquisa houve algumas limitações da utilidade destes dados, devido a não existência de dados biográficos.

**Tabela 4 - Aspectos dos Sepultamentos do período 1928-1958, Cemitério de Fordlândia.**

ANO DO FALECIMENTO	TIPO DE SEPULTAMENTO	Nº de SEPULTURAS	ORIENTAÇÃO DAS SEPULTURAS
1928	Primário Individual	11	Leste
1928	Primário Individual	21	Tombada
1929	Primário Individual	53	Leste
1929		32	Tombada
1930	Primário Individual	78	Leste
		01	Tombada
1931	Primário Individual	30	Leste
1932	Primário Individual	64	Leste

1933	Primário Individual	39	Leste
1934	Primário Individual	30	Leste
1935	Primário Individual	14	Leste
1938	Primário Individual	01	Leste
1940	Primário Individual	01	Leste
1941	Primário Individual	01	Leste
1954	Primário Individual	01	Leste
1930 (?)	Primário Individual	221	Tombada / Aglomerada
1930 (?)	Primário Individual	15	Leste
1940 (?)	Primário Individual	10	Leste
1950 (?)	Primário Individual	11	Leste

**Fonte:** Dados coletados em campo.

Como podemos notar na tabela acima, os sepultamentos do tipo primário com enterramento de apenas um indivíduo na sepultura ocorrem desde a fundação do cemitério, não havendo outro tipo de sepultamento durante o período que o cemitério era administrado pela Companhia Ford. Assim como no ritual cristão, as sepulturas no cemitério de Fordlândia estavam orientadas para direção leste. No entanto, 275 lápides das sepulturas encontravam-se fora de sua posição original, estando aglomeradas em um único local, e tombadas, ou seja, deitadas na posição horizontal. Como o cemitério foi implantado em um terreno com relevo irregular, apresentava processos erosivos, que foram os responsáveis pelo deslocamento e carreamento das lápides, sendo um entrave no inventário das sepulturas.

Os sepultamentos primários, perfazem a totalidade dos sepultamentos no cemitério de Fordlândia, tendo o índice mais elevado nos anos de 1929, 1930 e 1932, que correspondem a 36% dos enterramentos realizados que compreende o período de 1928 a 1958 (Fig.52). O número mínimo de indivíduos sepultados nos túmulos foi identificado a partir da descrição presente nas lápides. Autores como Deetz e Dethlefsen (1968), discutem que o estudo das lápides como artefato da cultura material funerária corrobora, ou complementam as informações sobre a população da

época<sup>209</sup>. Observou-se também durante a catalogação das sepulturas correspondente aos enterramentos realizados em 1932, que os sepultamentos perfazem a 79% de indivíduos do sexo masculino.



*Figura 52 – Sepulturas com enterramentos de 1932, Cemitério de Fordlândia (Acervo: Susana Dias).*

Na imagem acima, observamos que grande maioria das lápides que estão sobre as sepulturas estão em um bom estado de conservação, e com poucos deslocamentos. Os sepultamentos neste setor são principalmente de indivíduos do sexo masculino, todavia, não foi possível identificar a idade à morte dos indivíduos, por não constar nas lápides a data de nascimento, conforme tabela a seguir.

---

<sup>209</sup> **DEETZ**, James F. e **DETHLEFSON** Edwin S. Death's Head, Cherub, Urn and Willow. Cambridge e Santa Barbara, p. 83 – 89, Originally published in Natural History, v. 76 (3), p. 29 – 37, 1968.

Tabela 5 - Características Sociodemográficas dos sepultamentos no Cemitério de Fordlândia.

ANO DO FALECIMENTO	Nº DE SEPULTs.	INDIVIDUO	SEXO	TIPO DE SEPULTAMENTO
1928	11	Adulto	M	Primário Individual
1928	21	Adulto	Ausente	Primário Individual
1929	84	Adulto	M	Primário Individual
1929	1	Adulto	F	Primário Individual
1930	73	Adulto	M	Primário Individual
1930	5	Adulto	F	Primário Individual
1930	1	Adulto	Ausente	Primário Individual
1931	22	Adulto	M	Primário Individual
1931	6	Adulto	F	Primário Individual
1931	2	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1932	47	Adulto	M	Primário Individual
1932	17	Adulto	F	Primário Individual
1933	17	Adulto	M	Primário Individual
1933	06	Adulto	F	Primário Individual
1933	02	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1933	14	Adulto	Ausente	Primário Individual
1934	16	Adulto	M	Primário Individual
1934	9	Adulto	F	Primário Individual
1934	4	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1934	1	Adulto	Ausente	Primário Individual
1935	10	Adulto	M	Primário Individual
1935	02	Adulto	F	Primário Individual
1935	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1935	1	Adulto	Ausente	Primário Individual

1938	1	Adulto	M	Primário Individual
1930-1938 (?)	14	Adulto	Ausente	Primário Individual
1930-1938 (?)	236	Adulto	Ausente	Primário Individual
1940	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1941	1	Adulto	F	Primário Individual
1940-1949 (?)	10	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1950-1956 (?)	11	Adulto	Ausente	Primário Individual

No cemitério de Fordlândia o sexo dos indivíduos sepultados que foi possível a identificação, compreende 65% do sexo masculino no universo do conjunto estudado, 20% de indivíduos do sexo feminino, e 15% de sepultamentos de indivíduos não adultos. Este cenário aponta para ocorrência de elevado número de mortes no mesmo período, sendo um testemunho de processo epidemiológicos. E conforme o relatado por Greg Grandin<sup>210</sup>, a ocorrência de processos epidêmicos ocasionou um período de estagnação e queda na população de Fordlândia, sendo umas das causas de paralização nos trabalhos da indústria Ford no início da década de 1930. E após a realização do levantamento demográfico do cemitério constamos o elevado número de sepultamentos realizados entre os anos de 1929 e 1938, período em que o projeto teve seu ápice na atuação de trabalhadores, e crescimento populacional.

Foi possível observar nos sepultamentos do Cemitério de Fordlândia, uma predominância de sepulturas com lápides de arquitetura em Cruz, seguindo a o mesmo tipo e tamanho, tanto para indivíduos adultos do sexo masculino, como para do sexo feminino. Esse tipo de arquitetura também é predominante nos sepultamentos primários. Os sepultamentos primários em Jazigos são caracterizados por ser sepulturas de indivíduos do sexo feminino compreendendo um total de 13 jazigos. Nestes jazigos foi possível observar o estado civil de dois indivíduos sepultados, onde consta dedicatória dos respectivos conjugues no epitáfio das lápides (Fig. 53). Como já discutido por Dethlefsen e Deetz (1968), no ritual funerário, o epitáfio presente nas

<sup>210</sup> Op. Cit. Grandin (2010).

lápides das sepulturas são uma importante fonte de informação, pois, apresentam uma breve bibliografia sobre o indivíduo ali sepultado.



*Figura 53 – Lápide com epitáfio de dedicatória de conjugue do indivíduo sepultado, Cemitério de Fordlândia (Acervo da autora).*

### *5.2.2 – Perfil Sociodemográfico do Cemitério de Belterra.*

No cemitério de Belterra foi possível uma melhor identificação de informações sobre os indivíduos sepultados, como nome, sexo, e data de falecimento. Sendo os sepultamentos de indivíduos infantis perfazem 80%, ou seja, 362 indivíduos sepultados entre 1940 e 1958. O número elevado de sepultamentos infantis corresponde a indivíduos com poucos meses de nascidos e natimortos, conforme as

informações contidas nas lápides dos indivíduos não adultos. Na tabela a seguir verificamos que a maior taxa de mortalidade infantil ocorreu entre os anos de 1940 e 1950.

**Tabela 6 - Características Sociodemográficas dos sepultamentos no Cemitério de Belterra.**

ANO DO FALECIMENTO	Nº DE SEPULT.	INDIVÍDUO	SEXO	TIPO DE SEPULTAMENTO
1934?	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1934 - 1939	20	Adulto	Ausente	Primário Individual
1940 - 1949	192	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1940 - 1949	32	Adulto	Ausente	Primário Individual
1940	1	Adulto	Masculino	Primário Individual
1941	1	Adulto	Masculino	Primário Individual
1942	2	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1942	1	Adulto	Masculino	Primário Individual
1943	1	Adulto	Feminino	Primário Individual
1943	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1945	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1945	2	Adulto	Masculino	Primário Coletivo
1945	1	Adulto	Masculino	Primário Individual
1946	2	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1946	1	Adulto	Feminino	Primário Individual
1947	2	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1948	4	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1950 – 1958 (?)	109	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1950 – 1958 (?)	36	Adulto	Ausente	Primário Individual
1952	1	Adulto	Feminino	Primário Individual
1952	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1953	1	Adulto	Masculino	Primário Individual

1953	6	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1955	1	Adulto	Masculino	Primário Individual
1955	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1956	4	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1956	4	Adulto	Masculino	Primário Individual
1957	1	Adulto	Feminino	Primário Individual
1957	1	Não Adulto	Ausente	Primário Individual
1958	4	Adulto	Masculino	Primário Individual
1958	1	Adulto	Feminino	Primário Individual
1958	2	Não Adulto	Ausente	Primário Individual

Foi possível constatar neste cemitério, que os sepultamentos realizados tratam-se de enterramentos primários individuais e enterramentos primários coletivos, sendo os sepultamentos primários com arquitetura de lápides/cruz, Gradis e Jazigos. Os sepultamentos coletivos são característicos por arquitetura tumular de Jazigos. Dos 443 túmulos catalogados apenas dois (2) Jazigos foram identificados como sepulturas coletivas (Figuras 54 e 55). Os jazigos identificados são datados com período de 1942 e 1945, no entanto, o Jazigo de 1942 possui ocupação distinta, com sepultamento de 1942 de indivíduo adulto do sexo masculino, e novo sepultamento de indivíduo adulto do sexo feminino em 2003.

Na tabela abaixo, um aspecto a ser comentado é a predominância de sepultamentos primários individuais, perfazendo 98% do total das sepulturas. Diferente de Fordlândia, as sepulturas no cemitério de Belterra estão com orientação voltada para o Oeste. Para Ariès (2014), a orientação das sepulturas seguindo os pontos cardeais voltadas para o leste ou oeste, estão inseridas nos rituais funerários cristãos. No Brasil, este ritual foi herdado dos europeus que vieram para o país durante a colonização<sup>211</sup>.

---

<sup>211</sup> REIS, João José. A Morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

**Tabela 7 - Aspectos dos Sepultamentos do período de 1934-1958, Cemitério de Belterra.**

<b>ANO DO FALECIMENTO</b>	<b>TIPO DE SEPULTAMENTO</b>	<b>Nº de SEPULTURAS</b>	<b>ORIENTAÇÃO DAS SEPULTURAS</b>
1934 - 1939(?)	Primário Individual	20	Oeste
1934?	Primário Individual	01	Oeste
1940-1949 (?)	Primário Individual	231	Oeste
1940	Primário Individual	01	Oeste
1941	Primário Individual	01	Oeste
1942	Primário Individual	03	Oeste
1943	Primário Individual	01	Oeste
1945	Primário Individual	02	Oeste
1945	Primário Coletivo	01	Oeste
1946	Primário Individual	03	Oeste
1947	Primário Individual	02	Oeste
1948	Primário Individual	04	Oeste
1950-1958 (?)	Primário Individual	145	Oeste
1952	Primário Individual	02	Oeste
1953	Primário Individual	07	Oeste
1955	Primário Individual	02	Oeste
1956	Primário Individual	08	Oeste
1957	Primário Individual	02	Oeste
1958	Primário Individual	07	Oeste

**Fonte: Dados coletados em campo.**

Os sepultamentos primários individuais no cemitério de Belterra, são predominantemente de indivíduos não adultos sepultados durante a década de 1940 e década de 1950. A estrutura do cemitério foi baseada na espacialização dos sepultamentos, sendo no período de sua fundação entrecortado em uma alameda principal que separa os setores de indivíduos adultos e não adultos. O setor de enterramentos de indivíduos não adultos consiste em sua totalidade de sepultamentos primários, com cruz de madeira utilizada como lápide, onde foi observado a ausência de lápides nas sepulturas, sendo um vestígio que sinalizam o local dos enterramentos.

Diferentemente dos sepultamentos presentes no cemitério de Fordlândia que compreendem o período Ford na Amazônia (1928-1958), que apresentam somente sepultamentos primários individuais, no cemitério de Belterra foi observado a ocorrência de duas sepulturas com sepultamentos coletivos de indivíduos adultos. Essas sepulturas são caracterizadas por terem arquitetura de jazigo, onde se é visível a data do primeiro sepultamento que ocorreu em 1942, sendo de um indivíduo do sexo masculino. O Jazigo somente foi utilizado para outro sepultamento no ano de 2003, onde foi sepultado um indivíduo do sexo feminino, ainda observamos que os indivíduos ali sepultados possuem sobrenomes idênticos, comprovando ser um jazigo familiar, conforme é destacado na imagem 54 a seguir.



Figura 54 - Jazigo com sepultamento Coletivo, anos de 1942 e 2003  
(Acervo da autora)



Figura 55 - Jazigo com sepultamento coletivo realizado em 1945, Cemitério de Belterra  
(Acervo da autora).

Quanto ao segundo jazigo com sepultamento primário coletivo, trata-se de enterramento de dois (2) indivíduos adultos do sexo masculino com ano de falecimento de 1945. Nota-se que os indivíduos sepultados possuem os sobrenomes idênticos, sendo um indicativo de jazigo familiar. Nesta sepultura, ainda observamos a falta de conservação da lápide, não estando visível a data completa de nascimento e falecimento dos indivíduos. Todavia, observamos a presença de vestígios simbólicos que caracteriza como os vivos (familiares), percebem o mundo dos mortos, através da veneração do familiar falecido.

A arqueóloga Tânia Andrade Lima<sup>212</sup>, discorre que o jazigo onde foram realizados um ou mais sepultamentos em datas contemporâneas e distintas, são utilizados principalmente como sepulturas perpetuas familiares. Essa veneração, ou rememoração do indivíduo morto, simboliza uma relação conforme Philippe Ariès<sup>213</sup>, o contato entre o “*mundo dos vivos e o mundo dos mortos*”.

Além dos jazigos citados anteriormente com sepultamentos primários coletivos, o cemitério de Belterra possui mais 19 jazigos, destes 13 são de sepulturas de indivíduos não adultos, e enterramentos primários individuais. Seguindo os aspectos simbólicos observados no cemitério, identificamos que as sepulturas desses “*anjos*”, ainda são espaços de memória para seus familiares, com presença de vestígios materiais simbólicos recentes nas sepulturas (Fig. 56).

---

<sup>212</sup> Op. Cit, (LIMA, 1994 p. 96).

<sup>213</sup> Op. Cit, (Ariès , 2014).



*Figura 56 – Sepultura de indivíduo não adulto com flores recentes, Cemitério de Belterra (Acervo da autora).*

### **5.3- Variabilidade Tumular nos Cemitérios de Fordlândia e Belterra durante o período Ford.**

A análise das sepulturas nos cemitérios Fordianos, e de suas características próprias revelaram nos cemitérios de Fordlândia, e Belterra a presença de variabilidade estilística em sua arquitetura tumular, com três (3) tipos de sepulturas, sendo:

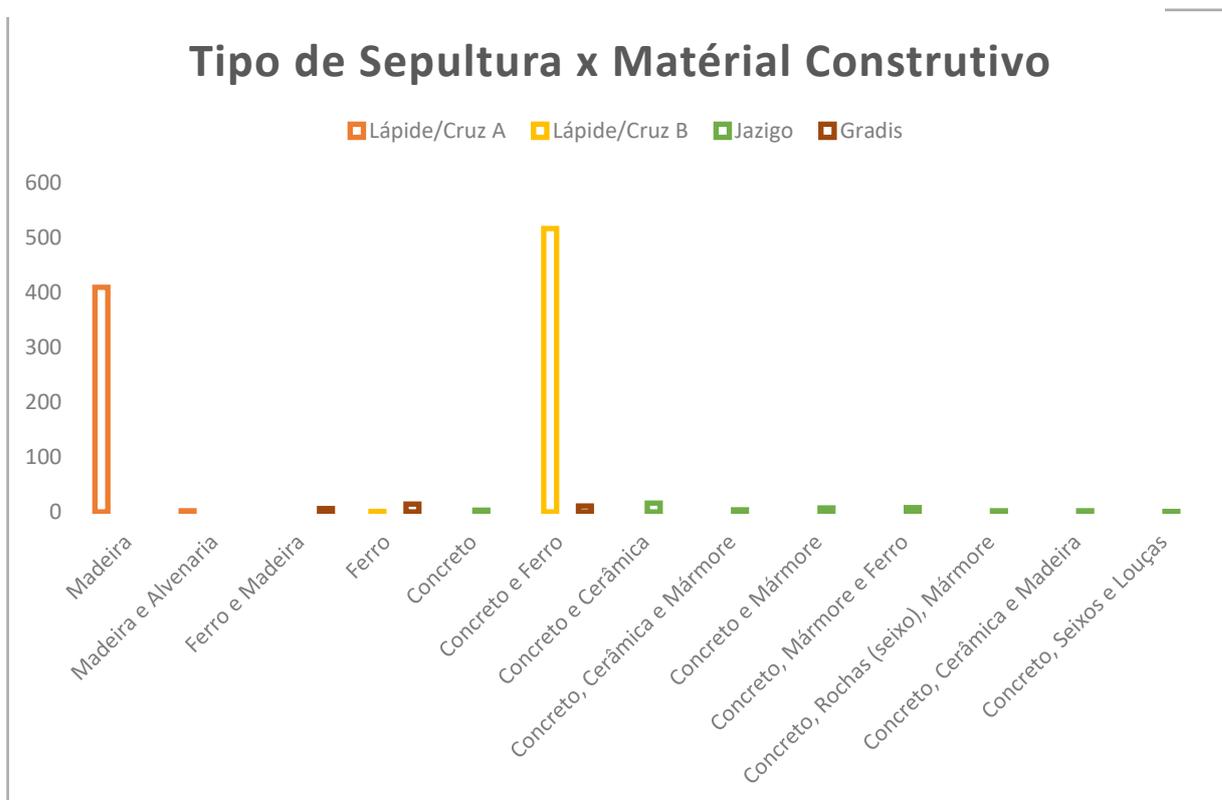
1. Lápide/Cruz, com estilos em madeira (396), e concreto armado (622), apresentando tamanhos de 1,10cm e 1,60cm respectivamente. Esse tipo de

lápide é presente nas sepulturas dos anos de 1928 a 1938 no cemitério de Fordlândia; e nas sepulturas dos anos de 1934 a 1958 no cemitério de Belterra;

2. Jazigo, com material construtivo de concreto, mármore e cerâmica. E estão distribuídos entre o período de 1932 e 1958 em ambos os cemitérios Fordianos, totalizando 43 sepulturas com este tipo de Arquitetura;
3. Gradis, sendo confeccionado em ferro e símbolos em arabesco. Foram utilizados em sepulturas infantis na década de 1940 em Fordlândia, e sepulturas de indivíduos adultos na década de 1950. A sua utilização no cemitério de Belterra ocorreu a partir de 1940 para os sepultamentos infantis, e desde 1950 em sepulturas de indivíduos adultos, sendo um total de 31 sepulturas.

Essa variabilidade se expressa além do tipo de arquitetura tumular, na sua arte simbólica, nos materiais construtivos, e no tipo de sepultamento, sendo o tipo de sepultamento seguindo exclusivamente os rituais funerários cristãos. Conforme Arìes (2014) as características presentes nas sepulturas e suas lápides formam a dimensão visível da cultura material cemiterial. No gráfico 1, pode-se observar essa variabilidade tumular presente no tipo de sepultura e seu material construtivo.

**Gráfico 1 – Aspectos da Arquitetura Tumular dos Cemitérios de Fordlândia e Belterra.**



A arquitetura e arte tumular tornam-se mutáveis quando os primeiros cemitérios cristãos foram instalados no Brasil em locais além dos muros das igrejas e catedrais durante o século XVIII, iniciam as transformações na forma como esses espaços serão utilizados, além de concepção de um novo estilo de Arquitetura Sepulcral<sup>214</sup>.

Neste aspecto observamos que diferente de Fordlândia, as cruzes que marcam os sepultamentos no cemitério de Belterra, foram confeccionadas com madeira da espécie *Mezilaurus Itaúba*, sendo que algumas sepulturas apresentavam somente parte das cruzes. Desta forma não foi possível identificar data de alguns sepultamentos, também havendo sepulturas sem nenhum tipo de identificação, sendo um entrave para a quantificação de sepultamentos realizados no espaço cronológico estabelecido pela pesquisa.

<sup>214</sup> **BELLOMO**, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

Para a análise dos elementos simbólicos e morfológicos de cada sepultura presente nos cemitérios Fordianos, foi observado uma certa homogeneidade de formas, e símbolos. Essa homogeneidade foi perpetuada nos rituais de enterramento, nos símbolos e nas lápides/Cruz que sinalizam as sepulturas.

Ainda em relação a tipologia da arte tumular, o mais frequente é o símbolo cristão da cruz, anjos, fotografias e epitáfios, sendo que estes símbolos demonstram a visão da sociedade perante o fenômeno da morte. Durante a pesquisa foi observada a distribuição dos tipos de sepulturas e símbolos, e identificamos que os símbolos de anjos são presentes em sepulturas infantis e de indivíduos adultos jovens apenas no cemitério de Belterra. Quanto as fotografias e epitáfios, são frequentes em sepulturas de indivíduos adultos tanto no cemitério de Belterra (Fig.57), como no cemitério de Fordlândia (Fig. 58).



**Figura 57 - Detalhe de Epitáfio em Jazigo de 1957, cemitério de Belterra (Acervo: a autora).**

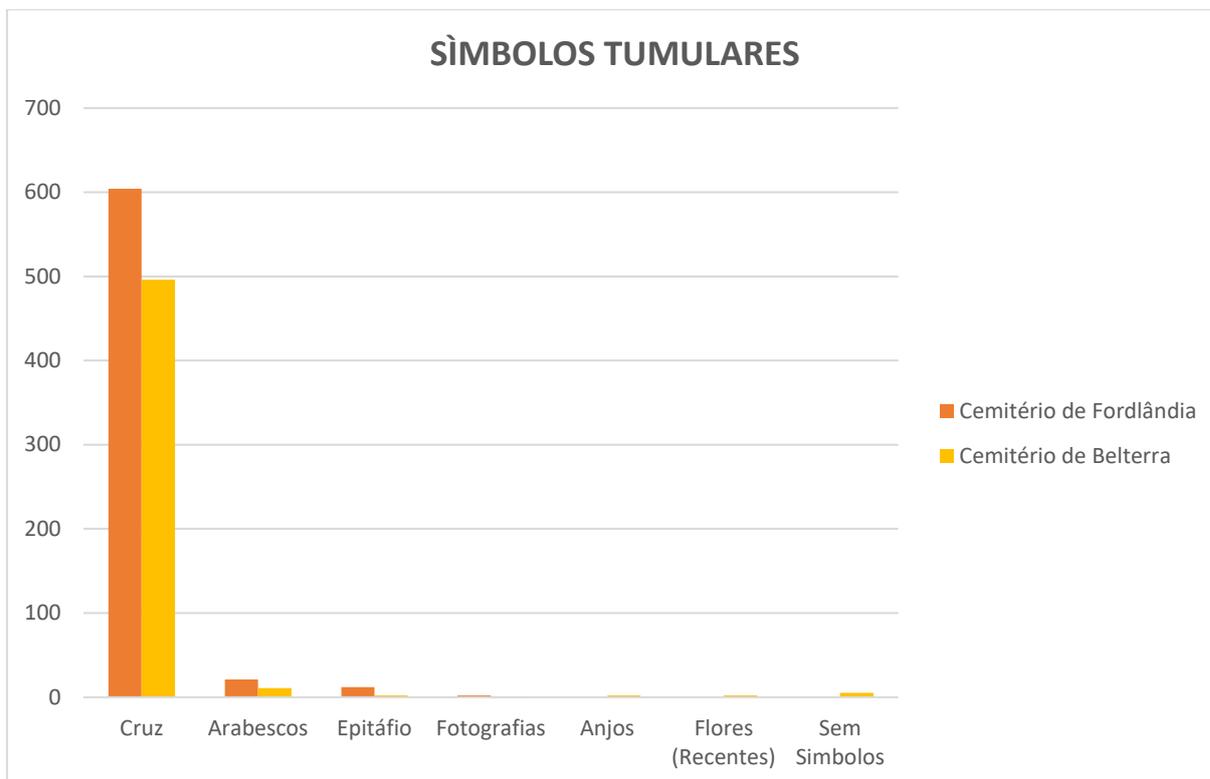


**Figura 58 - Jazigo com símbolo de Crucifixo e Epitáfio em sepultura com data de 1941 no Cemitério de Fordlândia (Acervo: a autora).**

Ao identificarmos os epitáfios presentes nas sepulturas dos cemitérios Fordianos, nas imagens acima é observado que estão presentes principalmente em sepultamentos de indivíduos adultos do sexo feminino, totalizando 06 sepulturas, sendo 04 no cemitério de Fordlândia e 02 epitáfios em sepulturas localizadas no cemitério de Belterra. Segundo Harry Rodrigues Bellomo<sup>215</sup>, os epitáfios compreendem a materialização de manifestações das virtudes do morto, e rememoração para os vivos.

<sup>215</sup> Op. Cit, (Bellomo, 2008, p. 18-21).

**Gráfico 2 – Principais Símbolos Tumulares presentes nos Cemitérios Fordianos.**



Ao observar o gráfico acima, é possível identificar que a tipologia dos símbolos presentes nas sepulturas apresenta uma variabilidade de simbologia cristã, sendo utilizada nos jazigos mais de uma representação simbólica. O símbolo da *Cruz* utilizada nas sepulturas desde a fundação dos cemitérios, nos levar a compreensão sobre a percepção da morte e assimilação socio-religiosa que reproduz os padrões cristãos da sociedade da época (Fig. 59.).



*Figura 59 - Cruz de concreto em Sepultura de 1958.  
(Acervo: a autora).*

### *5.3.1 - Conservação e Preservação das Sepulturas*

Analisando os cemitérios Fordianos, é possível perceber o elevado grau de deterioração nas sepulturas mais antigas construídas em concreto e madeira, e devido este processo de deterioração, 30% das sepulturas não apresentavam identificação e data do óbito, pois, possuíam inscrições apagadas, e 25% encontravam-se parcialmente destruídas. Essas alterações tafonômicas são de caráter natural (químicos, físicos e biológicos), e de caráter antrópico (ação humana), que atuam na transformação e deterioração dos materiais<sup>216</sup>.

Após a catalogação das sepulturas, foi possível identificar os agentes de deterioração de materiais, principalmente em material de concreto e mármore, com

---

<sup>216</sup> Op. Cit, ICOMOS-ISCS (2008)

maior incidência presentes nas sepulturas ocorrem, as ações cromáticas, deformações, quebras, fissuras, destacamentos, feições induzidas por perdas de material, descolorações, colonizações biológicas como musgos, e erosões, são danos presentes, por constantes chuvas, e interferências antrópicas indevidas. Estes processos de deterioração podem ser observados nas imagens a seguir.



**Figura 60 - Sepultura com Crosta negra e Eflorescência, cemitério de Fordlândia (Acervo da autora).**



**Figura 61 - Lápide fragmentada, cemitério de Fordlândia  
(Acervo da autora).**

Observamos que os principais agentes de deterioração em ambos os cemitérios eram de natureza ambiental, como alteração cromática ocasionada pelo escurecimento da arquitetura tumular confeccionada a partir de rochas e concreto. Esse tipo de processo foi observado nos túmulos de Fordlândia, principalmente as cruzes das sepulturas do período Ford (1928 a 1942), também foi observado a presença de crosta negra em algumas sepulturas. Em Fordlândia verificamos a presença de Eflorescência, se trata de uma macha branca de formato irregular, como na imagem acima. Outro fator de degradação observado foi o apodrecimento da madeira das sepulturas de Belterra, em decorrência da umidade e incidência de

chuvas, que são fatores frequentes na Amazônia (Fig.62). Alguns sepultamentos apresentaram em sua arquitetura o craquelê com pequenas rachaduras finas e irregulares.



**Figura 62 - Cruz com fragmentação total e parcial, cemitério de Belterra (Acervo da autora).**

Outros processos tafonômicos que influenciam na deterioração dos sepultamentos, consiste nos fatores ambientais do terreno. O cemitério de Fordlândia apresentou erosão localizada principalmente no setor 3, ocasionado o descarrilamento de cruzes, e sua remoção da posição original (Fig.63). Observamos que esse tipo de fenômeno ocorre no local dos sepultamentos devido a topografia acidentada do terreno e a ocorrência de fortes chuvas na região, sendo a erosão natural do solo, presente principalmente no cemitério de Fordlândia (Fig.64).



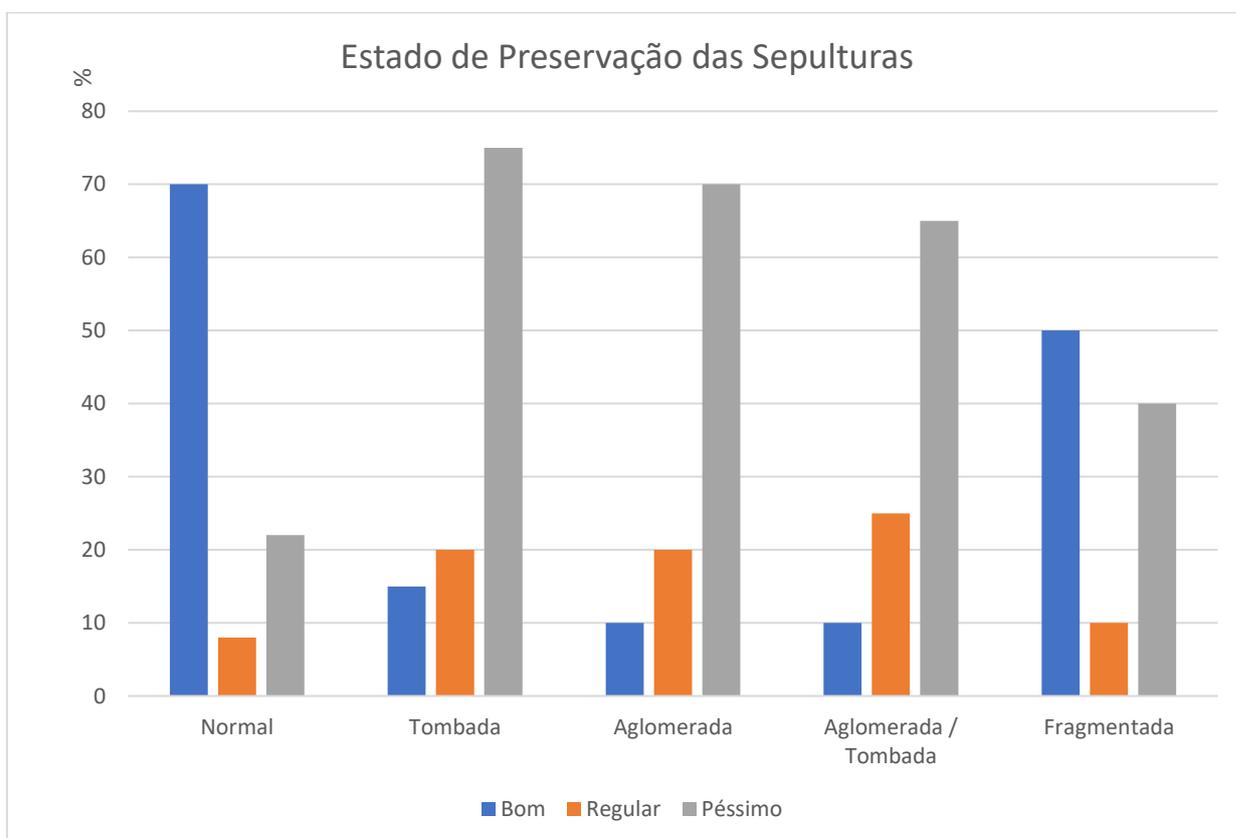
**Figura 63 - Lápides de sepulturas deslocadas, Cemitério de Fordlândia (Acervo da autora).**



**Figura 64 -Cruz coberta parcialmente com sedimento, Cemitério de Fordlândia (Acervo da autora).**

A partir de nossas observações, e identificação dos agentes de deterioração das sepulturas, os classificamos seguindo o glossário ilustrado do ICOMOS (2008), como o intemperismo que ocasionou alto grau de deterioração nas sepulturas de Fordlândia; degradação, nos jazigos de ambos os cemitérios, como lascamentos e quebra parciais dos túmulos; e deformação ocorrida nos gradis das sepulturas.

**Gráfico 3 – Estado de Preservação das Sepulturas nos cemitérios Fordianos<sup>217</sup>**



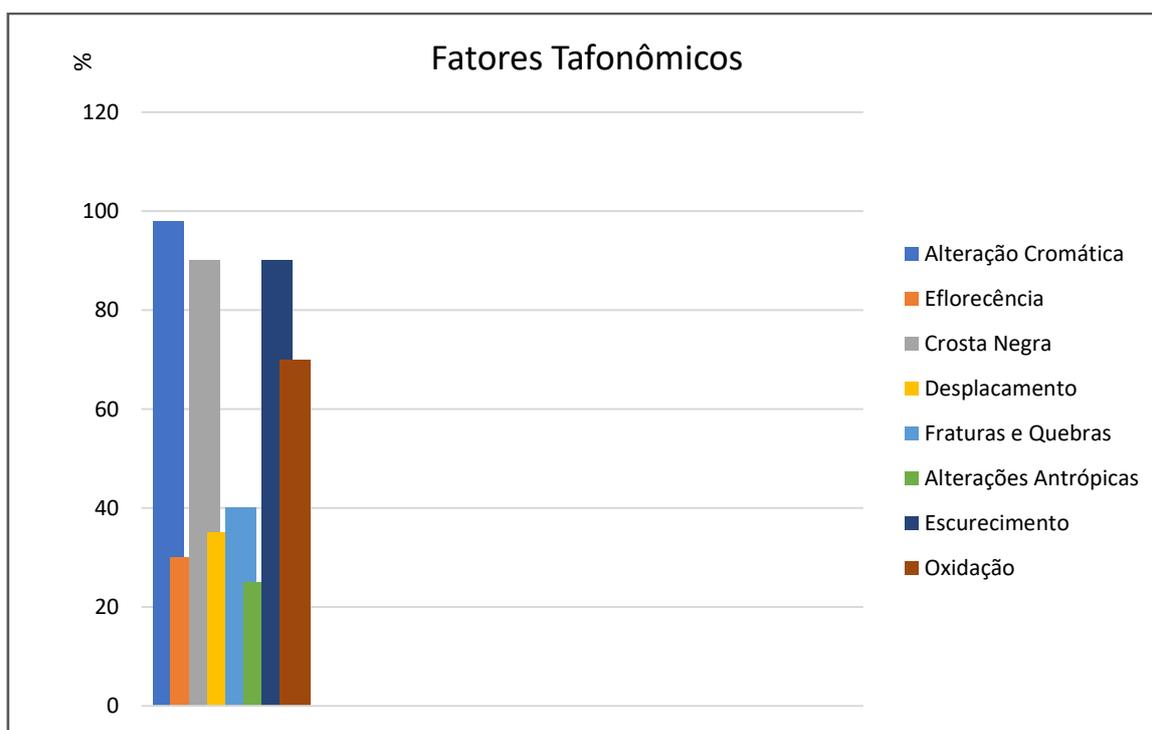
As sepulturas catalogadas nos Cemitérios de Fordlândia e Belterra, apresentavam em sua maioria “Péssimo” grau de preservação ocasionados por fatores tafonômicos biológicos, físico-químicos, ambientais e antrópicos. No gráfico acima as sepulturas com lápides das sepulturas que estavam fora da sua posição original, possuem um elevado grau de deterioração. Para as sepulturas com lápides

<sup>217</sup> Foi considerado na análise a posição em que as lápides das sepulturas se encontram atualmente como: Norma (posição original - vertical); Tombada ou deitada (posição na horizontal); Aglomerada (várias lápides acumuladas na vertical); Aglomerada/Tombada (lápides acumuladas na horizontal); Fragmentada (lápides na posição original, mas, fragmentadas).

na posição normal, jazigos e gradis, o seu estado de preservação alcança 70%, e ao se comparar com lápides que estão deslocadas, é visível que o processo de deterioração destas são mais elevados. Inferisse, que este fator é em decorrência do longo período de exposição a agentes deteriorativos, e do tipo de material utilizado na confecção dos túmulos.

No cemitério de Fordlândia as lápides em forma de cruz confeccionadas com concreto e ferro apresentaram elevada incidência de eflorescência, juntamente com alteração cromática, e crosta negra. A alteração cromática é ocasionada pelo escurecimento da arquitetura tumular confeccionada a partir de rochas e concreto. Esse tipo de processo foi observado nos túmulos de Fordlândia, principalmente as cruzes das sepulturas do período Ford (1928 a 1942), também foi observado a presença de crosta negra, e Eflorescência em sepulturas com lápides de mármore e rocha. A Eflorescência se trata de uma macha branca de formato irregular formada principalmente por sais presentes em ambientes com alta umidade, como é o caso da região amazônica.

**Gráfico 4 – Principais Agentes de Deterioração das Sepulturas**



Esses agentes de deterioração são presentes principalmente nas sepulturas do Cemitério de Fordlândia, como citado anteriormente foram identificados a alteração cromática, eflorescência, crosta negra, deslocamento, fraturas, quebras, alterações antrópicas, escurecimento e oxidação. No gráfico acima, nota-se que em quase a totalidade das sepulturas ocorrem a alteração cromática, em seguida a crosta negra é presente em 90% das lápides, sendo, a alteração antrópica com a menor ocorrência, presente em 25% das sepulturas.

No cemitério de Belterra, por ocasião do principal material construtivo utilizado ser a madeira, o índice de deterioração mais elevado decorre do escurecimento das cruzes que orneiam a sepultura, seguido pela oxidação dos gradis que ocorre em 70% dos túmulos. O deslocamento (35%), fraturas e quebras (40%), ocorre sobretudo nas sepulturas com cruz de madeira, e jazigos confeccionadas em alvenaria e cerâmica.

O fator de degradação observado no cemitério de Belterra, consisti no apodrecimento da madeira, com quebras parciais ou totais nas cruzes que sinalizam as sepulturas, fator este, em decorrência da umidade e incidência de chuvas, que são fatores frequentes na Amazônia. As sepulturas jazigos apresentaram em sua arquitetura o craquelê com pequenas rachaduras finas e irregulares.

Segundo o ICOMOS (2008), esses processos de deterioração dos monumentos, o que incluem as sepulturas, sofrem alterações na sua forma e estrutura em locais úmidos e com Ph ácido, por incidência de agentes atmosféricos e naturais. Neste sentido, podemos constatar que intemperismo ocasionado pelo clima quente e úmido da região seja o fator preponderante para as alterações intrínsecas existentes nas sepulturas dos cemitérios de Fordlândia e Belterra.

## CONCLUSÃO

Desde o primeiro ciclo da borracha em meados do século XVIII, a região amazônica passa por transformações. Estas transformações dar-se no seu contexto social, cultural, e econômico, e com a vinda de novos imigrantes oriundos de todas as regiões do país, principalmente da região nordeste, ocorre um *boom* demográfico incidentalmente nas áreas onde há a maior demanda pela mão de obra, como o que ocorreu na região do vale do Tapajós durante a instalação do Projeto Ford na Amazônia Paraense. O projeto tem seu início com o ideal do industrial norte americano Henry Ford em construir uma cidade americana em meio a floresta amazônica, nos moldes das cidades empresas administradas pela Industria Ford nos Estados unidos.

O local selecionado para a implantação do projeto utópico de Henry Ford, foi o pequeno povoado de Boa Vista, localizado na margem direita do Rio Tapajós, em uma área de platô, pertencente ao município de Aveiro, no estado do Pará. O projeto inicia com a contratação de trabalhadores para o processo de limpeza da floresta, sendo o primórdio da jornada de muitos imigrantes nordestinos e de outras regiões para o Vale do Tapajós. Essa imigração foi o ápice do aumento demográfico na região que mesmo com a grande infraestrutura instalada pelo projeto Ford, não foi capaz de mantê-lo por mais de duas décadas, enfrentando problemas ambientais e humanas. Ambientais, ocasionado pela péssima escolha da área inicial para plantação das seringueiras, por ser uma região de relevo acidentado não indicado para plantações a nível industrial, pois, durante as chuvas ocorre o carreamento de nutrientes do solo, e durante o período de estiagem a grande incidência de calor em área descoberta ocasiona a proliferação de pragas e morte das plantas.

No entanto esta Tese, procurou compreender além dos fatores ambientais que ocasionou o cancelamento do projeto, mas, buscou entender o fator humano, sim, pois, o projeto foi pensado e implantado por seres humanos, indivíduos que vieram para o Vale do Tapajós em busca de melhores condições de vida, alguns retornaram a sua terra natal, outros formaram famílias e criaram memórias passadas de geração em geração para seus descendentes que ainda hoje residem na região, e aqueles que deixaram suas histórias suspensas nos cemitérios fundada pela Companhia Ford em 1928 no distrito de Fordlândia, e em 1934 na cidade de Belterra.

Sendo assim, esta pesquisa de Tese, adentrou na memória cultural e social destas duas “*ciudades americanas*” construídas no Tapajós, de modo a esclarecer que essas cidades e os indivíduos que ajudaram a construí-las são ponto fundamental na construção da história humana na região, a partir dos vestígios e da cultura material funerária presente nos seus cemitérios. Como são incipientes, os registros históricos sobre esses indivíduos que trabalharam na Companhia Ford no Vale do Tapajós, foram realizados um levantamento da memória e história oral sobre alguns acontecimentos que ocorreram entre o período Ford na Amazônia.

A documentação e sistematização dos dados coletados nos respectivos cemitérios da Companhia, compreendeu o espaço temporal em que o projeto foi administrado pela Companhia Ford (1928 a 1945), e o pós projeto administrado pelo Instituto Agrônomo do Norte (IAN), com denominação de Plantações Ford de Fordlândia e Belterra (1946 a 1958). Para a pesquisa consideramos estes dois períodos, pois, houve uma continuidade das atividades desenvolvidas, além da assimilação dos trabalhadores da Companhia pelo Instituto IAN.

Portanto, procuramos montar um panorama sobre os sepultamentos realizados nestes cemitérios, e expor um aspecto pouco conhecido sobre a história do projeto, que trata da materialidade da morte ali presente. Considerando que os espaços destinados aos mortos em uma sociedade refletem o mundo dos vivos, sendo que cemitérios estudados nesta pesquisa foram entendidos como um lugar de reprodução simbólica e social.

Uma das questões respondidas nesta pesquisa foi o número dos sepultamentos realizados nos cemitérios, pois, durante as atividades de campo, a análise macro realizada *in loco* nos mostrou o elevado número de lápides, se considerado o universo demográfico da época. Este fator foi um dos principais problemas abordados nesta pesquisa, e a causa do elevado número de mortes para o período.

Em conversa com a população local de Fordlândia, foi nos repassado que houve surtos epidêmicos de febre amarela e malária entre os anos de 1929 e 1934, que corroboraram informações históricas, podendo ser este um fator na causa morte de alguns trabalhadores. Há também registros como do historiador americano Greg

Grandin, sobre mortes ocasionadas por picadas de animais peçonhentos, problemas de infecções intestinais, e acidentes nas plantações que ocasionaram mortes no mesmo período. Neste sentido, a partir do levantamento do número de sepultamentos no cemitério do distrito, identificamos que o número elevado de sepulturas corresponde ao período de 1928 a 1934, e inferimos ser a doenças infectocontagiosas, os ataques de animais peçonhentos, a ausência de saneamento básico no início do projeto, e acidentes de trabalho como as maiores causas de morte funcionários da companhia e seus familiares à época.

Os sepultamentos de indivíduos não adultos no cemitério de Fordlândia, foram identificados a partir das sepulturas no setor infantil, bem como sepulturas no setor adulto, onde a inscrição na lápide consta o nome do pai e não da criança. Seguindo um costume advindo dos imigrantes nordestinos, que não indicavam nas sepulturas o nome de crianças pagãs, como o identificado que constava “Filho de José Ferreira”.

Os sepultamentos entre os anos de 1935 e 1958 são poucos no cemitério de Fordlândia, nos levando a considerar ser devido a transferência das atividades principais e dos trabalhadores para Belterra, pois, em 1938 o projeto Ford possuía 1700 funcionários, sendo 1200 atuando em Belterra e 500 em Fordlândia.

Com o inventário do cemitério de Belterra identificamos um número elevado de sepulturas de indivíduos não adultos, com mais de 350 sepultamentos no período de 10 anos, que compreende os anos de 1942 e 1952 com maior taxa de mortalidade. No cemitério de Belterra observamos o baixo índice de sepultamentos de indivíduos adultos, e um número maior de sepulturas de indivíduos do sexo feminino se comparado a Fordlândia.

Concluimos que dos 1.092 indivíduos sepultados nos cemitérios, 85% eram do sexo masculino, o que corresponde a força de trabalho na época ser em maioria de homens.

Também se conclui a alternância na arquitetura das sepulturas, sendo utilizado principalmente concreto e ferro para confecção das sepulturas do cemitério de Fordlândia, e Madeira para as cruzes do cemitério de Belterra, sendo utilizadas desde 1934 a 1956. A arte funerária em ambos os cemitérios são especialmente seguindo o ritual cristão, com presença de cruz, anjos, epitáfios e flores.

Após a finalização do inventário e catalogação das sepulturas, foi identificado diversos processos de deterioração que alteram a forma e estruturas das sepulturas. Sendo o cemitério de Fordlândia, com maior estágio de deterioração, ocorrendo a retirada das lápides de sua posição original e aglomeradas em locais do cemitério. Podemos constatar a ausência de conservação do cemitério, e o descaso das sepulturas por parte da administração pública. O que pode ocasionar a perda inestimável do patrimônio histórico-cultural do distrito.

Com esta pesquisa, concluímos que os cemitérios pesquisados refletem as expressões religiosas, culturais e identitárias, através da sua estrutura espacial, e cultura material funerária. Sendo estes cemitérios para a sociedade do Tapajós um espaço de memória identitária individual, e coletiva, pois revelam aspectos biográficos do morto, deixando marcado na pedra sua identidade, e em algumas sepulturas, o período de vida. As sepulturas com epitáfios representam a simbologia funerária.

Finalizando, consideramos que os espaços funerários refletem a estrutura social do mundo dos vivos, sendo entendidos como um lugar de reprodução simbólica, social e cultural da população local. Neste sentido, torna-se necessário a preservação dos cemitérios fundados durante o período Ford na Amazônia, pois, são fonte de conservação da identidade cultural do distrito de Fordlândia e do Município de Belterra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACUÑA, C. **Relación Del Nuevo Descubrimiento Del rio de las Amazonas**. Madrid: Imprensa Del Reyno. 1641.

ARAÚJO, H. C. de Souza. **A Phrophylaxia Rural no Estado do Pará**. Typ. da Livraria Gillet, Belém – Pará, 1922.

ARIÈS, P. **O homem perante a morte I**. 2ª Edição. Editora Universitária: Portugal, 2000.

ARIES, P. **O homem diante da morte II**. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UNESP: São Paulo, 2014.

ARIES, P. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Edição Especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAYARD, J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer**. São Paulo: Paulus. 1996.

BATTES, Walter Henry. **Um naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp. 1979 [1864]. V. 1. 420p.

BELLOMO, Harry Rodrigues. (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte. Sociedade. Ideologia**. Rio Grande do Sul: Edipucrs. 2008. p.13.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Dos micróbios aos mosquitos, febre amarela e revolução pasteuriana no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 1999, 498p.

BENCHIMOL, Samuel. **Um pouco-antes e além-depois**. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.

BETTENDORF, J. F. **Crônica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXXII, parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1910 [1661].

BUSSIÈRES, L. **Evolution des rites funéraires et du rapport à la mort dans la perspective des sciences sociales**. Ecole des études supérieures Université Laurentienne, Sudbury, Ontario. 1999.

CAMARGO, Erney Plessmann. **Malária, maleita, paludismo**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 55, n. 1, p. 26-29, jan. 2003. Disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S000967252003000100021&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252003000100021&lng=en&nrm=iso). acesso em 08 de setembro de 2022.

CARVAJAL, G. de. **Descubrimiento Del río de las Amazonas**. Madrid: Babelia. 1542.

CLEARY, Edward J. **“An Engineer’s Role on a Rubber Plantation.”** Engineering News-Record. Mar, 1944.

COUDREAU, Henry. **VIAGEM AO TAPAJOS**. 1ª Ed. Garnier, Belo Horizonte, 2020. 160p.

COSTA, F. de A. **Formação agropecuária da Amazônia: os desafios do desenvolvimento sustentável**. v. 1. 2. ed. Belém: NAEA, 2012.

CRULS, Gastão. **Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil**. Revista Brasileira de Geografia: IBGE, 1939.

CRUZ, Ernesto. **O Cemitério de Nossa Senhora da Soledade. Vultos e Episódios da História do Pará: Procissão dos séculos**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1952.

CRUZ, Oswaldo; CHAGAS, Carlos; PEIXOTO, Afrânio. **Sobre o saneamento da Amazônia**. Manaus: Philippe Daou. 1972

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. **Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias no Rio Madeira**. Papelaria Americana, Rio de Janeiro, 1910.

DANIEL, João. **O Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas**, V.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 600p.

DEAN W. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.

DETHLEFSEN, Edwin S. **The cemetery and culture change: archaeological focus and ethnographic perspective**. In: GOULD, Richard; SCHIFFER, Michael B., eds *Modern material culture: the Archaeology of USo* New York: Academic Press, 1981. p.137-159.

DETHLEFSEN, Edwin; DEETZ, James. **Eighteenth century cemeteries: a demographic view**. *Historical Archaeology*. Vol I, 1968.

DEETZ, James F. e DETHLEFSON Edwin S. **Death's Head, Cherub, Urn and Willow**. *Cambridge e Santa Barbara*, p. 83 – 89, Originally published in *Natural History*, v. 76 (3), p. 29 – 37, 1968.

DEETZ, J. **In Small Things Forgotten: An Archaeology of Early American Life**. *Anchor Books/Doubleday*. New York. EUA, Edição revisada, 2010.

DUDAY, H. **Archaeoethnoanatology or Archaeology of Death**. In: **Social Archaeology of Funerary Remains**. Edited By GOWLAND, Rebecca and KNÜSSEL. Oxford, Oxbow Books, 2006.

FRANCO, Eimar. **O Tapajós que eu vi**. Santarém: Ed. ICBS, 1998.

FERREIRA PENA, D. S. **A Região Ocidental da Província do Pará**. Tipografia de Belém. 1869.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**, São Paulo; Martins Fontes, 2002. pp.295.

GARFIELD, Seth. **In search of the Amazon**, 1ª edição, Durham e London, 2013, p. 63.; Op. Cit, (Grandin, 2010).

GEERTZ, C, **The Interpretation of Cultures**. Basic Books, A Division of Harper Collins Publishers, EE. UU. 1973.

GOELDI, Emilio. **Os Mosquitos no Pará**. Museu Paraense, 1905.

GRANDIN, Greg. **Fordlândia: The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City**. Edition: illustrated: Publisher: Henry Holt and Company, 2010. 436p.

GODELIER, Maurice. **La mort et ses au-delá**. CNRS. 2014. 350p

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HAUCK, João. **“História da Igreja no Brasil”**, 2ª época: Igreja no Brasil no século XIX tomo II, 2ª ed., Petrópolis, Ed. Paulinas, 1985.

HERIARTE, M. **Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas**. Vienna: Carlos Gerold. 1874.

HOMMA, A. K. O. **A questão da produção do conhecimento regional e a biodiversidade**. In: LINS NETO, J. T.; LOPES, M. L. B. 1912-2012 cem anos da crise da borracha: do retrospecto ao prospecto: a Amazônia em doze ensaios: coletânea do VI ENAM. Belém: CORECON-PA, 2013 p. 121-145.

ICOMOS. **Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do património arquitetónico**. Cidade do Porto, Portugal, 2012.

ICOMOS-ISCS. **Illustrated glossary on stone deterioration patterns. Glossaire illustré sur les formes d'altération de la pierre**. Champigny:Ateliers 30 Impression, set 2008, 86p.

IPHAN. **Dossiê de Tombamento Volume I Fordlândia: a plantation norte-americana na amazônia paraense da primeira metade do século XX.** Belém-Pará. 2010.

JOHNSON, Matthew. **Teoría arqueológica: Una introducción.** Barcelona: Editorial Ariel, 284 p, 2000.

JOHNSTON, Archibald. **Rubber Plantations. (Relatório). Ford Motor Company:** 1942.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas / Ch. -M. de La Condamine.** – Brasília: Senado Federal, 2000. 204 p.

LAFFITTE, M. Pieere. **Considerations Generales a propos des Cimetieres de Paris.** Typographie Rouge, Dunon et Fresné. Paris, 1874.

LA RUE, Carl. Report, "**A Report of the Exploration of the Tapajos Valley,**" April 19, 1927.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. pp. 436.

LIMA, Tania Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade social).** Anais do Museu Paulista, São Paulo, n. 2, p. 87-150, 1994.

LOURENÇO, Elaine. **Americanos e caboclos: Encontros e desencontros em Fordlândia e Belterra -PA,** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1999.

MACHADO, Filipe Diêgo Cintra. **Arqueologia funerária no cemitério de Santo Amaro: jazigos e signos da elite recifense na segunda metade do século XIX.** Dissertação de Mestrado, 2017.

MARQUES, F. L. T. **Prospecção Arqueológica no Cemitério Nossa Senhora da Soledade, Belém-Pa.** (Processo IPHAN no 01492.000079/2008-11). 2009. (Relatório de pesquisa).

METCALF, P.; HUNTINGTON, R. **Celebrations of death: The anthropology of mortuary ritual.** Cambridge, Cambridge University Press, 2015. Online publication.

MITHEN, S. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**, p. 279-290. Unesp, 2003

MOTTA, Antônio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.24, nº71, 2009. Disponível em: <http://scielo.br>. Acessado em 10.03.2022.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** Editor: Publicações Europa-América, 1997. 328p.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire.** Montevideo: Trilce, 2008.

OLIVEIRA, Maria Aparecida da Silva. **Práticas Funerárias na Arqueologia: Pluralidades e Patrimônio.** Clio Arqueológica, 2018, V33 N.2, p.1- 43. 2018.

PARÁ. Mensagem Apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solene de abertura, Ed. 2ª Reunião da sua 13ª legislatura Dionysio Ausier Bentes, 1928, pp. 123-124.

PARÁ. Mensagem Apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solene de abertura, Ed. 2ª Reunião da sua 13ª legislatura Dionysio Ausier Bentes, 1928, pp. 125-126.

PEARSON, Parker M., 1982. **Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study, in Symbolic and Structural Archaeology**, ed. I., Hodder. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 99–113.

POWER, Henry; SEDGWICK, Leonard Willian. **The New Sydenham Society's Lexicon Of Medicine And The Allied Sciences: (Based On Mayne's Lexicon)**. Of The New Sydenham Society's Lexicon Of Medicine And The Allied Sciences: New Sydenham Society; Publications; New Sydenham Society. Nabu Press. Vol.5, 2012.

QUEIROZ, Francisco. **Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal**. In "Anuário 21 Gramas", n.º 1, 2008, p. 7---12. Disponível em: [http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios\\_historicos\\_Potencial\\_Turistico\\_Portugal\\_versao\\_21\\_gramas.pdf](http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios_historicos_Potencial_Turistico_Portugal_versao_21_gramas.pdf) Acesso em 10 de janeiro de 2022.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo (SP): Alameda, 2007. 194p.

ROBERT, Fernand. **A religião grega**. Tradução Antônio Pádua Danesi. Universidade Hoje. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformação fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

ROEDEL, Luísa de Assis. **Theoretical Perspectives to Archaeology of Mortuary practices: a brief overview**. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 241-256, dez. 2017. ISSN 1983-7798. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/5339/3348>>. Acesso em: 06 fev. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/hab.v15i2.5339>.

RUSSELL, Joseph A. **Fordlândia e Belterra, Seringueiras no Rio Tapajós, Brasil**. *Geografia Econômica*. Vol. 18, No. 2. Abr 1942.

SANTOS, Tatiane Coelho dos. **Lixos, entulhos e imundices: a ordem nas ruas de Salvador (1834-1855)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

SANTOS, Amilcar; VITOR, Guildolim. **A construção social do patrimônio cultural através do processo de produção de representações sociais**. Dourados: Revista Reflexão em História, vol.5, nº.10, Jul/Dez 2011.

SANTOS, Oti. Belterra: **A sua História**. Santarém: Instituto Boanerges Sena, 2004.

SCHAAN, Denise Palh. **Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico na BR 163**. Relatório de Campo Semestral. Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

SCHAAN, Denise Pahl; A. M. A. Lima. **Programa de Arqueologia e Educação Patrimonial BR-163: Santarém - Rurópolis; BR-230/PA: Divisa T/PA - Rurópolis; BR-422: Novo Repartimento - Tucuruí**. 5o. Relatório Parcial. BR-163: Trecho Santarém - Rurópolis. Belém: UFPA/ DNIT. 213 p. 2010.

SILVA, Érika Amorim. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)**. São Paulo: 2005. Dissertação – Mestrado – PUC, SP. 2005.

SMITH, A.M. **Diseases, Wages, Politics Threaten Ford Project**. The Detroit News. Nov 8, 1928.

SPIX, Johann Baptist; MARTIUNS, Carl Friedrich Philipp Von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820; tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer** -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v.: il. 486 p. -- (Edições do Senado Federal.

TURNER, V. **The ritual process, Structura end anti-structure**. Cornell University Press, EE. UU, 1977.

UBELAKER, D.H. **Enterramientos humanos: excavación, análisis, interpretación**. Sociedad de Ciencias Aranzadi. 2007.

VIANNA, Arthur. **As Epidemias no Pará**. Imprensa do Diário Oficial do Pará, 1906. iii, 157p.

VEIT, Richard. Sherene B. Baugher and Gerard P. **Scharfenberger Historical Archaeology of Religious Sites and Cemeteries**. *Historical Archaeology*, v. 43, n. 1, p. 1-11, 2009

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir**. *Estudav.* [online]. 2002, vol. 16, n.º 45, p. 107-21.

VISION, Eric A. **Funerary Archaeology In: he Archaeology of Byzantine Anatolia: From the end of Late Antiquity until the coming of the Turks**, edited by Philipp Niewöhner, 2017. Oxford: Oxford University. 488p.

WALLACE, A. **Religion: an anthropological view**, Random House, New York, 1966.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Coleção Brasil. V.17. Brasília: Senado Federal. 630p. 2004.

## JORNAIS

A CIDADE, Jornal. Santarém, Pará, 1929.

A CIDADE, Jornal. Rio de Janeiro, 1928.

O CRUZEIRO, Jornal. 28 de novembro de 1931

O Cruzeiro, Jornal. 30 de dezembro de 1931.

O GLOBO, Jornal. **Presidente Vargas visita instalações Ford**. São Paulo, 1940.

O PAÍS, Jornal. **Guerra aos Carapanãs**. Rio de Janeiro, 1929.

## ANEXOS

## TIPOS DE SEPULTURAS DOS CEMITÉRIOS FORDIANOS

### Cemitério de Fordlândia

**Descrição:**

Sepultura com lápide de Cruz vertical. Confeccionada com concreto e ferro, possui altura de 1,60. Os dados na lápide constam nome do indivíduo sepultado, e data do falecimento.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz.

**Preservação:**

Péssimo estado de conservação.

**Descrição:**

Sepultura com lápide de Cruz vertical. Confeccionada com concreto e ferro, possui altura de 1,10. Os dados na lápide constam nome do pai do indivíduo sepultado, e data do falecimento.

**Tipo de Sepultamento:**

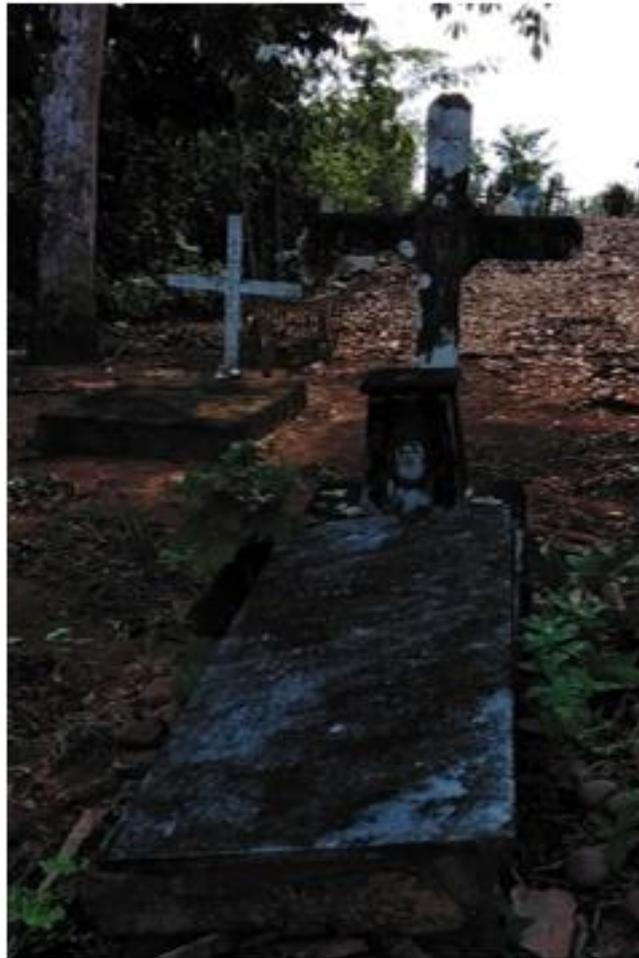
Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz.

**Preservação:**

Péssimo estado de conservação.

**Descrição:**

Jazigo de indivíduo do sexo feminino, confeccionado com concreto e mármore. Encontrasse em elevado grau de deterioração.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz, epitáfio e fotografia do indivíduo sepultado.

**Preservação:**

Regular estado de conservação.

**Descrição:**

Jazigo de indivíduo do sexo feminino, confeccionado com concreto e mármore. Encontrasse em local com elevados processos erosivos.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz, epitáfio.

**Preservação:**

Regular estado de conservação.



*"Aqui jazem os retos mortais de Elias Garibaldi. Homenagem de seus irmãos e seus filhos" (Epitáfio familiar contido na lápide).*

### **Descrição:**

Jazigo de indivíduo do sexo masculino, confeccionado em alvenaria e concreto. A sepultura encontrasse depredada e elevado processo de deterioração.

### **Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

### **Simbologia:**

Epitáfio.

### **Preservação:**

Regular estado de conservação.



**Descrição:**

Jazigo de indivíduo do sexo masculino, confeccionado em alvenaria e concreto. A sepultura encontrasse depredada e elevado processo de deterioração.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Epitáfio.

**Preservação:**

Regular estado de conservação.

**Epitáfio:**

*"(...) o inocente Newton Soeiro dos Santos" (Epitáfio familiar contido na lápide).*

## CEMITÉRIO DE BELTERRA

**Descrição:**

Sepultura de indivíduo não adulto, com arquitetura de gradis.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz.

**Preservação:**

Bom estado de conservação.

**Descrição:**

Sepultura de indivíduo não adulto, ornada com cruz de Madeira. Encontrasse bem preservado.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz.

**Preservação:**

Bom estado de conservação.

**Descrição:**

Sepultura de indivíduo não adulto sepultado na década de 1930. Encontrasse ornada com cruz de Madeira, bem preservada.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz.

**Preservação:**

Bom estado de conservação.

**Descrição:**

Sepultura confeccionada alvenaria e cerâmica. Encontrasse bem preservado.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Símbolo cristão da Cruz.

**Preservação:**

Bom estado de conservação.

**Descrição:**

Sepultura de indivíduo adulto, com arquitetura de gradis.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Cruz e Flores

**Preservação:**

Bom estado de conservação.

**Descrição:**

Jazigo de indivíduo não adulto, confeccionado em alvenaria e cerâmica.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Cruz e Anjo.

**Preservação:**

Regular estado de conservação

**Descrição:**

Jazigo de indivíduo adulto, confeccionado em alvenaria e concreto. Biotuparções de raízes.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Cruz

**Preservação:**

Regular estado de conservação.

**Descrição:**

Jazigo de individuo não adulto, confeccionado em alvenaria e cerâmica. Apresentação fatores de deterioração como quebras.

**Tipo de Sepultamento:**

Sepultamento Primário individual.

**Simbologia:**

Cruz

**Preservação:**

Regular estado de conservação

**RUINAS DO ANTIGO HOSPITAL DE FORDLÂNDIA (Fotos retiradas pela autora em 2021).**





